

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO

JULIANA RUBINI CINI

**ANÁLISE DE COBERTURA: ATAQUE AO PERIÓDICO CHARLIE HEBDO PELAS
REVISTAS VEJA E CARTA CAPITAL**

SÃO PAULO
2º Semestre/ 2016

ANÁLISE DE COBERTURA: ATAQUE AO PERIÓDICO CHARLIE HEBDO PELAS REVISTAS VEJA E CARTA CAPITAL

Monografia do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso) apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Sr. Professor Dr. Manoel Nascimento.

SÃO PAULO

2º Semestre/ 2016

Resumo

A presente monografia realiza uma avaliação crítica da mídia, pelo estudo de reportagens especiais das Revistas Veja e Carta Capital sobre o ataque ao periódico francês Charlie Hebdo, que ocorreu no dia sete de janeiro de 2015, em Paris. O trabalho é baseado na interpretação das reportagens e atribuído à teoria da análise de discurso francesa.

Palavras-chave: Jornalismo Internacional; Crítica de mídia; Atentado ao Charlie Hebdo; e Análise de Discurso francesa.

Abstract

This monograph brings a media criticism about Veja's and Carta Capital's magazine reports, evaluating and analyzing their discourses. The research is about the Charlie Hebdo attack, happened in January 7th 2015 in Paris. The monograph has a Discourse Analysis based on a french line of study by means of the two magazine reports.

Keywords: International Journalism; Media criticism; Charlie Hebdo's Attack; and French Discourse Analysis.

Sumário

1. Introdução	07
2. Capítulo 1: Cobertura Internacional no Brasil	11
2.1 Correspondentes Internacionais	11
2.2 Agências de Notícias	12
2.3 Correspondentes Internacionais vs Agências de Notícias	14
2.4 Era da Cobertura Internacional no Brasil	15
2.5 Noticiário Internacional	17
3. Capítulo 2: O Ataque	20
3.1 Depois do Ataque: comoção e repercussão mundial	21
4. Capítulo 3: Linhas Editoriais das Revistas	26
4.1 Conceitos importantes	26
4.2 Charlie Hebdo	29
4.2.1 Contestações ao islamismo e algumas publicações	31
4.3 Veja	34
4.4 Carta Capital	35
5. Análise do Discurso	37
5.1 O Sentido no Discurso	39
5.1.1 Signo	39
5.1.2 Ideologia	40
5.1.3 Enunciação	41
5.2 Aspectos Importantes a serem considerados antes da análise	41
5.2.1 Linhas Editoriais	42
5.2.2 Caráter Persuasivo do texto jornalístico	43

5.2.3 Ideias Implícitas no texto	43
6. Metodologia	45
7. Análise das Reportagens	47
7.1 Capas	47
7.2 Carta Capital	49
7.3 Veja	58
7.4 Comparativo entre as revistas	66
8. Considerações Finais	69
9. Referências Bibliográficas	71

1. Introdução

O presente trabalho consiste em uma análise crítica de mídia, por meio do estudo de caso da temática dos atentados ao jornal satírico francês Charlie Hebdo, que ocorreu em sete de janeiro de 2015, em Paris, por intermédio de avaliações das publicações das revistas brasileiras Veja e Carta Capital. A pesquisa realiza uma análise de discurso de ambas as exibições, que apresentam em seus conteúdos, suas percepções e visões diante do ocorrido.

Desta forma, o trabalho analisa, por meio da cobertura realizada pelas duas revistas, o que foi disposto em suas folhas impressas. As matérias são avaliadas pela análise do discurso, pelo o que foi escrito em suas páginas de modo direto e por uma leitura indireta, de acordo com o que será subentendido.

A pesquisa busca responder a seguinte pergunta-problema: Como revistas de circulação nacional, como a Veja e Carta Capital, com suas linhas editoriais opostas e conflitantes, dialogam diante de um acontecimento de relevância e repercussão mundial?

As publicações em estudo foram escolhidas pelo seu poder de influência em parte da população na cidade de São Paulo e por apresentarem linhas editoriais opostas. A seleção se deu a partir da visão editorial das revistas; as duas apresentam formas de pensar e maneiras de exporem suas ideias de modo diferente.

Fundada em 1968, a revista Veja apresenta “mais de um milhão de cópias impressas semanalmente” e é considerada a “revista brasileira de maior circulação”. Caracteriza-se por possuir uma “tendência neoliberal, doutrina que defende a não participação do estado na economia e compartilha os valores político-econômicos do capitalismo”, segundo sua atribuição em próprio site.

Fundada em 1994, a revista Carta Capital, de acordo com seu perfil disposto em site próprio, é caracterizada por respeitar “a inteligência do seu leitor e tem orgulho de afirmar-se progressista, respeitadora da diversidade humana e defensora de um mundo mais justo para todos”.

O periódico Charlie Hebdo, com publicações semanais, teve sua origem nos anos de 1970. Caracteriza-se como uma revista satírica, e com uma linha ideológica de esquerda,

de acordo com seu editorial disposto no próprio site. Conta, em suas publicações, com artigos que incitam a crítica política, religiosa, cultural e econômica, por meio de caricaturas, charges e matérias.

Por conta de publicações consideradas ofensivas pelos muçulmanos, o semanário foi alvo de processo judicial em 2006 e de ataques com bombas em 2011 e 2012, fatos que repercutiram em proteção policial para os jornalistas envolvidos. Apesar disso, a revista não deixou de seguir a linha editorial e continuou a publicar charges e caricaturas provocativas. Em 7 de janeiro de 2015, um atentado ao periódico, ocasionado por causa das publicações, deixou 12 mortos, sendo dez jornalistas e dois policiais. O fato repercutiu em todo o mundo e deixou a França em estado de choque. (GASPAROVIC, 2015, p.47)

De certa forma, a monografia possui o objetivo de expor uma análise crítica referente à mídia de modo focado nas revistas Veja e Carta Capital, de circulação nacional. A intenção é dispor de um comparativo de ambas as publicações, que apresentam modos incompatíveis de pensar e olhar os fatos, por conta de suas linhas editoriais, a fim de chegar a uma conclusão sobre o resultado da pesquisa.

No Brasil, a notícia foi divulgada pelos mais diversos veículos de comunicação. Contudo, cada um deles teve um posicionamento distinto a respeito do assunto: alguns defenderam a liberdade de expressão do semanário *Charlie Hebdo* enquanto outros frisaram que, mesmo não justificando de forma alguma um ataque terrorista, os cartunistas não tinham o direito de usar a imagem do profeta Maomé da forma como o fizeram. (GASPAROVIC, 2015, p.47)

Ao longo do trabalho, serão desenvolvidos capítulos, sobre as três revistas em estudo, Carta Capital, Veja e Charlie Hebdo, a fim de introduzir um prévio conteúdo sobre as publicações para maior conhecimento antes do estudo de caso das análises das publicações envolvidas.

Por meio de capítulos, a monografia se divide em: cobertura internacional jornalística; o ataque ocorrido na sede do Charlie Hebdo; linhas editoriais das revistas em pesquisa; análise de discurso; metodologia; e, por fim, análise das publicações.

A revista semanal Veja dispôs de uma capa com a manchete “Às armas, Cidadão! A defesa da civilização com as armas da civilização: direitos humanos, liberdade de expressão, humor e coragem”, pela edição 2408, publicada em 14 de janeiro de 2015. Já a revista Carta Capital, na edição 833, dispôs da manchete de capa “Charlie? O Massacre em Paris... e a crise de ideais. Em meio às mistificações, ignorância coletiva,

má-fé, e oportunismo político global, destaca-se a lucidez do único estadista em atividade, o Papa Francisco”, em 16 de janeiro de 2014.

A metodologia utilizada para a avaliação das reportagens é atribuída às teorias que embasam o conhecimento da análise de discurso, a fim de compor um material crítico sobre como as edições trabalham em suas versões sobre os fatos e o recorte atribuído por ambas. Com o propósito de estabelecer a relação entre a linguagem e a notícia, deve-se levar em consideração aspectos da produção do próprio discurso, como o contexto inserido da comunicação e a interpretação obtida pela própria pesquisadora.

Por conta disso, o presente trabalho deve seguir, em sua metodologia, a linha de análise de discurso francesa (Escola Francesa de Análise de Discurso), no qual a questão ideológica do discurso é atribuída por grandes pesquisadores, como Michel Pechêux. Contudo, compreende-se que a linha de AD francesa:

[...] se propõe a realizar leituras críticas e reflexivas que não reduzem o discurso a análises de aspectos puramente linguísticos nem o dissolvam num trabalho histórico sobre ideologia. Ela opera com o conceito de ideologia na base das relações de grupos sociais, cujas ideias entram em confronto, numa correlação de forças; considera também as noções de interpelação – assujeitamento e de Aparelhos Ideológicos do Estado que governam/regulam essas ações. Ela busca não eliminar essas contradições, mas ao contrário, fazê-la aflorar na materialidade linguística do discurso, apreendê-las nas formas de organização de antagonismos, de aliança, de dissimulação, de absorção que se processam entre diferentes formações discursivas. (BRANDÃO, 1994, p.83)

Contudo, o trabalho apresenta, em tom crítico, um relatório sobre como os conteúdos presentes nas publicações foram dispostos, por meio da análise dos recursos linguísticos utilizados, do contexto histórico, das intenções do veículo (leva-se em conta a linha editorial da revista em questão) e dos critérios comerciais por trás dos meios impressos de publicação, que chamam a atenção do leitor e incitam a compra. Apresenta também uma conclusão entre o que foi analisado nas duas revistas, a fim de responder a pergunta-problema.

A importância do trabalho para o estudo acadêmico do jornalismo permeia aspectos sociais e morais. A temática escolhida é considerada recente e de grande relevância mundial por ter envolvido não só um ataque à uma revista francesa, mas também por uma série de valores que são carregados nos princípios da profissão jornalista. A

questão da liberdade de expressão foi disposta à tona, em vários outros meios de comunicação nacional e internacional, pelo ocorrido ter despertado inquietudes que envolvem os direitos humanos.

Em tom pessoal, considero a presente pesquisa importante por conter avaliações de como os meios de comunicação apresentam suas matérias e que, de modo, muitas vezes, recortado, priorizam a ideologia do veículo de comunicação oriundo. As notícias são, de certa forma, dialogadas com as normas da empresa e, nem sempre, cumprem com os valores ideais da profissão estudados na academia.

O ataque ao Charlie Hebdo, no dia 7 de janeiro de 2015, em Paris, certamente foi considerado um marco na história do jornalismo. Por envolver princípios violados da profissão, como a liberdade de expressão, o acontecimento teve comoções em âmbito mundial. A liberdade de imprensa foi um assunto pautado em grandes meios de circulação global e julgamentos foram feitos sobre o posicionamento e concepções do periódico. Por sua vez, o trabalho une a análise crítica de mídia e os conceitos do jornalismo com a temática apresentada.

2. Cobertura Internacional

A cobertura internacional é associada às figuras dos correspondentes internacionais, jornalistas independentes em países no exterior. Eles trabalham com fatos a serem virados notícias e, dessa forma, vendem seus trabalhos para empresas de comunicação. Há também a atuação das agências de notícias, as quais são grandes empresas que atuam na produção de notícias internacionais em massa e, muitas vezes, dispõem de grandes redações e equipes de trabalho, a fim de vender, de modo expansivo, as notícias em diversos meios de comunicação.

Nesse sentido, tanto os correspondentes internacionais como as agências de notícias possuem a importante função de produzir notícias de cunho mundial e contribuir para a cobertura no ramo. Independente da forma de trabalho, as duas vertentes apresentam dinâmicas de funcionamento distintas que acabam por influenciar o produto final, a notícia.

2.1 Correspondentes Internacionais

O jornalismo internacional possui o papel de estabelecer ligações entre o que acontece pelo mundo e o modo com que a informação é passada ao país receptor. O jornalista deve transmitir, por meio de seu senso crítico e diferenciado, o olhar nacional sobre os acontecimentos do exterior.

É um aspecto importante, na cobertura internacional, a maneira com que a informação é transmitida e propagada, por meio do recorte atribuído pelo jornalista internacional. Deve ser levada em consideração, a visão do país de origem.

Na cobertura internacional, o jornalista correspondente deve atribuir em sua notícia, que será transmitida em seu país, as percepções de cunho nacional, sem extinguir suas ligações que foram construídas em seu próprio país de origem. Ao inserir o olhar nacional na cobertura, são criadas uma identificação e uma proximidade, por parte do público espectador, ao tratar nos assuntos as características da nação oriunda, sem ignorar as vertentes culturais, políticas, econômicas e religiosas.

Ele (o correspondente) tem que traduzir a realidade do país em que está e fazer o máximo possível de comparações que permitam às pessoas identificar o que está acontecendo com os referenciais que estão acostumadas a usar aqui em casa. O correspondente não pode, de maneira alguma, perder o contato com o seu país. Não é possível, por exemplo, não saber quem é Fernando Collor de Melo, ou Leonel Brizola, ou a Xuxa. (UTZERI, 1989, p. 3)

O correspondente internacional, ator que age no processo da perpetuação da notícia de outras nações, deve estar preparado para cobrir a pauta que for, entre as mais diferenciadas temáticas e possuir um bom repertório geopolítico, econômico, religioso e cultural, em parâmetro mundial, além de ter um bom conhecimento sobre o país o qual está inserido. “É importante que o correspondente, além de informado sobre o que acontece em seu país, lembre-se da forma de pensar de seus conterrâneos, para conseguir traduzir a eles uma realidade estranha”. (RUSKY, 2013, p.26)

Um correspondente com conhecimentos sobre aspectos estratégicos de um país pode apurar fatos com mais precisão, pode recorrer a fontes importantes que um apurador, profissional responsável pela apuração, não tendo essas informações, deixe passar ou considere irrelevantes. (BRITTO, 2004, p. 8)

As editorias que prezam por divulgar notícias internacionais necessitam de profissionais bem preparados, com habilidades e técnicas para enfrentar a rotina da profissão no país estrangeiro, entre suas adversidades e dificuldades. O domínio do idioma local é essencial para haver uma boa comunicação e um conhecimento íntegro do contexto dos discursos dos personagens, como em entrevistas. É preciso haver uma compreensão tanto da linguagem formal como da informal, sendo um aspecto primordial da profissão repórter.

2.2 Agências de notícias

A considerada primeira agência de notícias foi elaborada pelo banqueiro francês Charles-Louis Havas e foi nomeada como *Agence des Feuilles Politiques et Correspondance Générale* e, posteriormente como *Havas*, em 1835. Ele foi o responsável por inserir as notícias nos planos dos negócios no setor da comunicação. Sua empresa atuava no setor

econômico, como nas partes de “cotações de mercadorias e matérias primas”, “questões tributárias”, “acordos políticos” e “previsões de colheita”. (AGUIAR, 2009, p. 4).

Outros empreendedores do ramo apareceram e fundaram suas empresas, como Julius Reuter, fundador da agência britânica *Reuters*; e Bernhard Wolff, fundador da Wolff, “embrião da *DPA* alemã”.

A Wolff e a Reuters competiram arduamente pela captura do florescente mercado europeu. Wolff instalou-se em Berlim e, graças a uma associação com Werner Siemens [N.doA. fundador da Siemens, em 1847], tirou proveitosas vantagens do uso de canais telegráficos. Reuter instalou-se inicialmente na França e logo ganhou um espaço próprio para cobrir distâncias não cobertas pelo telégrafo, como pombos-correio, cavalos e ferrovias. (SALINAS, 1984; p. 35)

As três agências, com poucos anos de fundação, já se viam como concorrentes uma das outras. Dessa forma, criaram carteis que dividiam regiões do mundo em áreas destinadas à prestação de serviço de cada empresa, “nas quais cada uma teria monopólio tanto sobre a apuração de notícias quanto sobre a venda de assinaturas para a imprensa local”, no período entre os anos de 1859 e 1918. (AGUIAR, 2009, p. 10).

Na nação brasileira, Assis Chateaubriand foi o pioneiro em apostar nas agências, pela sua empresa Diários Associados. Depois dele, grandes veículos começaram a entrar no ramo:

Os quatro maiores sistemas privados de comunicação do país criaram as suas próprias agências: Jornal do Brasil, O Estado de S. Paulo, O Globo e Folha de S. Paulo. Esses serviços de âmbito nacional operam como empresas autônomas e fornecem notícias para clientes internos e externos. (...) Embora juridicamente autônomas, as agências noticiosas que derivam dos sistemas de comunicação como JB, O Estado, O Globo e Folha dependem das cópias da redação desses veículos para suprir o mercado. (BAHIA, 2009, p. 279-280)

Nos Estados Unidos e na Europa, a “estratégia de circulação” das agências de notícias “servia para remeter textos originais (ou seja, produzidos e enviados com exclusividade para os clientes)”, elas eram as grandes produtoras das notícias de cunho mundial. O Brasil, país receptor dessas notícias, comprava os produtos das empresas, de modo a alimentar editoriais internacionais de veículos nacionais. Inserido no mercado anglófono,

“esse tipo de negócio (distribuição de conteúdo não exclusivo para jornais e outros veículos) é conhecido como *news syndication*”. (AGUIAR, 2015, p. 4).

As agências são responsáveis por elaborar conteúdos de cunho mundial, com abordagens que visam a um olhar mais simplista, objetivo e direto. De certa forma, seus trabalhos, por se repercutirem de modo massivo em grandes canais de comunicação, são conteúdos generalizados, por vezes, sem grandes aprofundamentos e com tom imparcial, elaborados a serem disparados em vários meios, de modo simultâneo.

A dependência da maior parte da mídia brasileira de agências de notícias com informações padronizadas a qualquer país e repórteres que gastam horas destrinchando imagens enviadas por agências para escrever um texto também sustentado pelo que elas enviaram e não pelo trabalho em campo, envolvimento com fontes e entendimento profundo do tema torna tudo mais monótono. (RUSKY, 2013, p. 21)

As agências de jornalismo, consideradas de grande importância na transmissão das notícias internacionais, não possuem a mesma dinâmica de funcionamento e forma de trabalho dos correspondentes no exterior. Contudo, pode-se afirmar o processo de produção de notícias de ambos são diferenciados.

2.3 Correspondentes Internacionais vs Agências de Notícias

Deve-se levar em consideração que uma notícia, disseminada a partir de uma agência de notícias, não possui o mesmo dinamismo de produção de uma notícia elaborada por um correspondente internacional. O correspondente, inserido no país estrangeiro, possui a função de absorver o que está ao seu redor e traduzir, a partir da sua visão, os acontecimentos ao seu público. Por conta disso, o olhar nacional e tom humano são fatores que devem estar presentes no trabalho do correspondente internacional, como pontos relevantes e de diferença entre os dois meios propagadores da notícia internacional.

Segundo Rusky (2013), não é possível comparar o trabalho de grandes agências de comunicação, como a *Reuters* e a *Agence France Presse* (AFP), com a atuação de

correspondentes internacionais que, por sua vez, trabalham em casa e devem ter grandes responsabilidades.

Por outro lado, pode haver a redução no número de correspondentes internacionais, por conta do grande índice de agências de notícias espalhadas pelo mundo, pelo motivo de ambos trabalharem com conteúdos sobre o estrangeiro, apesar de suas diferenças. "Se há trinta anos, empresas mantiveram sucursais em capitais como Paris e Londres, hoje, o número de profissionais atuando em pequenos escritórios foi bastante reduzido" (CASTRO, 2006, p. 15).

De certo modo, embora as agências tenham o domínio de "boa parte do mercado de notícias internacionais", além de terem a "grande vantagem na cobertura de assuntos gerais, uma vez que possuem redações grandes e bem estruturadas, com um número grande de funcionários e com plantonistas", os correspondentes internacionais não devem entendê-las como uma concorrência direta. (RUSKY, 2013, p. 36)

Segundo RUSKY (2013, p.32), grande parte dos correspondentes internacionais possui a intenção de "reportar mais do que o factual" e não se preocupam em somente se restringir ao "dizer como estão a economia e a política do país onde está e relatar os acontecimentos dali. Eles querem ir além da *Hard News* e mostrar as peculiaridades das pessoas de lá e como vivem".

2.4 Era da Cobertura Internacional no Brasil

A indústria jornalística brasileira, ainda na década de 1950, contava com cerca de 90% publicações oriundas de materiais de agências de notícias, ao se referir sobre conteúdos internacionais. Pode-se afirmar que, somente entre os anos de 1960 e 1990, a porcentagem começou a diminuir, período que houve a consolidação de meios de comunicação no país, e com isso, entrou em cena o papel do correspondente internacional. A época também é marcada pela chegada da televisão. (RUSKY, 2013)

Nas redações do Brasil, a Internacional foi uma editoria de constituição tardia: só a partir do final dos anos 1950, com a modernização das técnicas e dos processos jornalísticos, é que se destacam equipes

especializadas nesta cobertura (embora o noticiário exterior estivesse presente desde o início). (AGUIAR, 2008, p. 5)

De acordo com uma pesquisa feita no ano de 1970, as notícias internacionais dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Jornal do Brasil*, analisadas durante o período de tempo de sete dias, apresentaram a maior parte de seus conteúdos, de cunho mundial, vindo a partir de materiais recebidos por agências de notícias:

O Estado teve 55,8% da editoria preenchida com material das chamadas “grandes agências” – Agence France Press (AFP), United Press International (UPI), Associated Press (AP), Reuters, a italiana ANSA, a alemã DPA e a espanhola EFE. Reproduções de jornais estrangeiros, como The New York Times e Washington Star, somavam 9,4%; 4,8% de outras fontes externas e apenas 30% dos textos publicados era de seus correspondentes internacionais. No JB, 42,5% da editoria era ocupada com reportagens e entrevistas dos correspondentes, enquanto os mais de 50% restantes eram alimentados com despachos de agências (CASTRO, 2006, p. 53).

Segundo Agnez (2012, p.85), por conta do período da ditadura militar e da censura, “pouco se podia noticiar sobre o que acontecia no país”, e por esse motivo, notícias internacionais adquiriam maior atenção e se destacavam nos canais e periódicos.

A ação dos correspondentes internacionais, por sua vez, representava um pouco menos da metade das publicações dos jornais. Deve-se levar em conta que notícias elaboradas pelos jornalistas internacionais apresentam um cunho mais humano e carregam o olhar nacional na apuração, se opondo às matérias vindas das agências, que são padronizadas e que tratam de assuntos gerais de modo mais simples.

Por volta da década de 1990, os jornalistas internacionais já desempenhavam suas devidas funções. “Há cerca de 25 anos, *O Estado de S. Paulo* possuía dez correspondentes permanentes. A Folha de S. Paulo, sete, enquanto o *Jornal do Brasil* e *O Globo* andavam com equipes em número equivalente” (NATALI, 2004, p. 56).

Na década de 90, entretanto, a crise financeira dos grupos de comunicação brasileiros resultou numa redução de despesas - e manter profissionais expatriados deixou de ser uma prioridade. Além disso, o período corresponde ao de ascensão das tecnologias de comunicação, que, em certa medida, permitem ter acesso aqui mesmo das redações, com rapidez, às notícias de diferentes partes do mundo. (AGNEZ, 2012, p. 7)

Por outro lado, a crise econômica dos conglomerados de comunicação, nos anos de 1990, acarretou em mudanças sobre as indústrias do ramo. Houve a diminuição de

jornalistas enviados para cobrir acontecimentos no estrangeiro, de modo a influenciar nas práticas e atuação do correspondente internacional.

2.5 Noticiário Internacional

Na publicação *Jornalismo e Desinformação* (2001, p. 16) do jornalista Leão Serva, corresponde internacional por aproximadamente 25 anos, há a exposição de uma crítica referente ao comportamento da imprensa internacional. Ele expõe certos erros que o jornalismo comete “há séculos e que continua cometendo nas eras digitais”.

Por meio de sua experiência de trabalho na ex-Iugoslávia, em cobertura jornalística de guerra, o autor apresenta indignações quanto ao papel “(des)informativo da imprensa”. Ele critica o material internacional produzido e repercutido pelas grandes empresas de comunicação por seu tom repetitivo e “sistêmico”.

Ele mostra que a domesticação da massa de notícias produzida todos os dias nas redações (a ordenação e a hierarquização da matéria-prima informativa que o jargão jornalístico batizou de ‘edição’) ao contrário de ‘organizar o caos’, aumenta ainda mais, na cabeça do leitor, a confusão e a incompreensão dos fatos cobertos pela mídia. (SERVA, 2001, p. 17)

Serva demonstra que, a partir da repercussão de informações padronizadas da mídia internacional, é formado o fenômeno da ‘desinformação funcional’. Ele assemelha o processo aos casos de alfabetização ineficiente, em que pessoas em suas fases de alfabetização aprendem somente a juntar letras ou frases completas, mas não compreendem o real significado do todo.

A abundância de informações sequenciais e repetitivas de notícias vindas de agências leva o autor a apontar a “dimensão da gravidade da ferida” em números. O resultado demonstra que a quantidade excessiva de material gera a falta de compreensão por parte dos leitores:

Cada uma das doze maiores agências mundiais de notícia envia todos os dias de 6 a 8 mil despachos; uma edição do jornal The New York Times contém mais informações do que tudo o que um homem médio do século XV aprendeu nem toda a sua vida; em um ano, um norte americano médio terá lido 100 jornais e revistas, assistido a 2.463 horas de televisão e ouvido 730 horas de rádio. (SERVA, 2001, p.17)

Dessa forma, os comportamentos midiáticos apresentados pelo autor são considerados “pecados que correm o risco de se tornarem mortais, quando a desinformação deixa de ser um erro para se converter em uma estratégia comercial”. Para Serva, como forma de escape, a Internet é encontrada por sua “ampla liberdade de escolha” de acesso à conteúdos de interesse do receptor, o que difere da televisão, em que canais possuem conteúdos prontos a partir da seleção por filtros das empresas de comunicação. (SERVA, 2001, p.17 -18).

Segundo Rusky (2013, p. 21), o povo brasileiro não tem interesse de leitura pelo noticiário internacional. Por conta disso, a autora não coloca a culpa somente no público pelo desgosto, como também culpa as empresas de jornalismo nacionais. Como explicação, Renata Rusky afirma que os meios de comunicação apostam em exibir várias matérias oriundas das agências de notícias e que, por sua vez, apresentam “informações padronizadas”, o que “torna tudo mais monótono”, ao extrair o trabalho de campo do jornalista e, por consequência, seu olhar diferenciado sobre a matéria envolvida.

Rusky (2013, p. 21) também analisa, em sua pesquisa sobre correspondência internacional, que outro motivo pela situação do noticiário internacional estar “monótono” é por ele ser influenciado pela “localização da produção do noticiário internacional, determinado por fatores econômicos da mídia”. A localidade do eixo de atuação e produção das matérias internacionais é estabelecida entre Rio e São Paulo, e jornais de portes menores, não têm estruturas necessárias para competir e investir, como ocorre nos grandes meios. Em suma, essa ação ocasiona em repercussões das notícias internas vindas das agências de comunicação, uma vez que pequenos escritórios não sustentam “uma estrutura de correspondentes expatriados”.

De acordo com pesquisa apurada por Agnez (2013, p. 84 e 85) sobre o jornalismo internacional no país, atualmente, 44% dos correspondentes internacionais brasileiros no exterior são de periódicos impressos; e 47% são de canais de televisão. Do número total, 20% estão situados nos Estados Unidos; e a Argentina, França e Inglaterra possuem entre 5% e 10% de jornalistas brasileiros.

A TV Globo, em 2009, colocou correspondentes no Japão, na África do Sul e Portugal, estimulada pela concorrência da TV Record, que já possuía

profissionais nesses locais e que se tornou a maior concorrente desta que é a maior emissora do país [...] A *Folha de S. Paulo* conta com 11 colaboradores, distribuídos entre EUA, Inglaterra, Alemanha, Espanha, China, Venezuela, Argentina, Israel e Irã; *O Globo*, com 10, entre fixos e colaboradores, abrangendo Japão, Inglaterra, França, EUA, Alemanha, Argentina, Espanha, Israel e China; e *O Estado de S. Paulo*, com 10, na França, Suíça, Argentina, China, Inglaterra e nos EUA. (RUSKY, 2013, p. 21 e 22)

Nesse sentido, entende-se que o noticiário internacional aposta em se alimentar tanto por notícias vindas de agências, como produzidas por correspondentes. O modo como a editora trata de expor o conteúdo depende de aspectos que atingem os recursos que a empresa possui e o seu investimento em notícias nesse ramo.

3. O Ataque

A cidade de Paris foi atacada, no dia sete de janeiro de 2015, por um uma organização de mulçumanos que foram considerados extremistas. O grupo foi formado pelos irmãos Saïd e Chérif Kouachi e pelo terceiro membro Hamyad Mourad. Eles invadiram a sede do jornal francês *Charlie Hebdo*, por volta das onze horas e trinta minutos da manhã.

O periódico é famoso por seu conteúdo crítico em relação à religião mulçumana. O jornal satírico é conhecido pelo seu tom polêmico e por constar um histórico editorial ofensivo aos seguidores da religião islâmica.

Diversas publicações e charges satirizam o profeta Maomé, considerado uma figura cultuada pelos fiéis. “Vale ressaltar que qualquer reprodução do profeta Maomé é proibida no Islã, e o fato de um não mulçumano criar uma reprodução da imagem dele configura um ato simbólico de afronto”. Sem dúvida, a revolta gerada por parte dos terroristas motivou a invasão ao Jornal. (MARQUES; PARZIANELLO; 2015, p. 4)

Segundo o portal de notícias G1, do dia 07 de janeiro de 2015, no ato, foram disparados tiros e houve a morte de doze vítimas e pelo menos onze ficaram feridas, entre elas, alguns dos editores e cartunistas do Jornal. Todos os executados foram identificados, como Stéphane Charbonnier, editor e cartunista, conhecido por Charb; Wolinski, cartunista; Bernard Maris, economista e vice-editor; Jean Cabu e Bernard Verlhac, cartunistas; Phillippe Honoré, desenhista; Mustapha Ourad, revisor; e Elsa Cayat, psicanalista que tinha coluna quinzenal.

Logo após o ataque terrorista na sede do Jornal, os assassinos teriam saído do local e trocado tiros com os policiais:

Em seguida os atacantes teriam fugidos em um carro, onde atropelaram uma pessoa. A seguir, trocaram de carro, roubando a viatura de um condutor, que expulsaram do veículo. Foi nesse momento que, segundo uma testemunha, identificaram-se como sendo da rede terrorista Al-Qaeda, no Yemen. Ainda, algumas testemunhas ouvidas pela polícia disseram que os homens gritavam “Vingamos o nosso Profeta”. (FREIRIA; MATTOS; PIMENTA; ROCHA, 2015, p. 72)

Entre as outras vítimas estão Franck Brinsolaro, policial morto dentro da sede; Ahmed Merabet, agente morto na rua durante a saída dos assassinos; Frédéric Boisseau, um empregado da Sodexo que trabalhava no edifício; e Michel Renaud, visitante da redação.

A ação é compreendida como uma “vingança da doutrina islâmica à revista”, por conta de suas publicações de notícias e imagens terem tom sarcástico que ridicularizavam a figura do Profeta Maomé. Certos conteúdos são considerados inaceitáveis para os fiéis, já que “ofender o profeta é o mesmo que ofender a todos eles”. Deve-se levar em conta que nem todos os muçulmanos são terroristas como o periódico apresenta, ao expor sempre os fiéis “portando armas ou fazendo alusão à violência”. (FREIRIA; MATTOS; PIMENTA; ROCHA, 2010, p. 72)

De acordo com o site G1 da globo, do dia sete de janeiro de 2015, o histórico de ameaças à sede do semanário foi iniciada em 2006, quando houve publicações do profeta de forma cômica. Em novembro de 2011, o local foi alvo de um ataque criminoso, considerado como um atentado pelo governo na época, após a publicação de piadas com a lei islâmica, ou shaira. No ano de 2012, o próprio diretor do Jornal, Stephane Charbonnier, antes de sua morte, afirmou que a religião islâmica era considerada uma inimiga do Charlie Hebdo. Apesar do ocorrido, o periódico não deixou de produzir conteúdo relacionado às charges e caricaturas provocativas. Em sete de janeiro de 2015, foram deixados um total de 12 mortos na redação do periódico.

3.1 Depois do ataque: repercussão e comoção mundial

Após o atentado ao periódico, houve uma intensa repercussão e comoção mundial por parte das pessoas que souberam do ocorrido e abraçaram a causa, tomando um posicionamento contra ou a favor das publicações contidas no semanário de humor.

Segundo o portal de notícias G1, do dia sete de janeiro de 2015, os atentados tiveram um alcance internacional, foram repercutidos na mídia e em redes sociais; diversas nações e organizações prestaram discursos pelo massacre e apoiaram a França, como os Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha, Comissão Europeia, Otan, Espanha, Egito, Vaticano, Papa Francisco, Ziraldo e outros cartunistas brasileiros, Liga Árabe e Al Azhar, Conselho do Culto

Mulçumano, Irã, Rússia, Israel, Unesco, Dinamarca, Secretário-geral da ONU, Jordânia e Turquia.

Ocorreram diversos protestos em países tanto da Europa como de outros continentes, atribuídos pela frase *Je suis Charlie*, que significa *Eu sou Charlie*, em homenagem aos jornalistas mortos e em prol da liberdade de expressão. Por outro lado, houve também a corrente *Je ne suis pas Charlie*, que significa, *Eu não sou Charlie*, em defesa do limite da liberdade de expressão, ao combate à islamofobia e em respeito a liberdade de escolha religiosa. (FREIRIA; MATTOS; PIMENTA; ROCHA, 2015, p.73)

“Eu não sou Charlie”. Esta afirmativa, primeiramente, não defende a atitude dos homens de fazer vingança com as próprias mãos tirando a vida de várias pessoas, muito menos defende qualquer tipo de terrorismo. Evidente que todos ficam chocados e sensibilizados pela morte dos jornalistas, porém, não é essa a questão posta em debate. (FREIRIA; MATTOS; PIMENTA; ROCHA, 2015, p. 76)

A nação francesa possui aproximadamente seis milhões de mulçumanos que, em sua maior proporção, são “colocados à margem social, excluídos da sociedade”, sendo “vítimas do estereótipo criado em torno deles, justamente por conta do preconceito hoje existente no país”. Certamente o jornal contribui por essa expansão e divulgação de preconceito, que incita, cada vez mais, os franceses a construírem uma aversão ao povo islâmico. (FREIRIA; MATTOS; PIMENTA; ROCHA, 2015, p. 76)

Segundo o portal G1, na época, o presidente François Hollande definiu o ocorrido como um “ataque terrorista” e alertou o estado de choque no país. Também já tinha consentimento de que a nação “estava ameaçada, como outros países do mundo” e disse que “foram desbaratados vários atentados terroristas nas últimas semanas”.

O página *on-line* do *Le Monde* publicou, um dia após o atentado, uma matéria baseada nos depoimentos das vítimas sobreviventes e uma foto da redação com rastros de sangue pelo chão e folhas espalhas. O título da matéria significa *Atentado ao Charlie Hebdo: Vocês vão pagar por vocês terem insultado o profeta*.

Attentat à « Charlie Hebdo » : « Vous allez payer car vous avez insulté le Prophète »

LE MONDE | 08.01.2015 à 12h59 - Site à jour le 08.01.2015 à 13h40 |

Par Soren Savigny

Abonnez-vous
à partir de 1 €

Mémoire Classement

Partager

Recommander Partager 2 712 personnes recommandent ça. Soyez le premier
parmi vos amis.



Ils étaient tous là, ou presque. Comme tous les mercredis. Réunis entre

O jornal Le Figaro publicou, em seu portal, no mesmo dia do ataque, uma matéria atribuída à seguinte manchete: No Charlie Hebdo, os terroristas gritaram <<Allah Akabar! Nós vingamos o profeta>>.

À Charlie Hebdo, les terroristes ont crié : « Allah akbar ! Nous avons vengé le Prophète ! »

Par Edouard de Mareschal, Stéphane Kovacs | Mis à jour le 21/01/2015 à 14:47
/ Publié le 07/01/2015 à 22:20



Les membres du commando avaient visiblement bien préparé leur coup, ils sont passés à l'action le jour précis où les dessinateurs de *Charlie Hebdo* tenaient leur

O periódico espanhol *El País* publicou, no próprio dia do atentado, uma matéria sobre a repercussão que teve o atentado, ao levar mais de 100 mil pessoas às ruas em dezenas de cidades francesas, como forma de manifestação por meio de marchas espontâneas. O protesto foi um meio das pessoas se posicionarem contra o ataque terrorista e se colocarem em defesa da liberdade de expressão. A manchete da matéria foi “Milhares de pessoas se concentraram em Paris depois do atentado ao Charlie Hebdo”.

ATENTADO CONTRA EL CHARLIE HEBDO »

Miles de personas se concentran en París tras el atentado a ‘Charlie Hebdo’

Las principales ciudades francesas han convocado a marchas espontáneas para condenar los ataques terroristas



CARLOS YÁRNOZ

París - 7 ENE 2015 - 20:21 BRST



Miles de franceses manifestaron contra los ataques terroristas a 'Charlie Hebdo' en el Palacio Real en Nantes. / GEORGES GOBET (AFP)

Más de 100.000 personas se han manifestado a última hora de la tarde de este miércoles en decenas de ciudades francesas para condenar [el atentado contra el semanario satírico Charlie Hebdo](#) y en defensa de la libertad de expresión. La mayoría de las protestas fueron espontáneas y en ellas se exhibieron miles de pancartas con la frase “Je suis Charlie” (“Yo soy Charlie”), unas palabras

A colunista Roxane Gay da página on-line do jornal britânico The Guardian escreveu sua opinião referente ao ocorrido, com o seguinte título: “Se Je ne suis pas Charlie, eu sou uma pessoa ruim? Nuanças se perdem em meio aos grupos pensantes”, ou seja, se a escritora for contra a corrente “Je suis Charlie”, ela mesma se pergunta se não é considerada uma pessoa boa. Em um dos trechos expõe que nossas respostas são limitadas em “estar conosco ou estar contra nós” e aqueles que precisam se lamentar e serem solidários com complexidades são vistos como vilões.

theguardian

UK world sport football opinion culture business lifestyle fashion environment tech travel

home > opinion columnists

Charlie Hebdo attack
Roxane Gay column

If je ne suis pas Charlie, am I a bad person? Nuance gets lost in groupthink
Roxane Gay



When our responses are limited to 'you are either with us or against us', those that need to mourn and be sympathetic to complexities are cast as villains



No is also a good word. Photograph: Henrik Montgomery/EPA

4. Linhas editoriais das revistas

O capítulo dispõe da apresentação das linhas editoriais das revistas em estudo para posteriormente, nos próximos capítulos, haver uma análise das reportagens selecionadas. As publicações trabalhadas na pesquisa são: *Veja*; *Carta Capital* e *Charlie Hebdo*.

Os meios de propagação da informação em massa tiveram grande importância na repercussão e divulgação do atentado em Paris. “Antes mesmo de se ter uma ideia clara do acontecido, já se organizavam multidões em protesto”. Desta forma, deve-se deixar clara a relevância que esses veículos apresentam na sociedade e o efeito que suas ações podem atingir, por meio do estudo de suas ideologias e linhas editoriais. (MARQUES; PAZZIANELLO, p.7, 2015)

Antes da apresentação das pontuais publicações em exercício, é importante se lembrar de conceitos que movem linhas editoriais de veículos de comunicação.

4.1 Conceitos importantes

As publicações em estudo apresentam formas distintas de se comportarem, ao coletarem as informações, atribuírem um recorte do acontecimento, selecionarem o que incluir no produto final e produzirem seus respectivos materiais para ser divulgado ao público que irá consumi-los, de acordo com seus princípios, valores e visões.

O processo de construção da notícia (*newsmaking*) é determinado, sem dúvidas, pela linha editorial do veículo e pelos critérios de noticiabilidade. Wolf (2005 apud TUCHMAN, 1993) destaca a seguinte citação:

O mundo da vida cotidiana – a fonte das notícias – é constituído por uma superabundância de acontecimentos [...]. A seleção implica, pelo menos, o reconhecimento de que um acontecimento é um acontecimento e não uma casual sucessão de coisas cuja forma e cujo tipo se subtraem ao registro. O objetivo de selecionar tornou-se mais difícil devido a uma característica posterior dos acontecimentos. Cada um deles pode exigir ser único, fruto de uma conjunção específica de forças sociais, econômicas, políticas e psicológicas que transformaram um acontecimento «neste acontecimento particular» (WOLF, 2005, p. 271).

Dessa forma, as publicações são atores responsáveis por selecionarem o que querem transmitir e passarem a ideia principal do veículo a um nicho, ao público-alvo. Isso implica

que determinados valores e visões sejam ressaltados em comparação a outros que são ocultos.

As linhas editoriais permitem que o público, em geral, conheça o pensamento e as formas de atuação dos veículos de comunicação em questão. São importantes por estabelecerem diretrizes que estruturam e sustentam os materiais divulgados, como as reportagens publicadas, os tipos de fotos apresentados, as manchetes atribuídas e a mensagem central que será transmitida por meio da compreensão do produto final.

Kovach e Rosenstiel acreditam que, diante do processo de elaboração da notícia, “no fim das contas, o jornalismo é uma questão de caráter”. Segundo eles, o jornalismo deveria seguir alguns valores, considerados indispensáveis, mesmo com variadas linhas editoriais existentes. Entre eles estão: a obrigação com a verdade; a lealdade com os cidadãos; a disciplina da verificação, etc. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p.273).

Como não existe no jornalismo leis, regulamentos, nem licenças e muito menos um autopolicimento não formal, e já que o jornalismo por sua natureza pode cair no aspecto escandaloso, pesada é a carga em cima da ética e do julgamento do jornalista e da organização onde ele ou ela trabalham. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p.273)

É reforçada a necessidade da honestidade e da ética que o jornalista deve ter com o cidadão e com a sua própria consciência. Os autores defendem ainda que o indivíduo deve exigir um jornalismo de qualidade. O jornalista produz o que é bem aceito no mercado e traz recursos financeiros positivos, porém isso pode não estar associado a um jornalismo com alta credibilidade.

É função das linhas editoriais dos jornais expor conteúdos que, de certa forma, não são agressivos aos valores do jornalismo, dentre eles a obrigação com a verdade, a lealdade com os cidadãos, a disciplina da verificação, destacados por Kovach e Rosentiel (2004).

De acordo com os livros de teorias do jornalismo, atribuídos por Traquina (2005) e Wolf (2005), os veículos de comunicação possuem suas determinadas visões, condizentes com suas próprias linhas editoriais, associadas às organizações jornalísticas. Os membros que trabalham nos conglomerados de comunicação atuam de forma a exporem

ideias e caminhos convincentes, que acabam por influenciar seu leitor a pensar da mesma forma que a empresa correspondente defende.

Muitas vezes, os princípios éticos do jornalismo, estudados nas academias de comunicação social, são violados a fim de exporem ideologias que não condizem com os reais valores da profissão. São ressaltados os interesses pelo lucro, em suporte ao mercado financeiro, a persistência em divulgar matérias que distorcem a verdade, de forma recortada e distorcida, ao não ouvir os dois lados, a fim de seguir uma determinada visão editorial dentro de uma empresa de comunicação.

De acordo com Kovach e Rosentiel, em *Os elementos do Jornalismo* (2004), o conteúdo editorial, por carregar a ideologia da empresa, nem sempre dialoga com os valores da profissão jornalista. Desta forma, cabe aos jornalistas aplicarem a ética da profissão, aprendida na academia, para realizar um jornalismo mais verdadeiro e ausente de influências externas que prejudiquem o produto final, a informação.

Também deve-se levar em consideração que as reportagens analisadas são encontradas em revistas, o que as leva a ter um caráter diferenciado, sendo não só informativas, mas também opinativas e interpretativas:

Por se tratar de publicações semanais, quinzenais ou mensais, as revistas acabam se distanciando do tempo real da notícia. Dessa forma, o foco de suas publicações não é o fato em si, mas aprofundar causas, consequências e repercussão como um todo do assunto que envolve o acontecimento, não só de forma informativa, mas também interpretativa e opinativa. (GASPAROVIC, 2015, pg.49)

Segundo Gasparovic (2015, p.49), o jornalismo de revista conta com fatores particulares, em comparação aos outros veículos de comunicação, entre eles estão a “especialização, a variedade, a linguagem e o aprofundamento”.

Scalzo (2003, p.11) define que as revistas atraem um nicho, com seus determinados pontos de vista, como “um fio invisível que une um grupo de pessoas”, por meio da criação de identidade e identificação de determinado grupo. Ainda pode levar em conta que as revistas possuem o papel de “[...] ajudar na complementação da educação, no aprofundamento de assuntos, na segmentação, no serviço utilitário que podem oferecer

a seus leitores. Revista une e funde entretenimento, educação, serviço e interpretação dos acontecimentos” (SCALZO, 2003, p. 14).

De acordo com Medina (1988), outro fator atrelado ao jornalismo de revista é a questão da interpretação. O Jornalismo Interpretativo se atrela à investigação aprofundada sobre parâmetros que antecederam o fato, além de analisar o contexto na íntegra em que o acontecimento se insere. Neste gênero, estão envolvidos detalhes sobre os processos investigativos que antecederam o fato e sobre o depois do fato, com o apoio de fontes e especialistas.

4.2 Charlie Hebdo

Fundada na década de 1970, a revista francesa Charlie Hebdo possui publicação semanal. O editorial é definido como libertário e com a orientação política esquerda plural, de acordo com François Cavanna (conhecido como Charb), antigo editor do semanário, morto no atentado em janeiro de 2015.

Considerado um periódico de humor satírico, seu interior é predominado por diversas ilustrações, com as charges, além disso, são publicadas crônicas e matérias que apresentam assuntos sobre economia, política, religião e a sociedade da França. Por vezes, publica materiais de cunho internacional e cultura. De acordo com site do próprio jornal, ele se auto define como laico, crítico, satírico, político e divertido.

Segundo o portal da Folha, de sete de janeiro de 2015, frequentemente a publicação expõe e satiriza o Partido Comunista Francês, a hierarquia judaica, o conservadorismo no catolicismo e o fundamentalismo islâmico.

A versão anterior da publicação era denominada por *Hari-Kiri*, fundada por George Bernier, com edições mensais. Foi característico por seu tom ácido e crítico, levou a atribuição “estúpido e mau”, após receber uma carta de um leitor. A publicação tornou-se proibida em 1970, por satirizar Charles de Gaulle, militar, ex-dirigente da Resistência à Ocupação Alemã, estadista e ex-presidente morto em uma tragédia em uma boate que

matou 146 pessoas. Foi exposta a seguinte manchete: “Baile trágico em Columbey, um morto”, ao se referir sobre o incêndio na discoteca, em Saint-Laurent-du-Pont.

Após o ocorrido, em nome do governo da França, Raymond Mercein, gaullista conservador, ao lado do presidente da república George Pompidou, proibiu a circulação do veículo.

A fim de continuar com as edições do periódico e contornar o impedimento das publicações, o nome foi mudado para *Charlie Hebdo*, baseado no personagem Charlie Brown e em um trocadilho com o ex-presidente falecido no incêndio no baile. A mudança do nome também é inspirada em uma revista de história em quadrinhos, com circulação mensal, a *Charlie Mensuel*. Charlie Brown é o personagem em quadrinhos e protagonista de *Peanuts*, criado pelo norte-americano Charles Schulz.

No ano de 1981, por falta de recursos financeiros, o periódico fechou suas portas, e foi reaberto somente onze anos depois, em 1992. Certos cartunistas não voltaram a trabalhar dentro da publicação, como Gébé, Cabu, Topor e Fred. Por outro lado, houve a inserção de novos membros na equipe, com a atuação de Delfiel de Ton, Pierre Fournier e Willem.

Para João Batista Natali (2015), em publicação no portal *on-line* da Folha de S. Paulo, o semanário Charlie Hebdo era “bem mais que um veículo de humor negro”. Ele foi responsável por ampliar e criar, na mídia da França, um território editorial que se denominava libertário, “como uma cascata que protegia uma constelação muitíssimo diversificada dos pensamentos da esquerda não oficial”. Dessa forma, tinha implicações com o “catolicismo conservador, com o Partido Comunista, com a hierarquia judaica, com a extrema direita e com o terrorismo islâmico”. Apesar do periódico não possuir uma grande circulação, “era, por intermédio dele, que sobreviveu, na mídia, o pensamento criativo, nascido nas barricadas estudantis de maio de 1968”. (NATALI, p.1, 2015)

De acordo com Natali (2015, p.1), o periódico foi também considerado uma espécie de escola, onde o melhor do cartunismo francês cresceu e ganhou destaque, ao dar espaço às publicações em imagens caricaturadas, de modo cômico. Uma das intenções editoriais “estava no fato de que, pura e simplesmente, não prestava aquilo que era

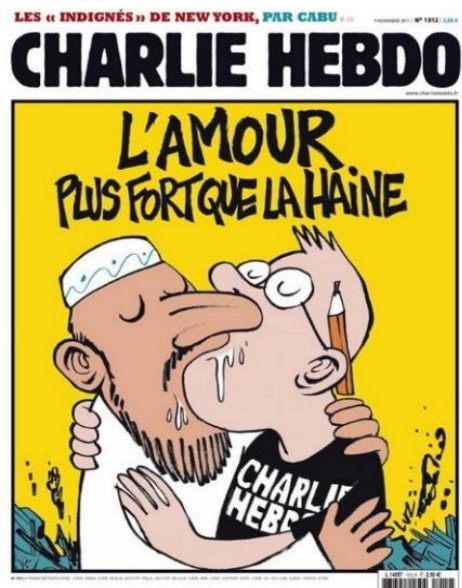
institucionalmente sério, em termos de política ou de costume. Certos almanaques publicados davam conta, com muito humor, desse recado”.

4.2.1 Contestações com o islamismo e algumas publicações

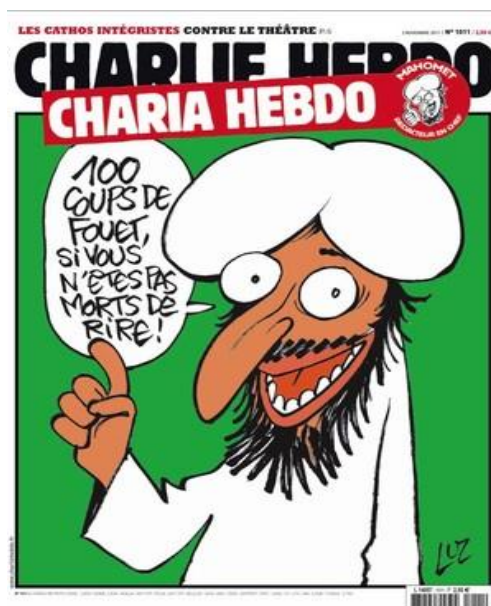
De acordo com o portal da Folha, do dia sete de janeiro de 2015, em 2006, foram iniciadas incompatibilidades entre o periódico e os fundamentalistas islâmicos, ao serem reproduzidas as charges satíricas do profeta Maomé do jornal dinamarquês *Jyllands-Posten*, em capa da edição. A ação trouxe repercussão negativa e levou a extremistas islâmicos a agirem de forma violenta contra a embaixada dinamarquesa. O Conselho francês do culto mulçumano requisitou a proibição de vendas do jornal. Em fevereiro de 2008, a polícia da Dinamarca prendeu três indivíduos que executavam um plano para assassinar o cartunista dinamarquês Kurt Westergaard, que criou as charges no jornal. Em novembro de 2011, a sede do Charlie Hebdo foi alvo de bombardeio, pois o periódico nomeou, em determinada edição, o profeta como “editor-chefe”. Nos anos seguinte, as publicações consideradas desrespeitosas aos islâmicos, continuaram a ser vendidas e a empresa, permanecia, da mesma forma, perseguida.

Segundo o portal *on-line* G1, do dia sete de janeiro de 2015, imagens de política e de religião são referências em grande parte das capas do jornal. Dentre as capas não está somente Maomé como alvo, mas também Jesus Cristo, os cardeais do Vaticano, os papas Francisco e Bento XVI, o presidente François Hollande e ativistas do Fêmen.

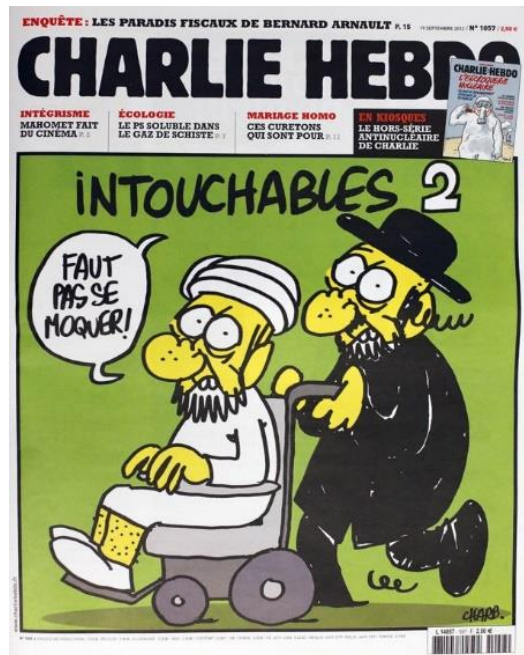
Ainda de acordo com o portal G1, Por meio de análise das capas, em publicação de novembro de 2011, é representada a imagem do escritor Michel Houellebecq, reconhecido por seu trabalho no exterior, para divulgar a sua mais nova obra de ficção política “Submissão”, em que o autor apresenta uma nova França islamizada em 2022, após a eleição de um presidente mulçumano. A frase da capa, *L’amour plus fort que la haine*, tem como significado *O amor é mais forte que o ódio*, sendo representada a figura do profeta e do escritor.



Elaborada pelo cartunista Luz, a publicação de novembro de 2011, carrega em sua capa a imagem do profeta e os seus dizeres: “100 chibatadas se você não morrer de rir”.



A edição de setembro de 2012, cujo título significa “Intocáveis 2”, é representado pelo profeta na cadeira de rodas, sendo levado por um judeu. Ele diz, “não se deve zombar”.



Na publicação abaixo, de outubro de 2015, com a manchete “Se o Maomé voltasse”, é trazida uma imagem atribuída a ele dizendo “Eu sou o Profeta, idiota” e de outra pessoa dizendo “Fecha a boca, infiel”.¹



¹ Tradução da pesquisadora.

4.3 Veja

Considerada a revista de “maior circulação no país”, conta com aproximadamente um milhão de exemplares semanalmente, segundo dados do Instituto Verificador de Comunicação, de novembro de 2015.

Fundada em 1968 por Mino Carta e Roberto Civita, “com tendência neoliberal e à direita política”, trata de temas como política, economia, cultura, internacional, religião, sociedade e ciência e tecnologia. (GASPAROVIC, 2015, p.13)

É ainda a quarta maior revista desse segmento no mundo, sendo superada apenas pelas americanas *Time*, *Newsweek* e *U.S. News and World Report*. Os leitores da revista têm nível de escolaridade acima da média nacional e, por isso, formam a elite do Brasil, influenciada pela *Veja* na tomada de decisões. (...). Para tanto, pressupõe-se que a revista se mostra como uma instituição que está autorizada a falar, porque é detentora de um poder legitimado por status. (AUGUSTI, 2005, p.81)

Antecessora da revista *Realidade*, os fundadores buscavam uma equipe para integrar a nova geração da publicação, a fim de ser a “grande revista semanal de informações de todos os brasileiros”, segundo o editorial da primeira edição.

Teve sua primeira versão nomeada por “*Veja e Leia*”, atribuída pela manchete de capa “O grande duelo no mundo comunista”. Posteriormente, sofreu censura, na época do regime militar, e suas reportagens foram submetidas a passar por uma análise antes de serem divulgadas.

Ao longo dos anos, a revista se moldou em parâmetros e conquistou uma linha editorial própria e característica. De certa forma, de acordo com Prado (2003), sua ideologia é marcante por seu modo de influenciar os leitores a acreditarem que tudo que está em suas páginas seja verdadeiro.

Veja não as ouve [as fontes] e, quando o faz, resume os fatos a poucas frases encaixadas no enquadre pré-construído da revista. O enunciador de *Veja* não conta “simples” fatos, como fariam os jornais diários, nem se preocupa somente com o furo do acontecimento, tarefa da tevê. Ele constrói discurso de mapeamento, de tendência de enriquecimento, de comportamento eficaz no mundo dos negócios globalizado (PRADO, 2003, p.91)

A revista busca “explicar” os acontecimentos e saberes do mundo aos seus leitores, ao recorrer, em suas matérias, ao “conhecimento legitimado”, por meio de fontes e vozes consideradas “autorizadas”, como é o caso de professores, especialistas em áreas específicas, universidades, institutos de pesquisas, dados, índices, porcentagens e gráficos. Frequentemente, a publicação procura esclarecer todos os aspectos que rodeiam uma notícia, com certo teor investigativo, conforme sua ideologia editorial, de modo a fazer com que os leitores atribuam confiança e segurança naquilo que compram e leem, pois o dom de “explicar é próprio de quem julga deter um saber”. (NASCIMENTO, 2002, p.174)

4.4 Carta Capital

Originada em agosto de 1994, a revista semanal Carta Capital é publicada pela Editora Confiança. Foi fundada por Mino Carta, também criador das revistas Quatro Rodas, IstoÉ, Veja e do Jornal da Tarde, ao lado Bob Fernandes, que foi editor-chefe entre 1997 e 2005.

Suas primeiras publicações possuíam periodicidade mensal, depois tornaram-se quinzenais, e, a partir de 2001, passaram a ser semanais. A revista conquistou, em 2001 e 2003, o prêmio Brasil de Mídia do ano pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (ABERJE).

[...] Nasceu calcada no tripé do bom jornalismo baseado na fidelidade à verdade factual, no exercício do espírito crítico e na fiscalização do poder onde quer que se manifeste. [...] reúne um time seletivo de colunistas, reconhecidos por sua competência e história, entre eles Delfim Netto, Luiz Gonzaga Belluzzo, Wálter Maierovitch, Thomaz Wood, Marcos Coimbra, Drauzio Varella, Riad Younes e Rogério Tuma. [...] Carta Capital é considerada leitura obrigatória para todas as pessoas que buscam não apenas informação exclusiva e qualificada, mas uma visão crítica dos acontecimentos da política, economia e cultura, no Brasil e no mundo. (Site da revista Carta Capital)

Segundo dados da Associação Nacional de Editores e Revistas (ANER), a publicação conta com aproximadamente 30 mil exemplares que circulam semanalmente. Nas edições, são tratados temas referente à política, cultura, sociedade e economia.

É considerada a alternativa às grandes revistas também de circulação nacional que dominavam o mercado (Isto é e Veja). Possui uma postura de análise crítica maior do que de apresentação e de explicação. A Carta Capital possui uma redação bem menor que as revistas normais de circulação na grande mídia, com apenas 11 jornalistas. Procura dar, sempre, uma visão diferente da exibida na mídia; até mesmo por seu cunho esquerdista. (ALMEIDA; RODRIGUEZ; FELZ, 2015, p. 07)

Caracterizada por uma linha editorial alinhada à esquerda política, se denomina, segundo o editorial de seu portal, como uma “alternativa ao pensamento único da imprensa brasileira”, sendo “progressista, respeitadora da diversidade humana e defensora do mundo mais justo para todos”.

5. Análise do Discurso

A disciplina da Análise do discurso começou a ser desenvolvida e estudada nos anos de 1960 na Europa, em países como Alemanha, França e Inglaterra, com o objetivo de “investigar fenômenos linguísticos inexplicáveis por meio de estudos que tomavam como unidade básica a palavra (em sentido escrito) ou frase”. (PILLA; QUADROS, 2009, p.3)

De acordo com Gill (2002, p. 246), deve-se levar em consideração que não há somente uma única linha de Análise Discurso. Existem “ao menos 57 variedades de análise de discurso”, com perspectivas diversas, apesar de partilharem uma causa em comum, a não aceitação da linguagem como uma ferramenta neutra para expor ideias, refletir e fazer descrições, de modo a ser alvo de importância na construção discursiva na formação de sentido.

Há duas grandes correntes que organizam os estudos. A linha francesa, baseada no materialismo dialético e no estruturalismo, relacionada à Escola de Frankfurt e à filosofia marxista, e a linha anglo-americana, baseada no funcionalismo interno dos textos, a partir de normas de comunicação, relacionada à filosofia positivista.

O conceito de discurso empregado pela análise de discurso anglo-americana oscila entre uma definição que opõe o discurso e frase, como unidade linguística constituída por uma sucessão de frases e uma definição de discurso como uso (‘jogo de palavras’) da linguagem verbal em contextos determinados(...). Seu campo preferencial de trabalho é a análise de esquemas gerais de organização e dos processos de tomada da palavra, abertura e fechamento na conclusão cotidiana(...). (PINTO, 1999, p.19)

Isso quer dizer que a escola anglo-americana “afasta a possibilidade ideológica do discurso enquanto instrumento de alienação social se limita a descrevê-lo”. Por conta disso, a corrente torna-se “preterida pela maior parte dos pesquisadores que se propõem à análise crítica dos textos jornalísticos, uma vez que a questão ideológica é a base do próprio discurso”. (CARVALHO, 2013, p.13)

Já a corrente francesa, que há Michel Pêcheux como um dos fundadores, dispõe de um estudo que determina uma correspondência entre aspectos que se dialogam dentro do próprio discurso, como a língua, o sujeito, a história e a questão ideológica.

Nos anos 60, sob égide do estruturalismo, a conjuntura intelectual francesa propiciou, em torno de uma reflexão sobre a “escritura”, uma articulação entre a linguística, o marxismo e a psicanálise. A AD nasceu tendo como base a interdisciplinaridade, pois ela era preocupação não só de linguistas como de historiadores e de alguns psicólogos. (BRANDÃO, 2012, p. 16)

Dessa forma, a análise do discurso francesa alcançou diversas áreas do conhecimento, a fim de fazer com que o estudo “se mova em um terreno mais ou menos fluído”, em que relaciona o linguístico com o social, de acordo com Brandão (2012, p.16). É considerada uma disciplina do entremeio, em que a interpretação e compreensão de sentido prevalecem, composta por “fundamentos da linguística, do materialismo histórico da psicanálise”. (PILLA; QUADROS, 2009, p.3)

Em seu estudo, Pêcheux (1993) abre espaço para confronto e diálogo de diversas disciplinas, e consolida a linguagem como uma ferramenta fundamental da ideologia, ao considerar que “a específica materialidade da ideologia é o discurso e a materialidade específica deste é a língua”. Com isso, Pêcheux (1993) “procura demonstrar os embates ideológicos que ocorrem no funcionamento da linguagem e a existência da materialidade lingüística na ideologia”. (PILLA; QUADROS, 2009, p.3)

Brandão (2012, p.17) sustenta a ideia de que a linguagem se torna um fenômeno que “deve ser estudado não só em relação ao seu sistema interno, enquanto formação linguística a exigir de seus usuários uma competência específica”, mas também como “formação ideológica, que se manifesta através de uma competência sócioideológica”.

Maingueneau (1987) aponta outras diretrizes a serem consideradas na AD: o quadro das instituições que produzem o discurso (que, por vezes, restringem a enunciação), em que no jornalismo pode-se ser interpretado pela linha editorial dos veículos de comunicação, sendo os produtores das notícias; os fatos históricos e sociais que regem a atualidade; e o espaço próprio destinado a cada discurso, em sentido organizacional.

5.1 O Sentido no Discurso

Segundo Orlandi (2002, p. 21), “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados”. Dessa forma, o discurso não é somente um texto qualquer, mas uma série de concordâncias que se dialogam durante a produção do texto, além dos efeitos carregados em sua própria enunciação. “O texto é concebido como a materialidade linguística através da qual se pode chegar ao discurso, é a relação da língua com a história”.

A análise acaba se fazendo assim sobre a interpretação criada pelo pesquisador, que na realidade é um outro discurso, produzido sob outras condições de produção e do qual o primeiro é um componente intertextual entre outros. [...] Toda a análise semântica nada mais é do que uma tradução do texto original em outro texto de responsabilidade do analista. (PINTO, 2002, p.19)

Para Fiorin (2006, p.11), existem dois modos de “avaliar o ato de escrever”. No primeiro, deve-se levar em consideração a “escritura como gesto de reproduzir textos já produzidos”; no segundo, como “produção de sentidos a partir das possibilidades muito amplas que a gramática discursiva oferece”.

O discurso está adequado à situação. As palavras tomam sentido ideológico a partir da posição assumida no discurso. A AD questiona a subjetividade no discurso, no sentido de que se constitui como expressão autônoma do indivíduo, uma vez que ele está “contaminado” pela ideologia. O inconsciente, portanto, não pode ser a expressão para o indivíduo. Muitas vezes a interdiscursividade está implícita e o sujeito não sabe quem foi ele que criou o enunciado. (CARVALHO, 2013, p.9)

Pode-se ressaltar também que a imagem, ao estar relacionada à forma de linguagem, “pode ser lida, interpretada e que, portanto, produz sentido. Isso significa que a imagem insere-se em um sistema linguístico e que pode ser percebida a partir de uma relação simbólica”, da mesma forma como acontece com o texto escrito. Contudo, “não há erro em propor análise de discurso de imagens”. (CARVALHO, 2013, p.7)

Segundo Carvalho (2013), há três conceitos centrais para o estudo da análise de discurso: o signo; a ideologia e a enunciação.

5.1.1 Signo

Ao estabelecer correspondências entre jornalismo e produção de sentido, deve-se entender “esta atividade como um modo de comunicação que se utiliza dos signos que representam não exatamente aquilo que é, mas o próprio significado do objeto”. Como

exemplo, quando se diz da ‘Lua’ para alguém, não é preciso apontar a Lua, mas são utilizados signos com a própria palavra ‘Lua’. Com isso, a representação da realidade é formada por meio das palavras, e o mesmo ocorre no jornalismo, “quando é reivindicado para si (o jornalista) o papel de narrador dos fatos cotidianos”. (CARVALHO, 2013, p.9)

A significação, portanto, obedece a uma materialidade histórica, mas não somente a ela, e tampouco está determinada aprioristicamente pelo formalismo da língua. Menos ainda ela se impõe pela vontade dos indivíduos. É resultado, antes de mais nada, de uma disputa ideológica entre grupos sociais, com perspectivas ideológicas distintas, ditadas objetivamente pela situação material concreta em que se encontram os grupos sociais, subjetivamente pela visão de mundo que comportam seus sujeitos. (CRUZ, 2000, p. 27-28)

Ou seja, o signo é determinado por uma classe hegemônica, de modo ideológico. “Cada classe procura tornar hegemônico seu significado para o signo. Por isso, o discurso deve ser tomado como uma luta ideológica, onde as classes sociais buscam hegemonia”. O discurso se baseia nos signos para a estruturação do texto, com a intuição de levar sentido a mensagem ao receptor. (CARVALHO, 2013, p.11)

Ao ter como referência Bakhtin, Cruz (2000) interpreta que o processo de dar significado a algo é resultado da ancoragem de uma realidade nova que precisa ser percebida, por meio de signos presentes na *psiqué* do indivíduo, de forma a absorver e incorporar essa nova realidade. Além disso, ele acredita que a enunciação do discurso tem como referência a situação histórico-social, na qual sintetiza a realidade material por meio de signos socialmente construídos.

5.1.2 Ideologia

O termo ideologia, analisado por Marx, se reduz a uma “simples categoria filosófica de ilusão ou mascaramento da realidade social”, por elaborar a sua teoria sendo uma crítica ao sistema capitalista, ao levar à tona a ideologia da classe dominante, a classe burguesa. (BRANDÃO, 2012, p.22)

A ideologia deve ser compreendida como um instrumento de dominação. [...] Na sociedade capitalista, tal qual a que vivemos, a burguesia impõe-se como classe hegemônica porque domina os meios de produção a partir da defesa da propriedade privada. Este domínio se estrutura a partir de uma relação de inversão da realidade que procura reduzir aparentemente as diferenças sociais a fim de evitar os conflitos e as transformações sociais. [...] A partir da ideologia constitui-se uma forma de pensar e de agir que molda as relações sociais. [...] Portanto, a ideologia se manifesta em todas as ações do homem e, no discurso, não poderia ser diferente. (CARVALHO, 2013, p.14)

Ou seja, a ideologia no discurso, de certa forma, rege valores, sentimentos e pensamentos dos indivíduos comuns e se associa ao campo do senso comum por já estar penetrado na mente de vários indivíduos. Ela busca “eliminar aparentemente as contradições na sociedade à procura por justificar essas diferenças”. Isso, de certa maneira, faz com que o discurso se consolide “apenas quando é construído por uma instituição ou por ‘Aparelhos Ideológicos do Estado”, que, para Althusser (in BRANDÃO, 2012), mantem a dominação da classe dominante. (CARVALHO, 2013, p.14)

Os meios de comunicação de massa são instrumentos que promovem uma consciência a partir da situação histórica encontrada. O indivíduo crê que atua de modo livre por sua vontade, “sem saber que reproduz e legitima a própria ideologia através destes aparelhos. Do mesmo como quem lê uma notícia acredita fielmente que aquilo é verdade”. (CARVALHO, 2013, p.15)

5.1.3 Enunciação

Segundo Carvalho (2013), os enunciados são utilizados para organizar ideias em forma de palavras, sendo, dessa forma, um conjunto de palavras que se referem a uma ideia. Enunciação é o contexto em que o enunciado acontece. Contudo, um discurso é um conjunto de enunciados.

De acordo com Fiorin (2016, p.78), “com as marcas da enunciação deixadas no enunciado, pode-se reconstruir o ato enunciativo”, ao dar outro sentido ao texto. Dentre as marcas deixadas, podem estar a presença dos pronomes pessoais e possessivos, as exemplificações ao longo da redação, os adjetivos e advérbios apreciativos, verbos performativos e dêiticos temporais e espaciais.

5.2 Aspectos importantes a serem considerados antes da análise:

O desenvolvimento da pesquisa sobre a análise de discurso em textos jornalísticos não deve ser exclusivamente ancorado em “teóricos que elaboram a metodologia”. Com isso, torna-se necessário complementar também a análise com os “estudos em jornalismo, a fim de evitar que a análise seja um trabalho linguístico e não jornalístico, do ponto de

vista acadêmico”, além da adesão de conhecimentos subjetivos advindos da experiência do pesquisador sobre a temática. (CARVALHO, 2013, p.25)

É importante destacar alguns pontos que devem ser levados em consideração antes da análise, como: as linhas editoriais dos veículos em questão; o caráter persuasivo do texto jornalístico; e as ideias implícitas no texto.

5.2.1 Linhas editoriais

As linhas editoriais das publicações em análise, dos veículos Veja e Carta Capital, são opostas. Com isso, as reportagens dispostas em suas páginas impressas contém formas linguísticas que tendenciam o leitor a pensar de acordo com a linha editorial do veículo em questão.

Fiorin (2006, p.19) exemplifica essa ideia em torno de pessoas com formas distintas de pensar. O mesmo conceito se aplica às linhas editoriais dos veículos de comunicação:

Cada um dos sujeitos considera seu saber como saber e o do outro como não-saber. Isso leva a uma polêmica, a uma confrontação, em que cada um pretende impor ao outro seu ponto de vista, em que cada um tenciona fazer o outro desqualificar o saber que havia adquirido anteriormente e aceitar o ponto de vista alheio como verdade. [...] Considerar um objeto de várias perspectivas leva à conciliação, que é o bom entendimento com os outros a partir da aceitação de seus pontos de vista. [...] Cada um dos sujeitos manifesta seu ponto de vista, sustenta o e nega o saber do outro. (FIORIN, 2006, p.19)

O autor sustenta a questão de que há um confronto de ideias, e a única forma de conciliação é por meio do entendimento e aceitação de diferentes pontos de vista. O mesmo se emprega às linhas editoriais dos meios de comunicação, com maneiras de exporem seus pensamentos e ideologias divergentes. Contudo, neste caso, ao atribuir o conceito às instituições jornalísticas, não há a necessidade de haver consonância de ideias, por elas exporem seus conteúdos de modo livre e democrático, com correntes e influências diversas.

No jornal, o discurso se apoia em diretrizes que sustentam a ideia de que o leitor comprou o produto por conta do ponto de vista da instituição. Dessa forma, as publicações procuram apresentar como “quem responde a demandas, explícitas ou não, dos leitores”. (MAINGUENEAU, 2013, p.44)

Quando o jornal propõe uma seção “Sua saúde” ou Resultados esportivos”, ele valoriza a face positiva do leitor, interessando-se pelas suas preferências ou necessidades, aceitando-as como legítimas ao satisfazê-las; ele valoriza também sua própria face positiva de locutor, ao mostrar-se preocupado com o bem-estar de seus leitores. (MAINGUENEAU, 2013, p.44)

5.2.2 Caráter persuasivo do texto jornalístico

Segundo Fiorin (2006), o ato de comunicação não possui um caráter somente informativo, como também persuasivo, de modo a induzir o outro a concordar com o que é informado. Dessa forma, o ato de comunicação pode ser relacionado a um jogo complexo de manipulação, com a intenção de levar o enunciatário a acreditar em aquilo que é difundido.

Para o Fiorin (2006, p.75), nesse jogo de persuasão, o próprio autor do discurso utiliza mecanismos argumentativos que permitem levar o enunciatário a crer “como válido o sentido produzido”. Com isso, a argumentação é consolidada a partir de “um conjunto de procedimentos linguísticos e lógicos usados pelo enunciador para convencer o enunciatário”. A elaboração do discurso, aderida aos procedimentos argumentativos, consiste desde o “uso da norma linguística adequada, até o modo de organização do texto”.

5.2.3 Ideias implícitas no texto

As leis do discurso por, primeiramente, serem conhecidas pelo seu único autor, permitem a propagação de conteúdos de caráter implícitos aos leitores que, em um primeiro momento não notam a subjetividade introduzida dentro da sentença. (MAINGUENEAU, 2013, p.35)

De acordo com Fiorin (2006, p. 10), o propósito de uma obra que contém “elementos de uma gramática do discurso” é fazer com que se torne “explícitos mecanismos implícitos”, referente à estruturação e interpretação de variados tipos de textos. A pessoa que “escreve ou lê com eficiência” possui conhecimento sobre tais mecanismos “de maneira mais ou menos intuitiva”. Ao tornar explícitos esses procedimentos, torna-se possível

contribuir “para que um maior número de pessoas possa, de maneira mais rápida e eficaz, transformar-se em bons leitores”.

A discursividade, trabalhada em um acontecimento, carrega em si um cruzamento de “proposições de aparência logicamente estável suscetíveis de resposta unívoca (é sim ou não, é x ou y, etc) e formulações irremediavelmente equívocas”. (PÊCHEUX, 2012, p.28)

A narrativa pode pôr em ação um jogo de máscaras: segredos desvelados, mentiras que precisam ser reveladas, etc. É na fase da sanção que ocorrem as descobertas e as revelações. É, nesse ponto da narrativa, por exemplo, que os falsos heróis são desmascarados e os verdadeiros são reconhecidos. (FIORIN, 2006, p.31)

A semântica e a sintaxe do nível fundamental são representadas pela “instância inicial do percurso gerativo” de construção do discurso, de modo a “explicar os níveis mais abstratos da produção, do funcionamento e da interpretação do discurso”. Com isso, “muitas frases ficam ocultas e devem ser recuperadas a partir das relações de pressuposição”. (FIORIN, 2006, p.24)

6. Metodologia

A análise das reportagens escolhidas é embasada em métodos específicos de avaliação, com o objetivo de, ao concluir a pesquisa, estabelecer comparativos entre as duas publicações envolvidas no processo, referentes às revistas Veja e Carta Capital. A metodologia utilizada é referente à linha da Análise do Discurso (AD) e às teorias do jornalismo estudadas na academia, além de interpretações da própria autora.

A análise do discurso está inserida na “tentativa semiológica de interpretar o mundo por meio da comunicação”, ao dispor de estruturas para a seu entendimento, não somente como “método de coleta e análise de dados, mas ao definir a maneira como o trabalho é realizado”. A AD atua na composição de uma “proposta metodológica que se consolida como base conceitual e teórica para os estudos”. Contudo, essa avaliação “exige um olhar sobre algumas especificidades do discurso no jornalismo”. (CARVALHO, 2013, p.6)

Ao escolher a AD para a avaliação das reportagens, deve-se levar em consideração que a notícia não é um texto qualquer. Embutida em contexto que engloba mecanismos técnicos e de comercialização, de acordo com determinadas visões e pensamentos de seus próprios autores (jornalistas) e da linha editorial do veículo, o texto jornalístico é composto por uma série de intervenções. (PENA, 2008)

Mesmo que a Análise do Discurso em sua proposta tradicional possa ser entendida como um método bastante eficaz para o estudo de textos, é fundamental compreender que sua aplicabilidade ao jornalismo deve considerar determinadas especificidades e que neste sentido há a necessidade de adequar sua proposta para a realidade da construção da notícia. (CARVALHO, 2013, p.6)

De maneira geral, o texto jornalístico é rodeado pela aparente “áurea da objetividade” que, por trás de seu discurso, carrega uma ideologia, “a ideologia burguesa, cuja função é reproduzir e confirmar relações capitalistas”. Com isso, essa objetividade está enraizada em uma “compreensão de mundo” já determinada, com opiniões já formadas e direcionadas sobre certos ‘fatos’, “cuja existência, portanto, seria anterior a qualquer forma de percepção e autônoma em relação a qualquer ideologia ou concepção de mundo”. (GENRO FILHO, 2012, p.197). Contudo, deve-se ter a sensibilidade de detectar elementos não evidenciados, a fim de perceber suas intenções dentro do discurso.

O trabalho é consolidado a partir do uso da teoria sobre a Análise do Discurso (AD) francesa, relacionada à Escola Francesa, em que há como referência, o autor Michel Pêcheux, grande estudioso e renomado no assunto, sendo um personagem que deu início às investigações discursivas nos anos de 1960 e 1970.

M. Pêcheux fala da relação entre os universos logicamente estabilizados e das formulações irremediavelmente equívocas, investigando as relações do descritível e do interpretável ao mesmo tempo em que percorre as formas de se fazer ciência: as sobredeterminantes e as de interpretação. (PÊCHEUX, 1938, pg.8)

Pêcheux propõe “uma forma de reflexão sobre a linguagem que aceita o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-feito. Ele exerceu com sofisticação e esmero a arte de refletir nos entremeios”. (PÊCHEUX, 1983, pg.7). A Escola Francesa possui como objeto de estudo o discurso, que propõe o confronto das ciências, entre elas a história, psicanálise e linguística. O espaço que permite a reflexão discursiva é nomeado por entremeio.

7. Análise das reportagens

São analisadas duas edições especiais impressas referentes aos veículos previamente selecionados, Veja e Carta Capital, sobre o atentado à redação do Charlie Hebdo, em Paris. Ambas as publicações trataram como destaque em suas capas o ocorrido, ao exibirem o conteúdo por meio de um conjunto de matérias referentes à temática envolvida.

São avaliadas: a edição 2480, da revista impressa Veja, publicada em 14 de janeiro de 2015; e a edição 833, da revista Carta Capital, do dia 16 de janeiro de 2015.

7.1 Capas

Antes da análise das Capas das reportagens, vale ressaltar que a produção de sentido pode estar vinculada também às figuras imagéticas que compõem o contexto da obra, não cabendo essa função exclusivamente à palavra incorporada no texto. Por meio da interpretação, as imagens são capazes de gerar entendimento. (CARVALHO, 2013)

A revista Veja publicou uma capa atribuída à seguinte manchete “Às armas, Cidadão! A defesa da civilização com as armas da civilização: direitos humanos, liberdade de expressão, humor e coragem”. A imagem, composta por materiais que possibilitam a realização da escrita e do desenho, como lápis, borracha, caneta, esquadro, marca texto e apontador, foi disposta em formato de uma arma, de forma a representar o poder.

Figura 1 – Capa da Revista Veja, edição 2480



Fonte: Acervo Veja, 2015

Pode-se interpretar que a figura representa o empoderamento da liberdade de imprensa, ao levar a mensagem de que o poder de uma sociedade civilizada é composto por direitos, sejam eles o direito de se expressar ou os direitos humanos. A manchete convida o leitor a defender essa causa, ao expor “Às armas, Cidadão”, de modo a levar o público a abraçar a ação, em prol da liberdade de publicação de conteúdo, sem medo ou receio de utilizar de sua única arma e forma de poder, os materiais que possibilitam a escrita.

Já a revista impressa Carta Capital contou com a manchete “Charlie? O Massacre em Paris... e a crise de ideais. Em meio às mistificações, ignorância coletiva, má-fé, e oportunismo político global, destaca-se a lucidez do único estadista em atividade, o Papa Francisco”. A figura da imagem representa um homem usando um chapéu, sem rosto aparente, de terno e gravata, em um fundo de nuvens.

Figura 2 – Capa da Revista Carta Capital, edição 833



Fonte: Site Carta Capital, 2015

Pode-se interpretar que a imagem é de um homem conservador, que está sem cérebro, não pensa, com a sua mente nas nuvens. Tal figura é referente à manchete atribuída, da qual defende a crise de ideias e a ignorância, de modo coletivo e massivo, ao atingir um grande número de pessoas, sobre a reflexão dos reais motivos do ataque ao Charlie Hebdo. Ou seja, os dizeres se atribuem à ideia falha da sociedade em geral, que não está sabendo pensar corretamente, alinhado à ignorância, má-fé e oportunismo político. É defendido ainda que somente o Papa Francisco é lúcido sobre sua forma de pensar.

7.2 Carta Capital

A revista Carta Capital dispôs de uma edição especial, por meio da publicação de três grandes reportagens especiais sobre a temática do ataque ao Charlie Hebdo. Nesta edição, há textos dos jornalistas Mino Carta, Gianni Carta, enviado à Paris, e Claudio Bernabucci, enviado à Roma, além da matéria de opinião do Vladimir Saflate.

A primeira reportagem, de autoria de Mino Carta, possui a seguinte manchete: “Todos à *la place*. Por que?”, seguido da linha fina “A adesão imediata à manifestação de Paris mostra como é fácil hoje manipular uma opinião pública tolhida para o exercício do espírito crítico”.

Logo na manchete, Mino Carta critica a forma de como o a população abraçou a causa facilmente, sem incitar uma reflexão crítica prévia sobre as causas do ocorrido, de modo a concordar que a opinião pública é fácil de ser manipulada.

O início da reportagem foi composto por questionamentos:

Trecho1: [...] **Agir às pressas, de impulso, precipita amiúde equívocos, enganos, erros.** Não seria o caso de parar para pensar? Pois é, pensar. [...] O mundo vive uma quadra de enormes incertezas e de graves conflitos, e a situação se apinha de inúmeros por quês. Por que aqui estamos a padecer uma crise econômica que poupa somente banqueiros e especuladores, aliás, a eles aproveita acintosamente? Por que o rentismo grassa enquanto o desemprego aumenta? [...] Ou por que, de súbito, a humanidade concentra-se na *Place de la Republique*, de corpo presente ou em espírito, para manifestar contra o terrorismo. **O espetáculo parisiense assinala, ao mesmo tempo, o triunfo do modismo e da hipocrisia.** (Grifo da pesquisadora) (Carta Capital, 2015)

Mino Carta elabora diversas perguntas, todas elas sem as respostas, com o intuito de deixar o próprio leitor refletir sobre os impasses sofridos pela sociedade. Na última parte, ele expõe a temática do atentado, ao referir-se à população, de modo generalizado, estar se manifestando contra o terrorismo. Tal ação é classificada como um ato hipócrita, por simples modismo, na qual as pessoas envolvidas não sabem o que fazem lá e agem por impulso e às pressas.

O jornalista defende também, em tom sarcástico e de denúncia, que o ocorrido foi um momento oportuno às autoridades e aos políticos, por poderem expor seus interesses:

Trecho 2: Fácil identificar o lado de cada qual, a ser clara a desfaçatez das autoridades. **Em boa parte, tem responsabilidades em relação ao terrorismo, quando não são seus instigadores, cúmplices ou até mesmo praticantes, competentes ou não. Conseguiram o que queriam, admitamos. Juntaram o Ocidente em uma praça**

parisiense para ostentar os seus poderes e cuidar dos seus interesses políticos, sem exclusão de golpes baixos, ações de guerra, assaltos aos cofres públicos e terrorismo de Estado, sem contar as violações dos Direitos Humanos. (Grifo da pesquisadora) (Carta Capital, 2015)

É feita uma acusação, por parte do autor, ao expor que as autoridades são responsáveis pelo terrorismo, sendo cúmplices ou praticantes. Porém, desta vez, por conta de uma situação oportuna, na qual o ocidente se apresenta unido em praça pública, as autoridades aproveitaram do ataque para exibirem seus poderes e mostrarem seus interesses.

A partir desse pressuposto, é feita uma avaliação da sociedade, nomeada por “grei automatizada”, e do limite da liberdade, ao referir-se sobre as publicações do Charlie Hebdo:

Trecho 3: Diante deles, incitada pelas frases feitas da propaganda midiática, súcuba dos **apelos da retórica globalizada, a grei automatizada.** Incapaz de entender se, de pura e sacrossanta verdade, o massacre na redação do Charlie Hebdo configura um ataque sem precedentes à liberdade de imprensa, ou de expressão. [...] **A liberdade de cada um acaba na liberdade do semelhante. Nem todos se dão conta disso.** De qualquer forma, a liberdade proclamada pela Revolução francesa acaba por ser de poucos se não for completamente pela igualdade. **Livre é realmente uma sociedade de iguais.** Se há canto da terra onde esta simbiose acontece, louvado seja quem fez o milagre. Nem se fale do Brasil, o país de casa grande e senzala. [...] **A liberdade de que defendem é a de fazer o que bem entendem.** Não é assim em outros países democráticos e civilizados, onde a mídia é devidamente regulamentada. [...] Na França, é certo, o Charlie Hebdo podia circular à vontade, a despeito dos seus discutíveis propósitos e de certo autoritarismo a vingar na redação. [...] **A liberdade de expressão tem necessariamente limites,** bem como a intenção de provocar, desbragada na publicação satírica. O que talvez esclareça quanto ao seu escasso êxito ao público francês. (Grifo da autora) (Carta Capital, 2015)

Pode-se interpretar que Mino Carta generaliza as pessoas que foram às ruas protestar, como uma “grei automatizada”, sendo incapazes de pensar, de modo a agirem por

impulsos incitados por propagandas midiáticas e frases feitas. É analisado que o autor foi contra a atitude do periódico Charlie Hebdo, que publicou conteúdos de caráter ofensivo aos seguidores da religião islâmica, ao levar em conta os desenhos satíricos do Profeta Maomé.

São criticadas as publicações por seu tom agressivo nas edições, o que não acontece na mídia de outros países democráticos. Ele defende que a liberdade possui um limite, do qual acaba quando a liberdade de um é interferida na do próximo. É exposto também que a liberdade é um convívio de iguais, sem distinções, contudo, não existe liberdade, já que pessoas, povos, ideologias e culturas são diferentes.

Em outro trecho, o autor ainda apresenta que na Europa, decorrente das questões de imigração e raça superior, “o sangue determina a cidadania”, embutido no conceito do preconceito e xenofobia. Há a contraposição de ideias, de modo irônico, colocada pelo próprio jornalista, ao se referir da França como um país onde é inclinado o “sonho de expulsar os muçulmanos”, mas também como o lugar onde há autoridades e figuras de poder que, da mesma forma, cometem e são percussores de “nomináveis delitos”:

Trecho 4: Eventos como o massacre que abalou o mundo vão **excitar o ódio racial na França**, na Europa, e alhures em benefício da direita mais reacionária. Neste **caldo de cultura** germinam, como magma primevo a se esfriar, **teria nascido a vida do planeta, o fanatismo assassino, a criminalidade nas suas distintas fisionomias**. Isto é do conhecimento até do mundo mineral, mas não de todos os homens. **Fatos como a chacina parisiense repetem-se toda hora, pela insanidade, pela desgraça**. E pelo terror de Estado. Não cabe justificar o horror. Recomenda-se, entretanto, aquilatar envolvimento e responsabilidades. E anotar que nomináveis **delitos cometidos pelos senhores do mundo ocidental não costumam merecer a repulsa das praças lotadas**. [...] Há franceses inclinados ao sonho de expulsar seus muçulmanos. No caso, **a seleção BLEU perderia vários dos melhores craques**. (Grifo da pesquisadora) (Carta Capital, 2015)

É apresentada a superioridade racial, diante do conceito de que os franceses sonham em expulsar os muçulmanos do país, de modo a incitar o ódio. A partir da mistura de culturas na França, foram criadas vertentes e ideologias, entre elas o fanatismo

assassino e a criminalidade, podendo estar embutida em qualquer pessoa, independente da nação de origem, “nas suas distintas fisionomias”.

Nesse caso, Carta se referiu, em tom de denúncia, à criminalidade, que pode estar incorporada às autoridades de poder, além de ter exposto que ocorrências, como a “chacina parisiense”, podem ocorrer a qualquer momento, regadas pela insanidade e pela desgraça, não relacionados somente aos membros do estado islâmico, como também às autoridades.

Em tom sarcástico e irônico, é apresentado que essas personalidades, os “senhores do mundo ocidental”, não conseguiram sequer merecer praças lotadas por repulsas, diferente de como ocorreu no episódio das manifestações sobre o ataque ao Charlie Hebdo, em que as praças ficaram lotadas de pessoas.

A revista fez questão de destacar, em uma imagem, essas tais figuras de poder reunidas em protesto, na defesa da livre imprensa, liberdade de expressão e contra os ataques terroristas em Paris.

Atribuída à frase “Je suis Hypocrite”, as representações são de François Hollande, presidente da França; Benjamin Netanyahu, primeiro-ministro de Israel; David Cameron, primeiro-ministro do Reino Unido; Mariano Rajoy, primeiro ministro da Espanha, entre outros.

Logo nas representações de suas imagens, há quadros que explicam o quanto contraditórios essas personalidades são por desenvolverem ações e medidas contra os princípios de liberdade e igualdade, que eles próprios foram defender no protesto. Com isso, o autor relacionou as imagens das figuras à frase Eu sou hipócrita.

Figura 3 – Je Suis Hypocrite



Fonte: Carta Capital, 2015

Deve-se levar em consideração que, para a produção da matéria, não foram utilizadas fontes que sustentassem as ideias e os argumentos.

Na segunda reportagem especial, do jornalista Gianni Carta, produzida em Paris, foi atribuída a seguinte manchete “Chore por mim, França”, com a linha fina “Mas há muitas razões para justificar as lágrimas”.

Trecho 5: Por enquanto, grandes emoções prevalecem. E o ministro do interior insiste: “Defenderemos a imprensa livre”. A França viveu seu 11 de Setembro. Um ataque à República, não contra a imprensa livre, como insiste a vasta maioria. [...] No momento, gestos guiados pelas grandes emoções prevalecem sobre aqueles ancorados na razão. Por essas e outras, representantes da mídia e o governo deram ajuda financeira ao Charlie Hebdo. [...] **Segundo o Alcorão, Alá e o Profeta não podem ser retratados**. Isso fica claro no capítulo 42, versículo 11: “(Alá) é o criador dos céus e da terra... não há nada que se assemelhe a ele”. [...] Na religião muçulmana imagens não podem ser idolatradas, e sim o divino. **É preciso respeitar as religiões**. [...] No mundo árabe, o quadro é diferente: proibidas as vendas no Egito, na Argélia, etc. Quase 2 mil manifestantes gritaram em uníssono nas Filipinas “Je ne suis pas Charlie”. (Grifo da pesquisadora) (Carta Capital, 2015)

Gianni ressalta que, além do massacre na redação, há outros motivos que a França pode se queixar. Em primeiro momento, ele acredita que os manifestantes a favor da imprensa livre não têm noção das reais problemáticas por trás do ato, como as condições dos muçulmanos no país, o preconceito, a desigualdade, por agirem pela emoção, e não pela razão, como algo passageiro.

O jornalista compara o ocorrido ao ataque às torres gêmeas, no dia 11 de Setembro, nos Estados Unidos, sendo um atentado à República, e não contra a liberdade de imprensa, como a grande parte da população acredita. É exposto também que, de acordo com o Alcorão, o Profeta Maomé não pode ser retratado. Com isso, a redação do Charlie Hebdo não respeitou a religião do outro, ao representar o Profeta de modo ofensivo à vista dos seguidores da religião.

Trecho 6: Mais de 1,5 milhão de parisienses de um total de 3,7 milhões de cidadãos França a fora foram às ruas para protestar contra o terrorismo e pela liberdade de imprensa, **inclusive aquela de retratar agressivamente, no país da *liberté*, o Profeta.** [...] Cidadãos de todas as inclinações ideológicas e fés mostraram aos radicais islamitas que **não se dobram diante do terrorismo.** O presidente François Hollande expressou-se com dignidade e no tom apropriado. **Naqueles momentos de emoção à flor da pele reinava o patriotismo. Perigoso a curto prazo, quando a sobriedade pouco a pouco volta à tona.** (Grifo da pesquisadora) (Carta Capital, 2015)

Pode-se interpretar que, de forma irônica, o Profeta foi retratado agressivamente pelas charges, logo na terra da Revolução Francesa, que prega a liberdade, a igualdade e fraternidade como ideologia. Os manifestantes foram à praça pública parisiense por não aceitarem, de jeito nenhum, o terrorismo que reina na nação. Com isso, Hollande tirou proveito da situação para expor o patriotismo em seu discurso, enquanto ainda a população era movida pela emoção, porém, segundo o jornalista, isso demoraria pouco tempo, até que a sobriedade das pessoas se revigorasse.

A última matéria é do jornalista Claudio Bernabucci, diretamente de Roma. Foi atribuída a manchete: “A palavra do Estadista totalitário”, com a linha fina “Segundo o papa, a chacina cabe na moldura das tensões internacionais provocadas pela falta de equilíbrio, justiça e paz”.

A reportagem retrata as falas do Papa sobre a chacina de Paris, da qual Francisco defende que “não se pode matar em nome de Deus”:

Trecho 7: “Quanto à liberdade de expressão – prosseguiu o Francisco-, **todos têm direitos de se pronunciar, mas sem ofender.** [...] Há uma tendência de rejeição (...) que induz a **olhar o próximo não como um irmão a acolher, mas como alguém deixado fora do nosso horizonte de vida pessoal, transformando-o, antes que em concorrente, em súdito a dominar.** Trata-se de uma mentalidade geradora daquela **cultura do descarte que não poupa nada e ninguém**”. [...] Francisco cuida de manter o mais longe possível das **tentação de denunciar as raízes de violência presentes no islã ou na ausência de uma interpretação do Alcorão capaz de neutralizá-las, como fez seu predecessor.** [...] Na atual situação, e na ausência de líderes políticos

internacionais capazes de exercer alguma hegemonia sobre os contemporâneos, menos ainda, de governar complexos processos de consenso, **evidencia-se a estatura de estadista de Francisco**, em condições de **iluminar a visão de todos e de exercer uma ação de suplência política na liderança mundial**. (Grifo da pesquisadora) (Carta Capital, 2015)

Pode-se interpretar que Bernabucci destacou as palavras do papa e o exaltou como líder competente para iluminar a visão de todos, como uma ação de suplência política na liderança mundial, em meio à ausência de políticos internacionais capazes que lidar com complexos processos de consenso.

É apresentado que, segundo o autor, Francisco se contentou em não denunciar as vertentes violentas do islamismo. Foi ressaltado que, de acordo com o Papa, a sociedade está vivendo a cultura do descarte, ao não enxergar o outro como irmão, mas como um concorrente, por não poupar ninguém e nem nada.

No texto opinativo, de Vladimir Saflate, em “Palavras Metralhadoras”, são analisadas as questões que envolvem a exclusão dos muçulmanos da nação, aliado aos reais limites da liberdade:

Trecho 8: Diria inicialmente que o melhor argumento apresentado pelos que defendem as charges de Charlie Hebdo e a violência nelas contida é: **não devemos regredir no tempo e criar uma lei contra a blasfêmia. [...] Liberdade de expressão nunca significou, nem nunca significará, dizer qualquer coisa de qualquer forma. [...]** Há, portanto, o direito de perguntar se várias das charges publicadas pelo Charlie Hebdo não eram simplesmente **preconceituosas e profundamente violentas** em relação à parcela da população francesa (os magrebinos e descendentes de árabes majoritariamente muçulmanos), atualmente e **mais miserável, discriminada e sem representação social. [...]** Não é possível ignorar: **quem fala em muçulmanos fala da população árabe das periferias**. Não é possível esquecer também que **quando um francês ironiza um árabe muçulmano continua a ser um colonizador a ironizar um colonizado**. (Grifo da pesquisadora) (Carta Capital, 2015)

O autor ressalta que seria uma regressão no tempo existir uma lei contra a blasfêmia, já que a sociedade de hoje é civilizada o bastante para respeitar religiões distintas, além de defender também que a liberdade possui limites.

É exposto que as condições do muçulmano em solo francês são discriminadas e sem representação social. Com isso, o modo com que as charges são representadas no periódico Charlie Hebdo faz referência aos franceses colonizadores e aos muçulmanos colonizados.

7.3 Revista Veja

A revista Veja contou, na edição especial, com três matérias sobre o ataque à redação do Charlie Hebdo. Os jornalistas que assinaram as matérias foram: Nathalia Watkins; Vilma Gryzinski; e a dupla Duda Teixeira e Felipe Carneiro. Os textos foram produzidos com apuração diretamente do Brasil, ou seja, não houve jornalistas enviados ao exterior para a produção de reportagens.

A primeira e mais longa matéria da edição, com a manchete “Indignação do mundo... contra as trevas”, seguido da linha fina “o massacre de doze pessoas no jornal Charlie Hebdo ficará para a história como o episódio que, finalmente, uniu o mundo contra os planos de dominação do terror islâmico”, é de autoria dos jornalistas Duda Teixeira e Felipe Carneiro.

Somente pela manchete, já é possível detectar uma forma de generalização, ao expor que o “Mundo” estava indignado, o que, de certa forma, não é verdade. Também a palavra ‘trevas’ significa algo negativo, como se toda a população mundial estivesse lutando contra o mal, e “contra os planos de dominação do terror islâmico”.

A ideia apresentada, na linha fina, é dialogada com a imagem da capa por expor que os chargistas mortos no ataque são guerreiros, pelo fato de que fizeram história, ao perderam suas vidas lutando em prol do combate “contra os planos de dominação do terror islâmico” e de uma causa valorizada na profissão de jornalista, a liberdade de expressão. Pode-se considerar que é feito um apelo aos leitores, com o objetivo de leva-

los a apoiar essas questões defendidas pelos jornalistas e pela linha editorial da própria Revista Veja:

Trecho 1: “Eu Sou Charlie”, era a frase que estampavam os cartazes das vigílias pela morte de doze terroristas ao jornal Charlie Hebdo, em Paris, na quarta-feira 7. Os cidadãos da capital francesa, de Nova York e de várias cidades do mundo que saíram às ruas para protestar consideraram o ataque a cartunistas e outros integrantes da equipe da publicação **uma afronta a liberdade de expressão**. É muito mais do que isso. **O que está em jogo é a continuação de uma guerra declarada pelos defensores de uma ideologia radical, que pretendem instalar uma sociedade regida por leis religiosas medievais, contra qualquer um que não aceita aderir à vertente fundamentalista do islã.** (Grifo da pesquisadora) (Veja, 2015)

Na matéria, nesse primeiro trecho, o jornalista priorizou por mostrar que somente manifestantes ligados à frase “*Je suis Charlie*” protestavam nas ruas de vários lugares do mundo, em sentido generalizado e massivo, sem expor a existência de também outra corrente contraditória, a do “*Je ne suis pas Charlie*”. Dentre a causa defendida está a liberdade de expressão.

Não houve preocupações, por parte dos jornalistas, em apresentarem, em primeiro momento, o limite à liberdade e o respeito às outras religiões, que posteriormente, se vinculariam com a ocorrência do massacre.

Além disso, foi exposto que a vertente do fundamentalismo islâmico pretende instalar sua hegemonia, por meio de uma “sociedade regida por leis religiosas medievais”, por conta de seu caráter radical em resolver as questões que envolvam suas ideologias e visões sobre determinada causa. De certo modo, a revista defende que o fundamentalismo islâmico pretende hegemonizar o ocidente com sua perspectiva radical.

Da mesma forma como a primeira matéria da Revista Carta Capital, a matéria foi iniciada por questionamentos. A revista Veja usou do mesmo recurso para incitar o pensamento e o fluxo de ideias na cabeça de seus leitores, só que, dessa vez, diferentemente da matéria de Mino Carta, respondeu a suas próprias perguntas:

Trecho 2: Durante três dias, os franceses ficaram à mercê do terror, e se perguntavam: “Criminosos são combatidos como serviços de inteligência, polícia e o rigor da lei. Mas **como se luta contra uma ideologia que conquista a mente de jovens nascidos em solo francês?**”. Ou “Até onde esses extremistas estão dispostos a ir? Ceder às suas demandas nos tornará mais seguros?”. A resposta para a primeira pergunta é que **nada pode ser feito sem que os muçulmanos moderados, que são a maioria, tomem em suas mãos a responsabilidade de combater as maçãs podres em meio a suas comunidades**. E a segunda questão só pode ser respondida como um “não”. Se na última semana a **desculpa para matar inocentes eram desenhos de humor**, no passado já foram evocadas leis contra o uso de véu em repartições públicas ou motivações geopolíticas. Não importa. O Charlie Hebdo foi um **bode expiatório para algo muito mais amplo**. (Grifo da pesquisadora) (Veja, 2015)

Pode-se interpretar que a matéria aplica a responsabilidade nos muçulmanos moderados, por serem a maioria, o papel de conter sua vertente mais radical, os fundamentalistas islâmicos, além de terem “em suas mãos a responsabilidade de combater as maçãs podres em meio a suas comunidades”, sendo, dessa forma, a única maneira de lutar contra uma ideologia que prega o terror e que conquista “jovens nascidos em solo francês”.

É apresentado que as vítimas não se resumem aos não seguidores da religião, como os “inocentes” que fazem “desenhos de humor”, mas também aos próprios membros da religião que forem contra os princípios que pregam o Alcorão.

O ataque foi considerado, pelos jornalistas, como um bode expiatório por ser precursor de um ato caracterizado “inocente”. De certo modo, os autores não levaram em consideração o limite da liberdade de expressão, além do desrespeito a determinada religião, por publicar charges ofensivas aos seguidores do islamismo.

Na matéria, as fotos atribuídas aos chargistas mortos no atentado seguiram a seguinte legenda “Heróis da Liberdade”, com o propósito de caracterizar que a publicação acredita que o massacre à redação foi um ataque, definitivamente, à liberdade de expressão.

A reportagem contou com fontes como o reitor da Grande Mesquita de Paris, Dalil Boubakeur; e da teóloga Lídice Ribeiro, que defende a reprodução das imagens do Profeta:

Trecho 3: O reitor da Grande Mesquita de Paris, Dalil Boubakeur, indignou-se, “O atentado foi uma fragorosa **declaração de guerra**”, disse. “Estamos horrorizados com a **brutalidade e selvageria**”. [...] **Trata-se de uma ingenuidade achar que, ao assassinar doze pessoas a sangue frio, os terroristas estão apenas pedindo respeito à sua religião. “O Corão não diz nada sobre proibição a representações de Maomé.** Existem algumas imagens antigas dele que são aceitas pelos muçulmanos”, diz a teóloga, Lídice Ribeiro. [...] Nos primórdios do islamismo, havia o temor de que fazer isso era perigoso, pois poderia suscitar uma adoração indesejada a Maomé. Mas a preocupação se dispersou e imagens do seu rosto ou sua representação com um círculo branco tornaram-se comuns em obras de arte e peças que adornavam casas e templos de muçulmanos em vários países. [...] **Não foi, portanto, uma ação genuína a uma ofensa mortal – e, ainda que fosse, não seria justificado.** Seu objetivo foi o mesmo compartilhado por outros grupos terroristas: **espalhar o medo** entre a população e abrir caminho para instalar uma visão totalitária e utópica da sociedade. [...] Charb, diretor do semanário morto na semana passada, era um **defensor muito lúcido da liberdade de expressão, especialmente a de criticar a hipocrisia, as ideias absolutistas e os poderosos.** [...] Por não aceitar se dobrar à intimidação, Charb estava na lista de jurados de morte dos principais grupos islamistas. (Grifo da pesquisadora) (Veja, 2015)

As fontes foram conduzidas para dizer o que, de fato, a revista quer apresentar; e os fatos foram enquadrados de acordo com sua linha editorial. A teóloga, em sua fala, expõe que o Alcorão não diz sobre a proibição de representações das imagens de Maomé, porém são ocultos os fatos das diversas formas de sua interpretação, além das suas imagens satirizadas estampadas nas capas dos periódicos, o que, de certa forma, é considerado uma afronta.

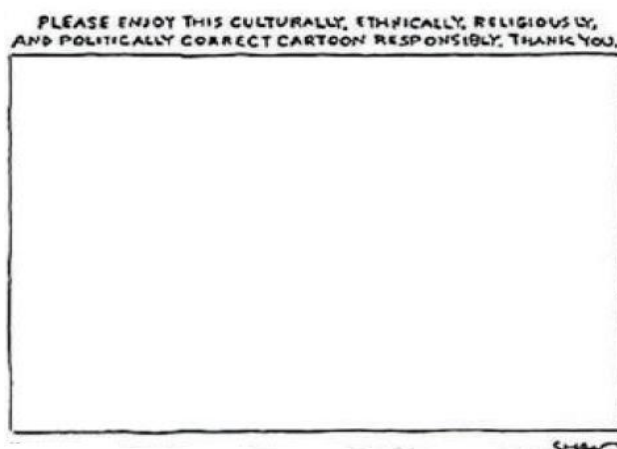
É interpretado que os autores tentam persuadir o leitor de que as imagens ofensivas nas capas, de acordo com a matéria, não foi uma ofensa mortal, mas, sim, de que o massacre

foi uma forma de impor o medo para a formação de uma sociedade regida às regras totalitárias dos extremistas.

Charb, diretor morto do semanário, foi colocado como um herói, sendo o “defensor da liberdade de expressão”, por suportar intimidações dos grupos islamistas e por, mesmo dessa maneira, continuar publicando conteúdos de caráter provocativo.

De acordo com própria fonte na matéria, um ilustrador chileno defende que o humor é uma forma de humanizar e tornar as pessoas vulneráveis, por abrir “espaço para que possamos rir de nós mesmo”. Deve-se levar em conta que o humor segue caminhos diferentes da ridicularização e do desrespeito. Foram apresentadas diversas charges na matéria que representam isso:

Figura 4 - Charge



Fonte: Veja, 2015.

Na charge, está escrito “Por favor, aprecie esta charge cultural, étnica, religiosa e politicamente correta com responsabilidade. Obrigada”. De modo irônico e drástico, a figura representa o seriam das charges se elas não tivessem seu tom provocativo, ou seja, não existiriam.

Na matéria, é destinado um espaço referente à reflexão dos direitos conquistados na França, com o tema atribuído “O lombo duro dos poetas”, seguido da linha fina “A França enfrentou muitas revoluções e debates de ideias até conquistar o que os islamitas querem destruir”:

Trecho 4: [...] As conquistas dos franceses não seguiram uma lógica linear. Sua história é feita de avanços e retrocessos, tanto no campo das ideias quanto na prática. Um exemplo é a igualdade. [...] Nos últimos anos, a **reivindicação dos muçulmanos franceses de ser tratados de maneira diferente**, com direitos exclusivos (como o de poder exigir que suas mulheres usem véu), **entrou em choque com a noção republicana de que os direitos são dados a indivíduos, não a comunidades**. Para os terroristas, essa é uma **discussão fútil**. Para eles, **a escolha é entre a adesão incondicional às leis islâmicas e a morte**. (Grifo da pesquisadora) (Veja, 2015)

Segundo o autor, pode-se considerar que os franceses deram oportunidades de igualdade para os muçulmanos terem espaço na nação, a fim de conseguirem ser tratados da mesma forma. Porém, tal fato exclui normas que regem uma sociedade caracterizada por costumes próprios, como o uso do véu. Desse modo, torna-se difícil conciliar interesses de povos com culturas diferentes do ocidente. É apresentada certa intolerância, por parte dos seguidores da religião, ao levar o leitor a crer que os radicais querem impor suas leis islâmicas ou, caso contrário, a morte é a solução.

A segunda reportagem, de autoria da jornalista Vilma Gryzinski, é composta pela manchete “A tirania do silêncio”, seguida da linha fina “Uma cruel inversão de valores leva muitos a fechar os olhos à dimensão político-religiosa de atentados bárbaros e, imediatamente depois deles, culpar a islamofobia”.

Somente pela linha fina, pode-se notar que é destinado um espaço para exposição do outro lado, às pessoas que não concordam que os ataques não partiram de atos meramente bárbaros, mas por motivos envolvidos. Dessa maneira, é apresentado que esse “outro lado” possui seus valores inversos, por fecharem os olhos a essa “dimensão político-religiosa”, porém quem que, de fato, apoia a causa, é culpado pela “islamofobia”.

Trecho 5: Em algum lugar entre dois extremos está a razão. Uma das extremidades é bem conhecida: a cada vez que é cometido um atentado sangüinário em consonância com os ensinamentos do fundamentalismo muçulmano, multiplica-se as reações garantindo que a **violência não tem absolutamente nada a ver com a religião** [...]. Ao contrário, dizem, **o Islã é a religião da paz e quem comete atrocidades em seu nome está desvirtuando seus fundamentos**. Ou talvez seus autores tenham lá no fundo suas

razões, pelos **motivos de sempre – a exclusão, a perseguição, o domínio imperialista** e outras **distorções infantis** que povoam o universo mental daqueles que querem, no fim de tudo, **pôr a culpa nos americanos**. Entre eles, incluem-se **muitos americanos, fruto da civilização ocidental avançada** na qual os enormes benefícios do pensamento livre de controles do Estado e a Igreja redundaram, em sua forma distorcida, no impulso masoquista de culpar a si mesmos por atrocidades, contanto que cometidas por gente de pele mais escura, cabelos mais encaracolados e roupas mais exóticas. **E do outro lado, quem está?** Surpreendentemente, a extrema direita, **que deveria estar brandando por sangue pronta para cravar seus dentes em vítimas inocentes e tirar proveito dos atos de barbárie, tem demonstrado, pelo menos em público, contenção e argumentos razoáveis**. [...] “O tempo de negação e hipocrisia já passou. É preciso proclamar em alto e bom som o repúdio absoluto ao fundamentalismo islâmico”, disse sobre o massacre de quarta-feira Marine Le Pen. (Grifo da pesquisadora) (Veja, 2015)

Pode-se interpretar, de acordo com o trecho, em primeiro momento, a autora procurou razões pelos atos cometidos. De modo irônico, é afirmado que a violência não possui relação alguma com religião e que o “islã é a religião da paz”. É destacado também que os reais motivos que levam os extremistas a violência são fatores sociais, como a exclusão, a perseguição e a vontade de dominar ou “outras disfunções infantis”. A culpa, de certa forma, é voltada aos americanos, considerados “fruto da civilização ocidental avançada” e do progresso.

É apresentado, no trecho, uma forte oposição e a consolidação do pensamento heroico americano, de modo a ignorar o ponto de vista da religião islã. Do outro lado está a população que se manifesta contra o ataque, que, segundo o autor, deveria e possui razões para “cravar seus dentes” e tirar sangues de vítimas inocentes, porém se contentam porque são ocidentalizados e civilizados, de modo a não deixarem a ser levados por atos da “barbárie”.

No final da matéria, a autora expõe a fala de Flemming Rose, editor do jornal dinamarquês que encomendou charges sobre Maomé que provocaram repúdio em 2005 como “resposta a vários incidentes de autocensura na Europa provocados por um

crescente sentimento de medo e de intimidação no trato de assuntos relacionados ao Islã”, o que, de certo modo, o levou a estar em lista de perseguição. O texto é finalizado com um questionamento que incita a luta dos moderados, de forma a defender a liberdade de expressão e de imprensa.

Na última matéria especial, de Nathalia Watkins, há uma entrevista estilo ping-pong com Hamed Abdel-Samad, cientista político egípcio que sofre ameaças de morte e é protegido pela polícia alemã, e autor do livro *Der Islamische Faschismus*, que significa “O Facismo Islâmico”, em alemão. Na obra, é exposto semelhanças entre o nazismo e o fundamentalismo islâmico. Hamed criticou também que o atentado à redação do Charlie Hebdo não possui relação alguma com o islã.

Pode-se interpretar que, somente pela revista ter escolhido Hamed como fonte principal da matéria, é atribuído o seu ponto de vista:

Trecho 6: Os muçulmanos fundamentalistas também se veem como os escolhidos. Acham que são mais elevados moralmente que o restante da humanidade. Assim como os nazistas, **eles desumanizam aqueles que consideram diferentes, inimigos ou infiéis, e tornam legítima sua aniquilação.** [...] No Islã muita gente acredita que o Corão é a palavra de Deus, enviada diretamente do céu para os seres humanos. O texto divide o mundo entre bons e maus, fiéis e infiéis, e **determina que o islamismo deve prevalecer sobre todas as religiões [...]. Não há espaço para a democracia quando se faz uma interpretação literal do Corão.** O Islã diz que são leis de Deus e isso não é negociável. [...] Eu já vi anúncio de um egípcio que **convidava outros muçulmanos para ir para o Estado Islâmico** dizendo que poderiam ganhar até 5000 dólares por dia. Com tudo isso, o jovem que se sente um pária na Alemanha ou nos Estados Unidos acha que descobriu uma oportunidade de ganhar dinheiro. [...] Para impor sua ideologia à base da violência. **Não há espaço para diversidade.** Qualquer demonstração de individualismo é considerada uma traição. [...] **Só um ingênuo pode achar que um grupo como o Estado Islâmico pode ser derrotado com diálogo,** ainda que de um lado esteja o papa e do outro os representantes dos extremistas. Não há conversa possível, porque **eles não acreditam que a outra parte tem o direito de existir.**

Ao utilizar do gancho sobre o ataque ao Charlie Hebdo, o cientista político egípcio opina sobre sua perspectiva do estado islâmico e suas atrocidades. Nessa parte, é destinado um espaço para a possível compreensão dos motivos que levam pessoas muçumanas de várias partes do mundo a se tornarem membros do Estado Islâmico.

Pode-se entender que os irmãos responsáveis pelo ataque são, de fato, pertencentes ao Estado Islâmico. Dessa forma, é apresentado o ponto de vista de quem é recrutado e a visão embutida em suas mentes, incentivada, muitas vezes, pela ideologia de dominação mundial e pelo dinheiro.

Nota-se, também, que é a primeira vez que os radicais são nomeados por “fundamentalistas islâmicos”, devido às suas características e ações baseadas na interpretação literal do Corão, levadas como autossuficiente, contra a democracia, a liberdade e a diversidade.

7.4 Comparativo entre as revistas

Pode-se interpretar que, somente pela análise das capas, as duas revistas apresentam ideologias diferentes sobre o mesmo ponto de vista, ao avaliar que a *Veja* defende a liberdade imprensa e os direitos dos cidadãos, independente das causas relacionadas ao ataque; e a *Carta Capital* avalia a situação de forma a considerar os possíveis motivos que ocasionaram o ataque, de modo a analisar as condições dos muçulmanos na França e o viés que explicam os porquês do massacre.

A revista Carta Capital atribuiu os fatos com um enquadramento que defendesse que o ataque ao Charlie Hebdo não foi precursor de uma ação que feriu os direitos da livre imprensa e a liberdade de expressão, mas como um acontecimento que pode ser comparado ao 11 de Setembro, como um ataque à República. Com isso, é criticado o modo com que as pessoas foram às ruas e se posicionaram, ao se manifestarem, em sua grande maioria, em defesa da liberdade de imprensa, sem considerarem que a redação do periódico Charlie Hebdo não respeitou sequer a religião do outro, ao reproduzir desenhos que satirizavam a imagem do Profeta, idolatrado pelo islamismo.

Consideradas como “grei automatizada”, os manifestantes são induzidos por frases já feitas e propagandas midiáticas, por agirem impulsivamente.

Também é criticada a maneira de como as autoridades de poder e políticos se posicionaram, diante de um momento oportuno e de sensibilidade para a nação, com 1,5 milhão de parisienses reunidos em prol de uma causa, para exposição de interesses políticos. As figuras de poder foram retratadas de modo hipócrita por abraçarem a causa, mesmo elaborando medidas que se desassociam com o que defendiam.

Em meio ao preconceito já embutido na França e o desejo de expulsar os muçulmanos, o Papa Francisco é idolatrado. Em meio de autoridades que não conseguem hegemonizar o consenso da população, as ideias de Francisco foram consideradas uma saída, por “iluminar a visão de todos e de exercer uma ação de suplência política na liderança mundial”.

A revista *Veja* se mostrou determinada em manter seu posicionamento. Aderido à frase “*Je suis Charlie*”, todas as matérias da edição especial apresentaram argumentos que defendessem a causa, de modo a convencer o leitor de que o massacre foi um ato estimulante à manifestação em defesa da liberdade de expressão.

As ações dos fundamentalistas islâmicos, compreendidos como extremistas e radicais, foram regados por adjetivos que os caracterizassem como mentes infantis, praticantes de atos da barbárie, de brutalidade e selvageria, regidos por leis medievais, entre outras.

Pode-se interpretar que ao longo das matérias foi desenvolvido, em ordem sequencial, a importância dos fatos para a Revista *Veja*. Em primeiro plano, destacaram-se os atentados, do qual os islâmicos extremistas são adjetivados e culpados pela execução do ato. É exposto que somente há uma única saída de combater o terror, quando os muçulmanos moderados, considerados a maioria, conseguirem acabar com os muçulmanos radicais, ao tirarem as “maças podres de sua sociedade”.

Em seguida, é retratado que há uma inversão de valores decorrente da existência de uma religião que preza pelo terror e, de modo irônico, os islâmicos são considerados vítimas, em meio a uma sociedade islamofóbica. Tal fato é comparado com os Estados

Unidos, representados por uma “civilização ocidental avançada”, de modo a se contrastar com as “leis medievais” dos muçulmanos.

Somente na última matéria, com a entrevista de Hamed, são destacados pontos sobre o fundamentalismo islâmico. Nessa parte, há respostas do entrevistado que buscam entender os porquês de seus seguidores serem violentos e rígidos.

Dessa forma, a edição especial da Veja priorizou por criticar e atacar os atos referentes ao ataque ao Charlie Hebdo, ao invés de apresentar questões sociais que envolvessem os recrutados ao Estado Islâmico e os motivos que os levam a tornarem-se membros de uma instituição que prega a violência e o terror.

8. Considerações Finais

O objetivo proposto do trabalho foi atingido por meio da realização da análise de cobertura de matérias contidas nas revistas selecionadas, correspondentes às publicações da Veja e Capital, das edições que abordam o atentado à redação do periódico Charlie Hebdo, ocorrido no dia sete de janeiro de 2015.

Ao longo da pesquisa foram desenvolvidos capítulos sobre conteúdos destrinchados da temática do trabalho com o propósito de realizar uma introdução anterior às análises das matérias escolhidas. Foram dispostos capítulos: sobre a Cobertura internacional no Brasil, a fim de caracterizar os parâmetros de reportar fatos do exterior; sobre o ataque à redação do Charlie Hebdo em si; sobre as linhas editoriais, que apresentam as ideologias contidas nas revistas em estudo; e, por fim, sobre a Análise do Discurso Francesa, em conhecimento dos métodos para a avaliação das publicações envolvidas no trabalho.

A pergunta-problema do trabalho é: Como revistas de circulação nacional, como a Veja e Carta Capital, com suas linhas editoriais opostas e conflitantes, dialogam diante de um acontecimento de relevância e repercussão mundial?

Após a análise desenvolvida, com base na linha de discurso francesa, em teorias do jornalismo e pela interpretação da pesquisadora sobre as matérias, torna-se possível apontar que ambas publicações, com circulação na cidade de São Paulo, possuem ideologias opostas, de modo a serem regidas por linhas editoriais, e olhares diferentes sobre o mesmo fato.

Foi estabelecido um comparativo entre as revistas, de modo a tornar-se possível afirmar que ambas revistas possuem ideologias e linhas editoriais próprias, aderido ao caráter comercial embutido nos veículos, com o objetivo da venda e do lucro. Tais aspectos dialogam diretamente com o discurso apresentado nas matérias, diante do modo de como os jornalistas descrevem certas ideias e conceitos defendidos.

Deve-se considerar que cada veículo de comunicação possui seu público-alvo correspondente, de modo a atrair o leitor que se interessa pelas suas ideologias, seus olhares, perspectivas e formas de argumentação.

Dessa forma, o presente trabalho possui a importância de ressaltar as diferenças editoriais presentes nas revistas, atrelado ao caráter da linha editorial característico de cada veículo para a elaboração de conteúdos dispostos em publicações. Com isso, torna-se relevante o estudo sobre o discurso embutido nos materiais e o debate sobre o ataque que comoveu o mundo de diferentes modos e intensidades, aplicáveis à fatores que envolvem também o jornalismo e seus valores.

9. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Vitor Pereira de; RODRIGUES, Cecília; FELZ, Jorge Carlos. **Análise do conteúdo jornalístico da revista Carta Capital**. Intercom, 2015.

AUGUSTI, Alexandre Rossato. **Jornalismo e comportamento: os valores presentes no discurso da revista Veja**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2007.

Carta Capital, site da revista. Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/editora/cartacapital>, acesso em 18 de setembro de 2016.

CARVALHO, Guilherme. **Diretrizes para análise de discurso em Jornalismo**. Revista Uninter de Comunicação n.1, 2013.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

Folha de S. Paulo. **Veja cronologia com polêmicas da Charlie Hebdo e ataques à publicação**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/01/1571630-veja-cronologia-com-polemicas-da-charlie-hebdo-e-ataques-a-publicacao.shtml>>. Acesso em 12 de maio de 2016.

FREIRIA, Rafael Costa; MATTOS, Matheus; PIMENTA, Fábio; ROCHA, Vitor. **O massacre ao jornal francês “Charlie Hebdo”**. Universidade Estácio Uniseb, 2015.

G1. **Além de Maomé, Jesus, o Papa e políticos foram capa do semanal**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/alem-de-maome-jesus-o-papa-e-politicos-foram-cap-a-do-semanal.html>>. Acessado em 19 de maio de 2016.

G1. **Ataque em sede do jornal Charlie Hebdo em Paris deixa mortos**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/tiroteio-deixa-vitimas-em-paris.html>>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

G1. **Veja a repercussão do ataque à revista francesa 'Charlie Hebdo'**. Disponível em: < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/veja-repercussao-do-ataque-revista-francesa-charlie-hebdo.html>>. Acesso em 20 de maio de 2016.

GASPAROVIC, Marília Manfredi. Carta Maior e Veja: **Ils ne sont pas Charlie Hebdo**. In: Revista Advérbio, v.10, n.20, 2015.

GAY, Roxane. **If je ne suis pas Charlie, am I a bad person? Nuance gets lost in groupthink**. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/jan/12/je-ne-suis-pas-charlie-nuance-groupthink>>. Acesso em 22 de outubro de 2016.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2012.

GILL, Rosalind. **Análise de discurso**. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 3. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom; DUPONT, Wladir. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. 2. ed. São Paulo: Geração, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique; SOUZA E SILVA, Cecília P.; ROCHA, Décio. **Análise de textos de comunicação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MARESCHAL, Edouard de. **À Charlie Hebdo, les terroristes ont crié: << Allah Akabar! Nous avons vengé le Prophète! >>**. Disponível em <<http://www.lefigaro.fr/actualite-france/2015/01/07/01016-20150107ARTFIG00483-les-terroristes-ont-crie-allah-akbar-nous-avons-venge-le-prophete.php>>. Acesso em 18 de outubro de 2016.

MARQUES, Rafael Borges; PARZIANELLO, Geder Luis. **Análise comunicacional do atentado terrorista à revista francesa Charlie Hebdo**. In: XVI Congresso da Comunicação da Região Sul, Joinville – SC, 2015.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda: Jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Summus, 1988.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Jornalismo em revistas no Brasil**: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete. São Paulo: Annablume, 2002.

NATALI, João Batista. **Conheça a história do jornal “Charlie Hebdo”, alvo de ataque a tiros em Paris.** Disponível em: <
<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/01/1571639-conheca-a-historia-do-jornal-charlie-hebdo-alvo-de-ataque-a-tiros-em-paris.shtml>>. Acessado em 20 de maio de 2016.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2. ed. rev. e aum. Campinas, SP: Pontes, 1987.

PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni Puccinelli. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 6. ed. Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni Puccinelli. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 6. Ed: Pontes, 2012

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso**: introdução à análise de discursos. 2. ed São Paulo: Hacker, 2002

PRADO, José Luiz Aidar. **O perfil dos vencedores em Veja**. Revista Fronteiras: estudos midiáticos – UNISINOS. São Leopoldo, Vol.5, n.2, dezembro 2003

QUADROS, Cynthia Boos de; PILLA, Armando. **Charges, uma leitura orientada pela Análise do Discurso de Linha Francesa**. Intercom, 2009.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SEELow, Soren. **Attentat à <<Charlie Hebdo>>: << Vous allez payer car vous avez insulté le Prophète>>.** Disponível em:
<http://www.lemonde.fr/societe/article/2015/01/08/vous-allez-payer-car-vous-avez-insulte-le-prophete_4551820_3224.html>. Acesso em 20 de maio de 2016.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2 ed. 2005-2008.

UTZERI, Fritz. Do outro lado do mundo. In: RITO, Lúcia et al (orgs.). **Imprensa ao vivo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

YARNOZ, Carlos. **Miles de personas se concentraran em Paris tras el atentado a Charlie Hebdo**. Disponível em: <
http://internacional.elpais.com/internacional/2015/01/07/actualidad/1420650416_184865.html >. Acesso em 22 de outubro de 2016.



TODOS À LA PLACE. POR QUÊ?

A adesão imediata à manifestação de Paris mostra como é fácil hoje manipular uma opinião pública tolhida para o exercício do espírito crítico

por MINO CARTA

PERGUNTARIA Hamlet: “Ser ou não ser?” Charlie, está claro. A personagem de Shakespeare é o paradigma da dúvida atormentada pela invulnerabilidade do efêmero. Surpreende, porém, e até espanta, a rapidez com que a larga maioria fez sua escolha. Por quê? A que se deve o imediatismo da resposta? Agir às pressas, de impulso, precipita amiúde equívocos, enganos, erros. Não seria o caso de parar para pensar?

Pois é, pensar. Explorar a faculdade que o ser humano tem de constatar sua pessoal existência. O mundo vive uma quadra de enormes incertezas e de graves conflitos, e a situação se apinha de inúmeros por quês. Por que aqui estamos a padecer uma crise econômica que poupa somente banqueiros e especuladores, aliás, a eles aproveita acintosamente? Por que o rentismo grassa enquanto o desemprego aumenta? Por que o desequilíbrio social se aprofunda em todos os cantos? Por que uma centena de multinacionais impõe sua vontade a Estados soberanos? Por que

a senhora Merkel e seus banqueiros ditam as regras à inteira Comunidade Europeia e decretam a austeridade em lugar do desenvolvimento? Por que o atual presidente da UE é o ex-premier do Luxemburgo, o aprazível paraíso fiscal?

Interrogações sem conta, propostas pela circunstância. Pode-se, se quisermos, perguntar aos nossos botões por que o mundo carece hoje de poetas, ou por que pagam-se dezenas de milhões de dólares por um tubarão morto mergulhado em uma caixa de vidro cheia de formol, ou por que navegantes da internet divulgam

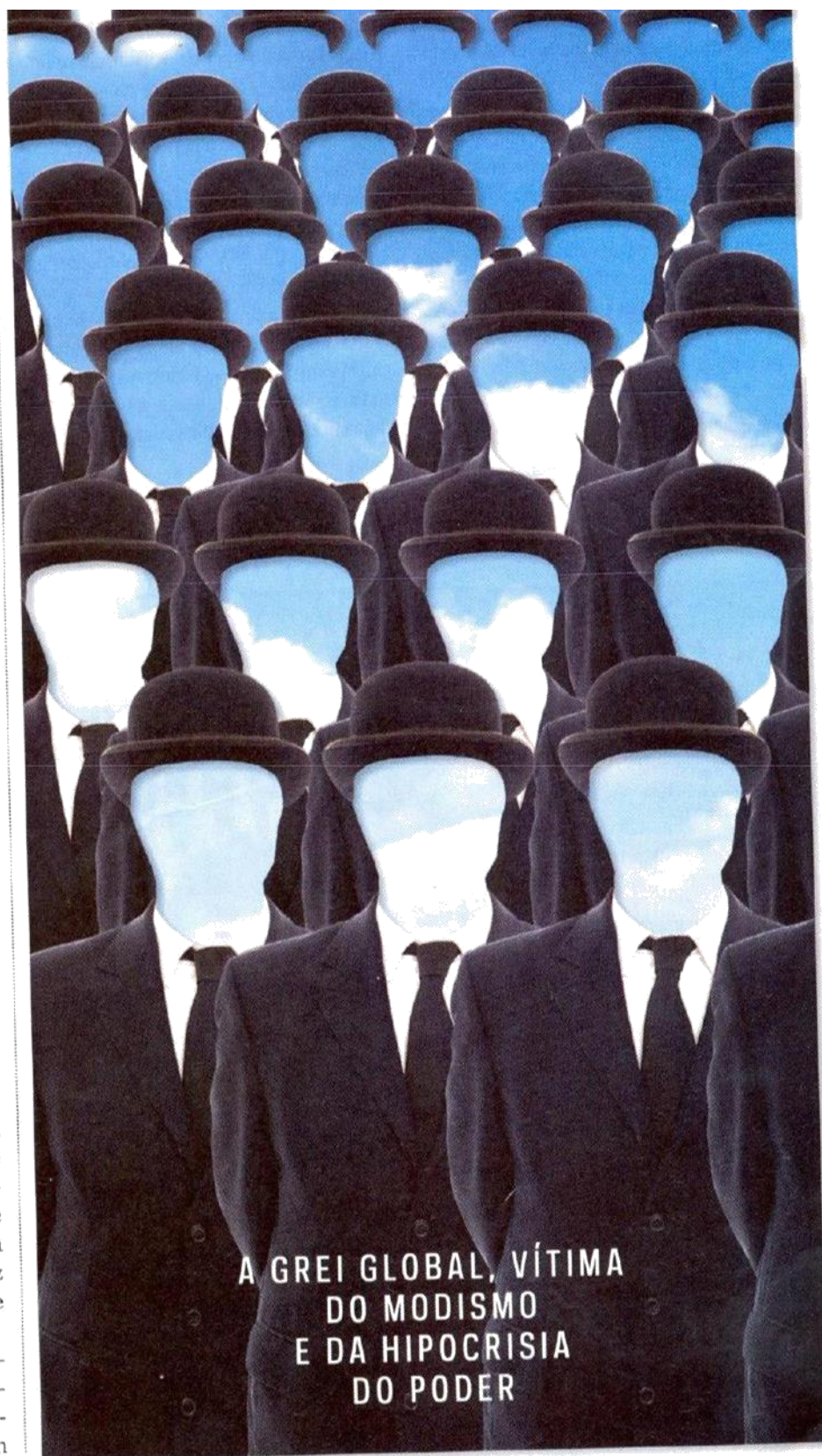
aos quatro ventos o cardápio do seu jantar da noite anterior. Ou por que, de súbito, a humanidade concentra-se na Place de la République, de corpo presente ou em espírito, para manifestar contra o terrorismo.

O espetáculo parisiense assinala, ao mesmo tempo, o triunfo do modismo e da hipocrisia. Fácil identificar o lado de cada qual, a ser clara a desfaçatez das autoridades. Em boa parte, tem responsabilidades em relação ao terrorismo, quando não são seus instigadores, cúmplices, ou até mesmo praticantes, competentes ou não. Conseguiram o que queriam, admitamos. Juntaram o Ocidente em uma praça parisiense para ostentar os seus poderes e cuidar dos seus interesses políticos, sem exclusão de golpes baixos, ações de guerra, assaltos aos cofres públicos e terrorismo de Estado, sem contar as violações dos Direitos Humanos.

Diante deles, incitada pelas frases feitas da propaganda midiática, súcuba dos apelos da retórica globalizada, a grei automatizada. Incapaz de entender se, de pura e sacrossanta verdade, o massacre na redação do *Charlie Hebdo* configura um ataque sem precedentes à liberdade de imprensa, ou de expressão. Ou à liberdade na aceção total, sem qualificativos.

Resta entender o significado e o alcance das palavras. Sabemos, em primeiro lugar, ou pretendemos saber, que a liberdade de cada um acaba na liberdade do semelhante. Nem todos se dão conta disso. De qualquer forma, a liberdade proclamada pela Revolução Francesa acaba por ser de poucos se não for completada pela igualdade. Livre é realmente uma sociedade de iguais. Se há canto da Terra onde esta simbiose acontece, louvado seja quem fez o milagre. Nem se fale do Brasil, o país de casa-grande e senzala.

Outra questão diz respeito à liberdade de imprensa, que na mídia nativa conta com paladinos aguerridos. A liberdade que defendem é a de fazer o que bem



entendem. Não é assim em outros países democráticos e civilizados, onde a mídia é devidamente regulamentada, para impedir, entre outros objetivos, o monopólio e o oligopólio. Na França, é certo, o *Charlie Hebdo* podia circular à vontade, a despeito dos seus discutíveis propósitos e de certo autoritarismo a vingar na redação. O cartunista Siné, célebre desde o fim dos anos 50, foi despedido porque suas charges não tinham a desejada agressividade e evitavam certos assuntos.

A virulência antimuçulmana, no *Charlie Hebdo*, não é inferior àquela

dirigida contra as religiões monoteístas de cristãos e judeus. Tempos atrás, uma charge mostrava, da forma mais crua, o encontro (seria um rendez-vous?) entre a Virgem Maria e um centurião romano, com o resultado de trazer à vida quem mais, se não Jesus Cristo. Ocorre a lembrança de um *Pif-Paf*, a seção entregue pelo *O Cruzeiro* dos Diários Associados a Millôr Fernandes, por mais de duas décadas. O humorista estava disposto a contar a história fracassada de Adão e Eva no Paraíso Terrestre. Jocosidade e sem vulgaridade, no traço steinberguiano de Millôr.

A CNBB protestou oficialmente, e Millôr foi despedido com a habitual pusilanimidade. Não houve manifestação na Cinelândia carioca.

Não convém ao Ocidente aceitar a ideia de que a tragédia decorre de uma ação de guerra levada a cabo por um comando bem treinado, mas é assim que pensam os fanáticos arregimentados pela Jihad. Se uma bomba um dia desses explodir, digamos, no Grand Palais, não podemos alegar o atentado contra a liberdade de expressão, como não o foi o ataque

JE SUIS HYPOCRITE



ANTONIS
SAMARAS

**Primeiro-ministro
da Grécia**

Cúmplice da violência
xenófoba contra
imigrantes - que
confina e expulsa

MARIANO
RAJOY

**Primeiro-ministro
da Espanha**

Instituiu a "lei da
mordaca" contra
protestos de rua e
sua cobertura

DAVID
CAMERON

**Primeiro-ministro
do Reino Unido**

Acoberta
operações ilegais
da CIA americana
contra supostos
terroristas
islâmicos

**Helle Thorning-
Schmidt. Primeira-
ministra da
Dinamarca**

XEQUE ABDULAH
AL-NAHYAN

**Ministro do
Exterior dos
Emirados Árabes**

Financia os
jihadistas e
aprisiona sem
julgamento
jornalistas
independentes



VIKTOR
ORBÁN

**Primeiro-ministro
da Hungria**

Em nome
dos "valores
tradicionais",
pressiona a
sociedade civil.
Passou lei que
criminaliza os
pobres e sem-teto



Federica Mogherini.
Comanda a política
externa da União
Europeia

às Torres Gêmeas. O objetivo do terrorismo, de resto, é solapar a capacidade de resistência do inimigo designado, de certa maneira é semear o pânico com a humilhação do alvejado.

Não se trata, de todo modo, de buscar explicações, e sim de entender que a liberdade de expressão tem necessariamente limites, bem como a intenção de provocar, desbragada na publicação satírica. O que talvez esclareça quanto ao seu escasso êxito junto ao público francês. Nesta semana, o *Charlie Hebdo* saltou de uma tiragem de algumas dezenas de milhares de cópias

para milhões. Também este é fruto do modismo, a contar, para a manipulação da opinião pública, com instrumentos cada vez mais capilares e eficazes. Vezos e tendências momentâneos assumem a ribalta e tomam conta da plateia de forma avassaladora. Até levá-la, se for o caso, à Place de la République.

É provável que na multidão também figurassem muitos cidadãos franceses de origem árabe, ou africana, e de religião muçulmana, impelidos pela repulsa ao terrorismo, conquanto ofendidos pela charge que visava o Profeta. Que fazer

com 6 milhões de muçulmanos franceses donos de todos os direitos de cidadania? Expulsá-los em bloco? Não faltarão aqueles que aprovariam a solução com entusiasmo. Caso se trate de torcedores do futebol, a xenofobia os teria levado a não considerar o triste destino da seleção francesa, privada de muitos entre seus melhores craques.

Deste ponto de vista, o Brasil é um país resolvido, embora não isento do preconceito racial e social. Por aqui pobres e pretos vivem sob suspeita. Manda, porém, o *jus soli*, pelo qual somos todos brasileiros. Na França, e em toda a Europa, meta de



Angela Merkel.
Chanceler
da Alemanha

**BOUBACAR
KEITA**

**Presidente
do Mali**

Na guerra contra os radicais islâmicos, é acusado de torturar e suprimir direitos

**MAHMOUD
ABBAS**

**Presidente
da Palestina**

Direitos civis limitados

**ABDULLAH
E RANIA**

**Rei e Rainha
da Jordânia**

Ataque à rede de TV Al-Abasiya, prisão de jornalistas e bloqueio a websites

Anne Hidalgo.
Prefeita de Paris

**Jean-Claude
Juncker.** Presidente
da Comissão
Europeia

**BENJAMIN
NETANYAHU**

**Primeiro-ministro
de Israel**

Adepto da "solução final" para os palestinos, liderou a recente invasão de Gaza, com 2 mil mortos - civis, na sua maioria - e 10 mil feridos

**FRANÇOIS
HOLLANDE**

**Presidente
da França**

Administra um país dilacerado entre os que clamam pela "guerra ao terror" e aqueles que querem segurança sem comprometer as liberdades civis

**AHMET
DAVUTOGLU**

**Primeiro-ministro
da Turquia**

Cerco à imprensa independente. Enquanto ele marchava em Paris, cartunista Mehmet Düzemil cumpria prisão por criticar líder muçulmano

**PETRO
POROSHENKO**

**Presidente
da Ucrânia**

Trocou um governo autoritário por outro. Fascistas atacam jornalistas. Suas tropas bombardeiam alvos civis na luta contra os pró-russos

forte migração de áreas subdesenvolvidas, a questão suscita ásperas polêmicas, mesmo porque em muitos países a tradição soletra o *jus sanguinis*. O sangue determina a cidadania. Eventos como o massacre que abalou o mundo vão excitar o ódio racial na França, na Europa, e alhures, em benefício da direita mais reacionária.

Quem leva vantagem? Na França, Marine Le Pen, que se fortalece como candidata à Presidência da República. Na Itália, crescerá a *Lega*. Na Alemanha, o *Pegida*, grupo ultradireitista. Rajoy, na Espanha, reforça seu poder. De todos os líderes, Netanyahu é aquele que, ao carregar sua campanha eleitoral até Paris, exhibe com maior clareza seus propósitos. E a orquestração bem trabalhada acaba por acentuar as incompatibilidades, os contrastes, as divergências, os conflitos. A violência e o desvario em geral.

Neste caldo de cultura germinam, como no magma primevo a se esfriar teria nascido a vida do planeta, o fanatismo assassino, a criminalidade nas suas distintas fisionomias. Isto é do conhecimento até do mundo mineral, mas não de todos os homens. Fatos como a chacina parisiense repetem-se à toda hora, provocados pelo fanatismo, pela revolta, pela insanidade, pela desgraça. E pelo terror de Estado. Não cabe justificar o horror. Recomenda-se, entretanto, aquilatar envoltórios e responsabilidades. E anotar que inomináveis delitos



O Estado Islâmico nasce da incompetência americana, já exibida largamente com a guerra do Iraque



**HÁ FRANCESES
INCLINADOS
AO SONHODE EXPULSAR
SEUS CONCIDADÃOS
MUÇULMANOS.
NO CASO A SELEÇÃO
BLEU PERDERIA VÁRIOS
DOS SEUS MELHORES
CRAQUES**

cometidos pelos senhores do mundo ocidental não costumam merecer a repulsa das praças lotadas.

Para evocar fatos próximos, é da incompetência impafiosa da diplomacia norte-americana que eclode a Guerra do Iraque, ou brota a maior ameaça terrorista representada pelo Estado Islâmico. Tal é a inexorável verdade factual. Há culpas em cartório, contribuições transparentes ao descalabro dos dias de hoje, às quais a maioria se presta de pronto porque tolhida fatalmente ao exercício da razão. O alpiste servido aos incautos, aos desmemoriados, aos crédulos, aos ignorantes, é a versão dos cavaleiros tão bem representados na praça parisiense. Aproveitam-se da eficácia dos instrumentos chamados a entorpecer as consciências e demolir o mais pálido resquício de espírito crítico.

Talvez estejamos no limiar de uma nova Idade Média, contradição apenas aparente do dito progresso tecnológico. Se o homem dispõe de computador e celular de infinitas funções, e vive bem mais do que as gerações precedentes, nem por isso ganha em sabedoria, pelo contrário. O respeito à memória, base de todo conhecimento, dispersa-se na moda contingente. Nesta moldura, o livro tende a se tornar objeto obsoleto. Na mesmice globalizada instalam-se, disfarçados pela banalidade, a ignorância, a indiferença. E os desbordantes porquês não logram resposta. •



Além do Charlie Hebdo

► Não é o Alcorão, mas a Bíblia, o livro sagrado que recomenda a pena de morte aos blasfemos. Está no Levítico (24:16)

A TRAGÉDIA no semanário *Charlie Hebdo* acirrou na Europa o conflito político-ideológico entre a direita radical difusora da islamofobia e a esquerda, com a sua bandeira de integração centrada na formação de uma igualitária sociedade multiétnica.

À frente dessa direita populista na França está Marine Le Pen, da Frente Nacional, na Itália Matteo Salvini, da Liga Norte. Ambos com posições xenófobas e favoráveis à revogação do Tratado de Schengen, a cidade luxemburguesa onde foi celebrado, em 1985 (seria aperfeiçoado em 1995), ao estabelecer a livre circulação de cidadãos pela União Europeia.

Essa dupla não distingue a presença majoritária de islamitas pacíficos e minorias reunidas em associações terroristas salafistas financiadas, muitas vezes, como foi o caso de Osama bin Laden, por uma elite endinheirada, encastelada nas petromonarquias da Arábia Saudita, dos Emirados Árabes e do Catar.

Melhor: trata-se de associações terroristas com atuação em rede planetária e adesão a um integralismo de matriz político-religiosa. Essas organizações não aceitam o pluralismo de ideias e de programas, a laicidade do Estado, a liberdade de opinião e de imprensa, a democracia.

Abraçam o totalitarismo religioso. Seus integrantes estão sempre prontos a matar aos gritos de *Allahu akbar* (Alá é grande) ou de invocar, para justificar os bárbaros crimes, o nome do profeta Maomé, em equivocada interpretação do Alcorão. A propósito das charges do semanário, não é o Alcorão, mas a Bíblia, no Levítico (24:16), o único livro sagrado a sancionar a blasfêmia com pena de morte: “Quem blasfema o nome do Senhor deve ser morto”.

Para Marine Le Pen, as mortes no *Charlie Hebdo* revelaram “não ser a Europa capaz de defender seus cidadãos contra o terrorismo”. Le Pen não atentou a dois fatos significativos que envolvem, no caso da integração étnica, islamitas praticantes. O policial de origem árabe e religião islâmica Ahmed Merabet enfrentou até a morte, na calçada defronte à sede do semanário, os dois irmãos Kouachi. Seus familiares, em entrevista coletiva que Le Pen prefere ignorar, ressaltaram: “Ahmed era de fé islâmica e os seus assassinos uns falsos islamitas, pois o Islã é uma religião de paz”.

Na tragédia do dia seguinte, o malinês Lassana Bathily, funcionário do armazém de produtos *kosher* onde quatro reféns foram assassinados, salvou mais de uma dezena de hebreus. Bathily escondeu em uma câmara frigorífica, depois de desligar o sistema refrigerador, diversos judeus em compras no mercado. Salvou-os da ira e das balas do fanático Amedy Coulibaly. Na véspera, Coulibaly havia matado uma policial estagiária desarmada em um parque da comuna de Montrouge.

Na seara policial e de inteligência, muitos pontos precisam ser esclarecidos. A Al-Qaeda da Península Arábica, sediada no Iêmen, reivindicou, após autorização de Ayman al-Zawahiri, sucessor de

Bin Laden e chefe da Al-Qaeda central, a autoria do atentado no *Charlie Hebdo*, conforme um vídeo de 11 minutos.

Pelos sinais, tudo pode ter nascido de iniciativa escoteira de uma célula doméstica e autônoma fundada em 2005 pelos irmãos Kouachi, com adesão de Coulibaly e predicções de Djamel Beghal. Essa célula chegou, no parque francês de Buttes Charmont, a atuar na arregimentação de jihadistas para o Iraque e, posteriormente, à Síria.

Chérif Kouachi e Coulibaly foram condenados, com penas de 3 e 5 anos, por tentativa de tirar da penitenciária o terrorista Ali Belkacem, autor de um atentado no metrô em 1995. Chérif ficou sete meses preso e recebeu livramento condicional, enquanto Coulibaly deixou a cadeia em julho de 2014. Até então, a célula atuava com autonomia, por sua conta e risco. A Al-Qaeda central, desde Bin Laden, pregava, via ciberterror, a ordem do “faça você mesmo a sua parte sem precisar consultar, salvo em questões religiosas”.

Interessa à Al-Qaeda colocar no currículo um segundo 11 de Setembro, desta vez na França. Ainda mais por estar em conflito com o Estado Islâmico, que logrou ocupar um território, enquanto seu líder, Abu Bakr al-Baghdadi, proclamou-se califa Ibrahim, o que deve ter levado Bin Laden a se remexer de inveja no fundo do mar. O sonho não realizado de Bin Laden era ter um califado. Registre-se: os irmãos Kouachi avisaram pertencer à Al-Qaeda. Não esclareceram, no entanto, se estavam sob ordens alqaedistas.

Pergunta: a versão oficial a ser apresentada vai ou não coincidir com a verdade real? •

counistas@cartacapital.com.br

CHORE POR MIM, FRANÇA

Mas há muitas razões para justificar as lágrimas

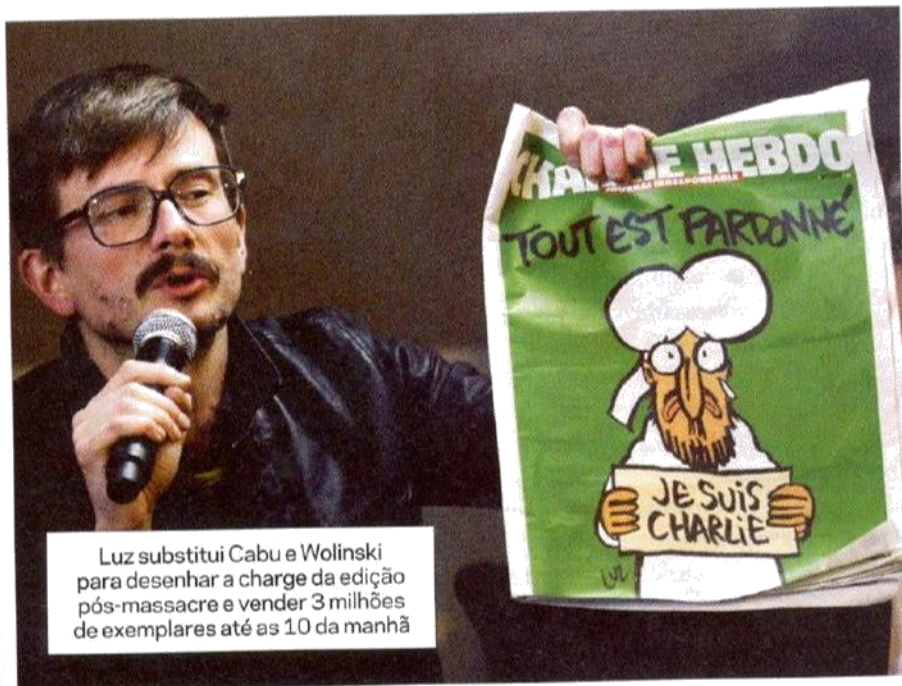
por GIANNI CARTA, DE PARIS



UM PROFETA CHORA na charge na capa da edição de quarta-feira 14 de *Charlie Hebdo*. Exibe um cartaz, “Je suis Charlie”. Mais: “Tudo está perdoado”. Luz, 43 anos, autor da caricatura, diz à imprensa ter chorado ao desenhar Maomé. Chorou a morte de cinco companheiros cartunistas, entre os melhores chargistas do país, e de mais cinco pessoas e dois policiais. Aconteceu na quarta-feira 7, na redação do *Charlie Hebdo*. Armados de Kalashnikovs e um lança-granadas, os irmãos parisienses Chérif e Said Kouachi, de 32 e 34 anos, convertidos ao Islã radical e treinados no Iêmen, concluíram a chacina em dez minutos.

Durante a fuga dos Kouachi, entrou em ação Amedy Coulibaly, outro francês convertido ao radicalismo, de 32 anos, e o provável líder da célula. Segundo o diário *Le Figaro*, os irmãos haviam recebido 20 mil dólares no Iêmen para agir com Coulibaly. Esperaram, portanto, a saída dele da prisão, onde cumpria pena por roubo. Coulibaly assassinou uma policial ao sul de Paris e mais quatro homens em um supermercado kosher. Quando a polícia ainda procurava a mulher de Coulibaly, Hayat Boumedienne, ela já estava na Síria. Com Hayat foi identificado um rapaz, aparentemente envolvido na operação, Mehdi Sabry Belhoucine, cidadão francês de 23 anos. No meio-tempo, Nasser ben Ali al-Anassi, líder do Al-Qaeda na Península Arábica (Aqpa), reivindicou os atentados para “vingar” o Profeta.

Luz, o decano a substituir outros caricaturistas talentosos como Cabu e Wolinski, chorou como tantos franceses sob estado de choque. A França viveu o seu 11 de Setembro. Um ataque à República, não contra a imprensa livre, como insiste a vasta maioria. Segundo



Luz substitui Cabu e Wolinski para desenhar a charge da edição pós-massacre e vender 3 milhões de exemplares até as 10 da manhã

POR ENQUANTO, GRANDES EMOÇÕES PREVALECEM. E O MINISTRO DO INTERIOR INSISTE: “DEFENDEREMOS A IMPRENSA LIVRE”

o Alcorão, Alá e o Profeta não podem ser retratados. Isso fica claro no capítulo 42, versículo 11: “(Alá) é o criador dos céus e da terra ... não há nada que se assemelhe a ele”. E eis o capítulo 21, versículos 52 a 54: “(Abraão) disse ao pai e ao povo: ‘Por que a adoração por essas imagens que vos unem?’ Eles disseram: Vemos nossos pais a adorá-las. Ele disse: Certamente vocês têm cometido, juntamente com vossos pais, em erro manifesto”. Para resumir, na religião muçulmana imagens não podem ser idolatradas, e sim o divino. É preciso respeitar as religiões. Vale lembrar que a velha redação de *Charlie Hebdo* já tinha sido destruída em um atentado em novembro de 2011. Seu editor, Charb, de 47 anos, estava sob proteção policial. Idem a redação, que havia sido transferida para um pequeno prédio nas proximidades da Praça da Bastilha. Charb aceitou o risco.

No momento, gestos guiados pelas grandes emoções prevalecem sobre aqueles ancorados na razão. Por essas e outras, representantes da mídia e o governo deram ajuda financeira ao *Charlie Hebdo*. Disse o ministro do Interior, Bernard Cazeneuve: “Defendemos a imprensa livre”. Na quarta-feira 14, 3 milhões de exemplares, em vez dos costumeiros 60 mil, estavam esgotados às 10 da manhã. Uma hora antes fui a cinco bancas, algumas delas com cartazes nos quais se lia: “*Charlie Hebdo* esgotado”. Indaguei uma mulher, a empunhar um exemplar, onde ela tinha conseguido o dela: “Fiquei em uma fila desde as 6 da manhã”. Mais 2 milhões de exemplares, com charges inéditas dos cartunistas mortos, seriam impressos nos próximos dias. O diário italiano *Il Fatto Quotidiano* teve direito a

reproduzir um suplemento com as 16 páginas do *Charlie Hebdo*. Disponíveis mais de 10 mil cópias do semanário satírico na Alemanha em francês e alemão. No mundo árabe, o quadro é diferente: proibidas as vendas no Egito, na Argélia etc. Quase 2 mil manifestantes gritaram em uníssono nas Filipinas: “Je ne suis pas Charlie”.

Um contraste com o povo a gritar “Je suis Charlie. Nous sommes tous Charlie”, na marcha pela liberdade no domingo 11. Mais de 1,5 milhão de parisienses de um total de 3,7 milhões de cidadãos França fora foram às ruas para protestar contra o terrorismo e pela liberdade de imprensa, inclusive aquela de retratar agressivamente, no país da *liberté*, o Profeta. Não escassearam velas, buquês de flores nos lugares onde houve atentados. Desfilaram importantes símbolos da República: a tricolor, Joana D’Arc, e Marianne, a simbólica mãe da nação a encarnar os valores *Égalité, Liberté et Fraternité*. Cidadãos de todas as inclinações ideológicas e fés mostraram aos radicais islamitas que não se dobram diante do terrorismo. O presidente François Hollande exprimiu-se com dignidade e no tom apropriado. Naqueles momentos de emoção à flor da pele reinava o patriotismo. Perigoso a curto prazo, quando a sobriedade pouco a pouco volta à tona.

Sob escolta policial e a viver com a família em endereços desconhecidos desde a publicação de um texto seu criticando o Profeta publicado pelo diário *Le Figaro* em 2006, o filósofo Robert Redeker enviou, a meu pedido, um texto sobre os eventos. Nele se compara ao filósofo comunista Georges Politzer, fuzilado em maio de 1944, durante a Resistência, a entoar a *Marselhesa*. Mais: “Eles (os caricaturistas) morreram pela França”. São heróis. O artigo de Redeker, entrevistado em diversas ocasiões por *CartaCapital*, contrasta com a entrevista telefônica com Magid Shihade, professor visitante

de ciências políticas da Universidade da Califórnia. Diz Shihade: “Assassinatos perpetrados por militantes treinados pelos EUA contra cidadãos inocentes no Afeganistão são acidentes colaterais e não têm repercussão alguma para americanos, europeus e as autoridades israelenses”. Por outro lado, observa Shihade, “essa violência simbólica, como desenhos animados ou queimar o Alcorão, são mais importantes do que matar milhões no Afeganistão, Iraque, Síria, Líbano e Palestina. Por quê?”

Embora tenha ganhado popularidade com os atentados, Hollande tem pela frente uma dura luta contra a legenda de extrema-direita Frente Nacional, de Marine Le Pen. Do seu canto, ela tem inflamado o povo com o costumeiro desdém pelo muçulmano. De qualquer modo, as gafes dos líderes moderados já começaram. Após a inflamada frase “A França é capital do mundo”, que parece conferir demasiado mérito à capital francesa, críticos perceberam o óbvio: várias autoridades convidadas às pressas eram líderes em cujos países o termo “liberdade” é palavrão. Com a exceção de alguns premiers, como o italiano Matteo Renzi e o britânico David Cameron, o israelense Benjamin Netanyahu, sem contar alguns líderes árabes, causou constrangimento. Às vésperas das eleições em Israel, Netanyahu foi, cercado de cem agentes do Mossad, ao supermercado kosher, onde morreram quatro judeus. Anunciou: “Venham viver em Israel, terra dos judeus”. Irritado, rebateu o premier francês Manuel Valls: “Eles são franceses e judeus, esta é a terra deles”. Vários judeus franceses são antissionistas. Ou ateus e agnósticos. Como se isso não bastasse, Netanyahu entrou em outra polêmica: comparou os terroristas franceses com os integrantes da legenda com braço armado Hamas, em Gaza, e com o Hezbollah, a legenda xiita libanesa também com braço armado. E aproveitou para fundir todos os grupos terroristas no

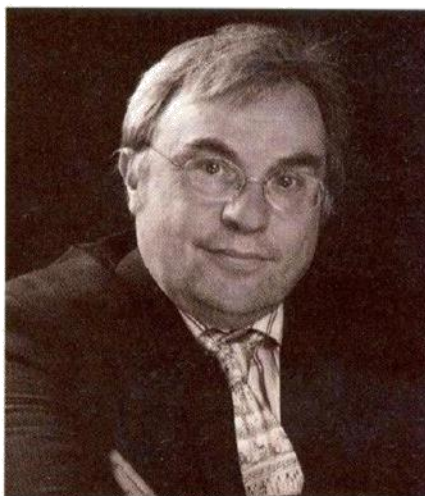


Hamas. Detalhe: este foi tirado da lista de grupos terroristas pela União Europeia. Observa Shihade: “Naturalmente, as autoridades israelenses estão felizes com o atual contexto, porque podem utilizar os atentados na sua manipulação cínica de tentar unir o mundo inteiro contra os palestinos”. Ao mesmo tempo, negam a violência de Israel e o “choque de civilização”, tese do sionista Samuel Huntington. “Nesse meio-tempo, os palestinos continuam subjugados à repressão e assassinatos, assim como milhões de árabes e muçulmanos.”

Por outro lado, a França não é tão liberal, no sentido político, quanto parece. Em 20 de julho de 2014, Valls proibiu os protestos pró-Palestina, então sofrendo baixas de civis por conta de ataques israelenses, e da violência de alguns manifestantes. Outro motivo: o crescente antisemitismo nas redes sociais. Os manifestantes foram adiante. Ao norte de Paris, no bairro de Barbès, houve um confronto com a polícia: pedras e garrafas contra bombas



Marine Le Pen reforça a retórica xenófoba. Redeker, que já criticou o islamismo e vive sob escolta, afirma que os chargistas do *Charlie Hebdo* morreram pela França



NO IRAQUE, OS EUA MATARAM DEZENAS DE MILHARES DE PESSOAS. TALVEZ ESTEJA AÍ A ORIGEM DO MASSACRE ATUAL, DIZ GIORGIO AGAMBEN

de gás lacrimogêneo. Cenário de guerrilha urbana. Sob pressão de organizações muçulmanas, o governo cedeu. Fui a dois protestos, em agosto. Não houve nenhum conflito com a polícia.

Ex-ministro do Interior, Valls, como Nicolas Sarkozy, diz: “A França está em estado de guerra”. Slogans, inclusive *Je suis Charlie*. “São importantes porque definem as causas pelas quais lutamos.” Talvez Valls precise aprender um pouco sobre o tema. Como a direita reacionária, o conservador Valls certamente deve ser favorável a um *Patriot Act* francês. Em suma, uma legislação de exceção provisória, em princípio. Nos EUA, qualquer suspeito pode acabar em Guantánamo. Treze anos após ter sido aprovado, o *Patriot Act* continua em vigor. Na França haverá um “estado de urgência” com “centros de detenção”.

Resta saber o quão o “estado de urgência” se assemelha ao *Patriot Act*. Em entrevista ao diário italiano *La Repubblica*, o filósofo Giorgio Agamben explica que se entende por “guerra” conflitos entre potências e, portanto, a palavra não se aplica ao caso do terrorismo. Agamben emenda que foi esse “equivoco” o motivo a ter levado George W. Bush, a invadir o Iraque em 2003. Matou “dezenas de milhares de pessoas”, cujas mortes provavelmente provocaram os assassinatos “pelos quais hoje chora Paris”.

Outra questão espinhosa: a França não tem uma lei contra a blasfêmia, como a Irlanda e a Grécia. No entanto, o racismo e a incitação racial são proibidos. Difícil distinguir entre as duas definições. Joelle Fiss, especialista em Direitos do Homem, explica em uma coluna no *Libération*: ao contrário da

incitação racial e religiosa, o insulto não gera consequências. No entanto, Fiss parece não acreditar que a blasfêmia pode ser tida como incitação religiosa.

Encontro uma professora de nível colegial para entender como ela explica os atentados radicais para seus alunos. “Mostro para eles as caricaturas, digo que a França é um país livre. Os cartunistas não mereciam ser assassinados, mas exageraram.” A professora diz que, quando mostra as caricaturas de Maomé, alguns alunos ficam chocados, especialmente, é claro, os de origem árabe. “Eles até certa idade compreendem melhor a imagem, e muito menos a abstração.” O problema – continua a professora – é que seus alunos em uma escola dos subúrbios, especialmente os de origem árabe, sentem-se marginalizados. Acrescenta: “Do meu subúrbio, verdadeiro gueto, não há metrô direto para Paris”. Um jovem tem de tomar dois, três ônibus para vir paquerar em Paris. “Lembro de um deles, anos atrás, menino bonito, perdido, mais tarde sem emprego. Disse que encontrou na religião muçulmana um norte. Será que ele não poderia ter se radicalizado e ser hoje um jihadista?”

Quinta 15. O estado de alerta máximo continua. Mais de 10 mil policiais e soldados armados de metralhadoras em Paris testemunham o temor de uma nova onda de atentados. Em entrevista ao diário *Libération*, a brigada criminal de Paris fala em “um, dois, 12 cúmplices”. A polícia estaria atrás de um quarto terrorista, provável responsável pelo ataque com uma arma de fogo contra um homem que praticava *jogging* em um parque. Ele se locomoveria por Paris com um Mini Cooper, cuja dona seria Hayat, a mulher de Coulibaly. Antes de entrar em estado de coma, o atingido teria feito um retrato para a polícia que não corresponde a nenhum dos três terroristas mortos pela polícia. •

A PALAVRA DO ESTADISTA SOLITÁRIO

Segundo o papa, a chacina cabe na moldura das tensões internacionais provocadas pela falta de equilíbrio, justiça e paz

por CLAUDIO BERNABUCCI, DE ROMA

EM VOO DO SRI LANKA às Filipinas ao longo de sua viagem ao Extremo Oriente, na quinta 15, o papa Francisco, em conversa com jornalistas, usou palavras simples e diretas para comentar a chacina de Paris. “Não se pode matar em nome de Deus, mas, se olhamos para a nossa história, quantas guerras de religião sofremos... lembremo-nos da Noite de São Bartolomeu.

“Quanto à liberdade de expressão — prosseguiu Francisco —, todos têm direito de se pronunciar, mas sem ofender. Há um limite, toda religião tem sua dignidade e não pode ser entregue à chacota.” Ao lado do papa estava o médico, doutor Gasbarri. E o papa: “Se o meu amigo Gasbarri ofende minha mãe, merece um soco.

Longe dos comentários contaminados pela tensão da hora, o papa Francisco teve-se sobre os recentes atos terroristas de Paris de maneira mais profunda e elaborada. Ele o fez com sóbria originalidade durante o encontro anual com o corpo diplomático internacional junto à Santa Sé, em 12 de janeiro, na suntuosa Sala Regia. “Há uma tendência à rejeição (...) que induz a olhar o próximo não como um irmão a acolher, mas como alguém deixado fora do nosso horizonte de vida pessoal, transformando-o, antes que em concorrente, em súdito a dominar. Trata-se de uma mentalidade geradora daquela cultura do descarte que não poupa nada e ninguém. (...) De tal cultura nasce uma humanidade ferida, continuamente dilacerada por tensões e conflitos de toda espécie. (...) Um

triste eco disso mesmo nós o encontramos em numerosos fatos referidos nas notícias cotidianas, como o trágico massacre que há dias aconteceu em Paris.”

Sem arriscar reflexões sobre cultura e religião islâmica, numa fase em que ele considera fundamental o diálogo inter-religioso baseado no respeito mútuo, Francisco, para analisar os episódios terroristas que dilaceraram a França e a Europa inteira, resolveu voltar então à questão do “descarte” como chave interpretativa filosófico-religiosa da realidade contemporânea, já utilizada em outras ocasiões. Ainda uma vez na contracorrente da cultura dominante, ele profeticamente avisa: “E o ser humano, livre que era, torna-se escravo das modas, do poder, do dinheiro e por vezes até mesmo de formas equivocadas de religião”.

Muito longe da retórica europeia desses dias (a bem da verdade, excessivamente autocentrada), mas com visão política cosmopolita e abrangente sobre os dramas de toda a humanidade, Bergoglio de fato coloca num contexto mais amplo os acontecimentos parisienses, certamente gravíssimos e tragicamente simbólicos, mas não menos preocupantes do que a inquieta humanidade. Ou seja, ele os considera como uma expressão das tensões internacionais geradas pela falta de equilíbrio, justiça e paz. Com método dedutivo, então, o papa passa a examinar os vários conflitos que, “como uma verdadeira guerra mundial, combatida em pedaços, tocam, embora sob diferentes formas e intensidade, várias áreas do planeta”. Nesse âmbito, ele coloca o Oriente Médio no centro de suas preocupações e, justamente, focaliza as implicações espantosas que derivam dos conflitos que já se prolongam há muito tempo: “Nomeadamente, pelo alastramento do terrorismo de matriz fundamentalista na Síria e no Iraque”.



O papa recebe o corpo diplomático credenciado junto ao Vaticano e no seu discurso analisa a situação mundial a partir de Paris

O MASSACRE "NOS FAZ PENSAR TANTO NO TERRORISMO ISOLADO QUANTO NO TERRORISMO DE ESTADO"



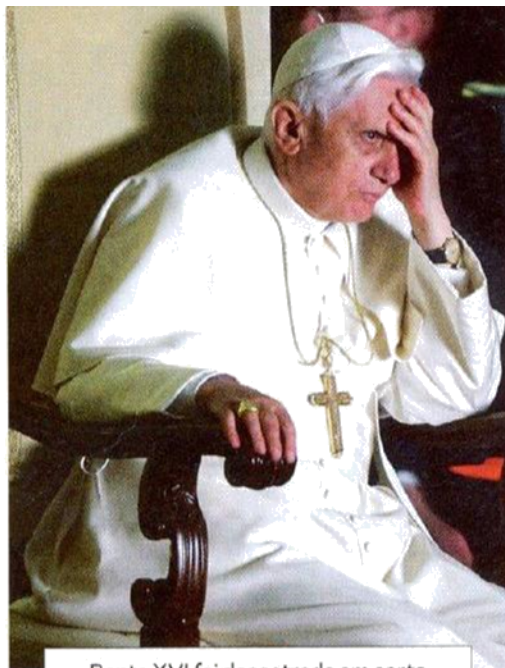
Encontramos a interpretação sintética do fenômeno terrorista nas seguintes palavras do papa: "Este fenômeno é consequência da cultura do descartar aplicada a Deus. Na verdade, o fundamentalismo religioso, ainda antes de descartar os seres humanos perpetrando horrendos massacres, rejeita o próprio Deus, relegando-o a mero pretexto ideológico. (...) Ao instar a comunidade internacional para que não fique indiferente a essa situação, espero que os líderes religiosos, políticos e intelectuais, especialmente muçulmanos, condenem qualquer interpretação fundamentalista e extremista da religião que tenda a justificar tais atos de violência".

O papa dedicou à Terra Santa uma parte importante de seu discurso. Lembrou a "oração pela paz" de junho de 2014, quando provocou o encontro entre o então presidente israelense Shimon Peres e o presidente palestino Mahmoud Abbas, e reiterou o apelo para "uma solução que permita tanto ao povo palestino quanto ao israelita viver finalmente em paz, dentro de fronteiras claramente

estabelecidas e reconhecidas internacionalmente, tornando real a solução de dois Estados”.

Depois de evocar todos os epicentros de violência ou tensões locais, das Coreias à crise ucraniana, passando por África, Irã e Paquistão, onde, no mês passado, por um ataque taleban, “foram trucidadas, com ferocidade inaudita, mais de cem crianças”, o papa conclui sua análise internacional com dois casos de sucesso que alimentam sua esperança na virtude do diálogo. O primeiro refere-se à Albânia, onde, “apesar das feridas sofridas na história recente, o país caracteriza-se pela convivência pacífica e pela colaboração entre seguidores de diferentes religiões”. O segundo exemplo refere-se ao recente degelo entre Estados Unidos e Cuba, cujos presidentes, Barack Obama e Raúl Castro, reconheceram abertamente o papel fundamental de Bergoglio na reativação do diálogo e nas sucessivas negociações.

Por dever de crônica, devemos referir que uma primeira e não articulada reação do papa Francisco ao massacre de Paris deu-se no dia seguinte, durante a homilia da quinta-feira 8 de janeiro, na capela da Casa Santa Marta, onde ele mora e cotidianamente celebra missa. Com comentário bastante sibilino, ele afirmou que esse ato de crueldade “nos faz pensar tanto no terrorismo isolado quanto no terrorismo de Estado”. Essa referência desapareceu no discurso, mas ao corpo diplomático já em outra ocasião Bergoglio fez menção ao “terrorismo de Estado”: foi durante o voo de volta de Estrasburgo, em 25 de novembro, quando, ao falar com jornalistas, comentou: “É verdade, existe a ameaça desses terroristas. Mas existe também outra ameaça. É o terrorismo de Estado, quando há uma escalada de violência e cada Estado por sua conta acha que tem o direito de massacrar



Bento XVI foi desastrado em certa ocasião ao falar do Islã. Citou o imperador bizantino que afirmava: Maomé só trouxe coisas más e desumanas

os terroristas e, com eles, caem muitos outros que são inocentes”. Essa alusão faz pensar imediatamente em Israel ou nos Estados Unidos. Agora, no entanto, o pensamento de Francisco resulta mais claro. Sobre o terrorismo fundamentalista, uma coisa é certa: ele cuida de não alimentar de forma alguma a propaganda da “guerra de religiões” lançada pelo islamismo radical e, em particular, retomada mais recentemente pelo califa Abu Bakr al-Baghdadi, chefe do autoproclamado Estado Islâmico, capaz de ameaçar a conquista de Roma.

Por essa razão, Francisco cuida de se manter o mais longe possível da tentação de denunciar as raízes de violência presentes no Islã ou a ausência de uma reinterpretção do Alcorão capaz de neutralizá-las, como fez seu predecessor. A “cultura do descarte”, como chave interpretativa também do terrorismo de matriz islâmica, não renega

explicitamente as posições de Bento XVI sobre o Islã, mas as omite politicamente. Lembremos que o papa alemão foi asperamente criticado pelos muçulmanos depois de um discurso na Universidade de Ratisbona, quando, a 12 de setembro de 2006, incautamente citou o imperador bizantino Manuel II, o Paleólogo, que, em meados do século XIV, afirmava: “Mostrame também o que Maomé trouxe de novo e encontrarás apenas coisas más e desumanas, como a sua ordem de difundir através da espada a fé que ele pregava”. Com mais diplomacia, Ratzinger articulou seu pensamento pouco depois, durante sua viagem à Turquia, lembrando ao mundo islâmico que este tinha pela frente o mesmo desafio que o cristianismo já tinha enfrentado e superado: “Acolher as verdadeiras conquistas do Iluminismo, os direitos do homem e, em particular, a liberdade da fé e de seu exercício”.

Com mais humildade, Francisco talvez considere que, de outros pontos de vista doutrinários, o catolicismo não merece se erguer como referência para outras religiões. Sobretudo, dotado de um sentido político que seu predecessor não tinha, ele não se atreve a entrar no terreno esdrúxulo da exegese alcorânica.

Por um lado, Bergoglio não quer fazer o jogo dos extremistas, chegando até a averberar a definição de “guerra de religiões” usada pelo semanário *Civiltà Cattolica* há poucas semanas. Por outro lado, critica indiretamente as respostas político-militares até agora praticadas pelo Ocidente e por seus aliados árabes.

Na atual situação, e na ausência de líderes políticos internacionais capazes de exercer alguma hegemonia sobre os contemporâneos e, menos ainda, de governar complexos processos de consenso, evidencia-se a estatura de estadista de Francisco, em condições de iluminar a visão de todos e de exercer uma ação de suplência política na liderança mundial. ■



Palavras e metralhadoras

► **Liberdade de expressão nunca significou, nem nunca significará, dizer qualquer coisa de qualquer forma**

DESDE O ATENTADO ao periódico *Charlie Hebdo*, sobe à tona mais uma vez o debate sobre a liberdade de expressão e seus possíveis limites. Se os lados envolvidos não tivessem, muitas vezes, um comportamento tão canino e pouco generoso, poderíamos ter enfim uma discussão necessária sobre crítica, palavra e violência em nossas sociedades. Pois há de se admitir que existem bons argumentos dos dois lados, sejam daqueles que defendem de forma absoluta as ações do jornal, sejam daqueles que as criticam. Mas, enquanto enxergarmos, em um lado, apenas racistas que não perdem uma oportunidade para alimentar a islamofobia e o ódio aos imigrantes e, em outro, apenas esquerdistas dispostos às piores alianças para continuar sua cruzada contra os valores liberais, continuaremos a ignorar o tipo de discussão que deveríamos ter após o atentado, isto se quisermos estancar a rede de causas que alimentam a violência do extremismo religioso.

Diria inicialmente que o melhor argumento apresentado pelos que defendem as charges de *Charlie Hebdo* e a violência nelas contida é: não devemos regredir no tempo e criar uma lei contra a blasfêmia. A percepção é correta, pois religião não é apenas uma questão de crença, mas de instituições

que têm peso político decisivo em nossas sociedades. Católicos, evangélicos, muçulmanos, judeus, todos procuram interferir, de acordo com suas forças sociais, no ordenamento jurídico de nossas sociedades a partir de estratégias variadas. Impedir que tais instituições sejam criticadas por meio das armas da ironia seria de fato um equívoco brutal. Afirmar que não se deve ironizar o que grupos sociais relevantes consideram como “sagrado” seria bloquear uma dimensão essencial do pensamento crítico. Seria difícil entender por que não censurar do mesmo modo os livros de Nietzsche nos quais ele insiste na “morte de Deus” ou *A vida de Brian*, do Monty Python.

Há, porém, uma outra dimensão do problema com as charges do *Charlie Hebdo* que normalmente não é levada em conta por seus defensores. Liberdade de expressão nunca significou, nem nunca significará, dizer qualquer coisa de qualquer forma. Se alguém ironizar os negros como intelectualmente inferiores, tripudiar das mulheres com enunciados machistas que expressam a história de sua sujeição, fazer chacota dos judeus baseado nos velhos preconceitos que alimentam milenarmente o antissemitismo, espera-se que o Estado impeça a circulação de tal violência. Certos enunciados trazem uma história amarga de violência, humilhação social e preconceito contra grupos mais vulneráveis. Não por outra razão, todo racista hoje em dia clama pela liberdade de expressão, pelo direito de “expressar sua opinião”. Mas racismo e preconceito não são opiniões, são crimes.

Há, portanto, o direito de perguntar-se várias das charges publicadas pelo *Charlie Hebdo* não eram simplesmente preconceituosas e profundamente violentas em relação à parcela da população francesa (os

magrebinos e descendentes de árabes, majoritariamente muçulmanos), atualmente a mais miserável, discriminada e sem representação social. Parcela que ainda carrega o sentimento da humilhação colonial, com seu sistema perverso de redução da cultura do colonizado (religião inclusa) ao arcaísmo ou ao exotismo. Não é possível ignorar: quem fala em muçulmanos fala da população árabe das periferias. Não é possível esquecer também que quando um francês ironiza um árabe muçulmano continua a ser um colonizador a ironizar um colonizado.

Poderia lembrar de várias charges que deixaram de ser apenas expressão de ironia blasfema para ser simplesmente violência social. Em sua edição número 1.099 lê-se na capa do *Hebdo* a frase “Massacre no Egito: O Alcorão é uma merda, ele não para as balas” e o desenho de um egípcio a sangrar com o livro na frente crivado de balas. Naquela semana, 500 simpatizantes da Irmandade Muçulmana, que não tem nada a ver com os jihadistas internacionais e salafistas e há muito abandonou o terrorismo, foram massacrados pelo Exército. Não é necessário ser um ph.D. em semiologia para perceber a mensagem: não há solidariedade possível com muçulmanos envolvidos na política. Nega-se ali até o fato de não ser necessário simpatizar com os muçulmanos para se indignar com massacres militares covardes. Se 500 militantes da TFP fossem massacrados pelo Exército Brasileiro, não seria possível transformar o fato em piada. Por que nada disso chocou o governo francês? Respondê-la seria uma maneira de começar a pensar no que podemos fazer para que atentados dementes como este não se repitam. ■

colunistas@cartacapital.com.br



ESPECIAL • UMA REAÇÃO SUBLIME

O ataque assassino ao jornal *Charlie Hebdo*, em Paris, cria uma maré mundial contra a tentação totalitária do terror islâmico



veja

www.veja.com

Editora ABRIL
edição 2408 - ano 48 - nº 2
14 de janeiro de 2015



ÀS ARMAS, CIDADÃOS!

A defesa da civilização com as armas da civilização: direitos humanos, liberdade de expressão, humor e coragem

EXEMPLAR DE
ASSINANTE
VENDA PROIBIDA



EXCLUSIVO: RECADOS DO CÁRCERE
Em seis folhas de caderno manuscritas, o empreiteiro Ricardo Pessoa, da UTC, liga caixa de campanha de Dilma ao petroleão

Especial



A INDIGNAÇÃO

52 | 14 DE JANEIRO, 2015 | **veja**



SOLIDARIEDADE
Em Paris, depois do atentado ao *Charlie Hebdo*, manifestante exibe cópia do jornal: "O amor é mais forte que o ódio"

JOEL LACOSTA/P

DO MUNDO...

veja | 14 DE JANEIRO, 2015 | 53



Especial

...CONTRA AS

O massacre de doze pessoas no jornal *Charlie Hebdo*, em Paris, ficará para a história como o episódio que, finalmente, uniu o mundo contra os planos de dominação do terror islâmico

DUDA TEIXEIRA E FELIPE CARNEIRO

56 | 14 DE JANEIRO, 2015 | veja

TREVAS

Eu sou Charlie", era a frase que estampava os cartazes das vigílias pela morte de doze pessoas em um atentado terrorista ao jornal *Charlie Hebdo*, em Paris, na quarta-feira 7. Os cidadãos da capital francesa, de Nova York e de várias cidades do mundo que saíram às ruas para protestar consideraram o ataque a cartunistas e outros integrantes da equipe da publicação uma afronta à liberdade de expressão. É muito mais do que isso. O que está em jogo é a continuação de uma guerra declarada pelos defensores de uma ideologia radical, que pretende instalar uma sociedade regida por leis religiosas medievais, contra qualquer um que não aceite aderir à vertente fundamentalista do islã.

A frieza e a técnica dos dois homens mascarados que invadiram a redação com fuzis automáticos AK-47 demonstraram que se tratava de terroristas treinados, não de simples desajustados agindo por conta própria. Na quinta-feira 8, a perseguição à dupla de terroristas paralisou Paris, cuja população voltou a se recolher em casa. Mais de 89.000 homens e mulheres que integram as forças de segurança do país, entre militares e policiais, foram mobilizados para pegar os assassinos e evitar novos crimes. O espaço aéreo da cidade foi fechado para dar liberdade de voo aos helicópteros que auxiliavam nas buscas. Pontos de entrada e saída, como estradas, estações de trem e aeroporto, tiveram a segurança reforçada. Dois carros-bomba explodiram no subúrbio de Villejuif, sem vítimas. Por toda a França, mesquitas foram apedrejadas, pichadas e alvejadas a bala em retaliação aos atentados. As autoridades pediram à população que evitasse sair às ruas. Na quinta-feira de manhã, um homem equipado com um fuzil AK-47 e colete à prova de balas atirou em dois policiais em Paris. A agente Clarissa Jean-Philippe, de 25 anos, morreu. No dia seguinte, o mesmo homem entrou em um supermercado que vende produtos kosher, que seguem os preceitos do judaísmo, e fez dezenove reféns. Ele acabou morto pela polícia, mas levou quatro reféns consigo. Simultaneamente, a poucos quilômetros dali, em um setor industrial na periferia de Paris, a poli-

SEM MISERICÓRDIA
Depois de massacrarem os jornalistas, os terroristas mataram um policial ferido que pedia clemência. Ele era muçulmano

veja | 14 DE JANEIRO, 2015 | 57

Especial

“O atentado foi uma fragorosa declaração de guerra. Os tempos mudaram. Estamos entrando em uma nova fase desse confronto (...) Estamos horrorizados com a brutalidade e a selvageria.”

DALIL BOUBAKEUR,
IMÃ DA GRANDE MESQUITA
DE PARIS



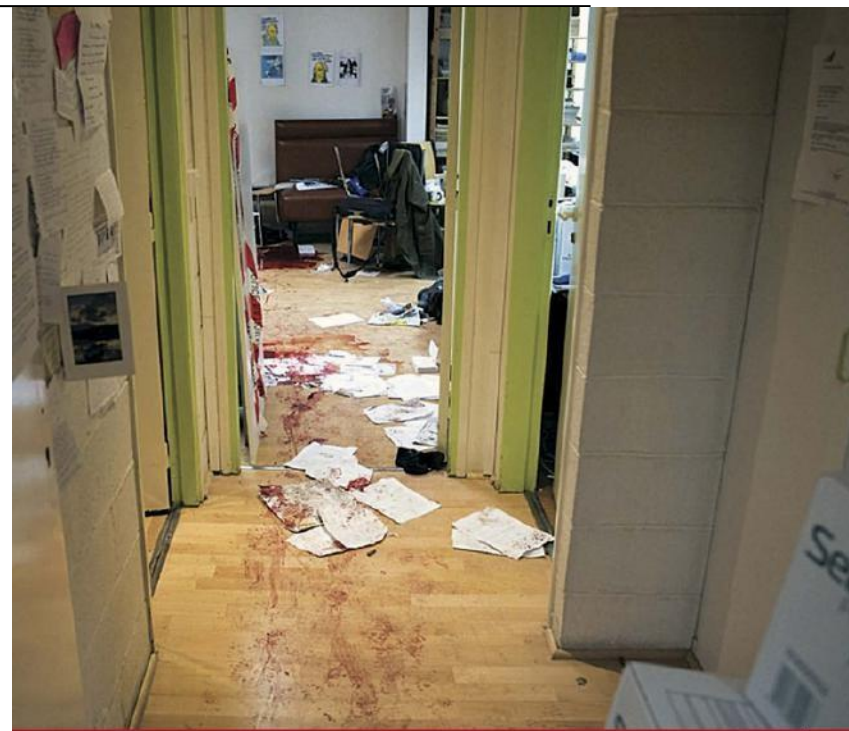
ANTONIO LACORTA/REUTERS

cia encurralou e matou os dois assassinos do *Charlie Hebdo*. Durante três dias, os franceses ficaram à mercê do terror, e se perguntavam: “Criminosos são combatidos com serviços de inteligência, polícia e o rigor da lei. Mas como se luta contra uma ideologia que conquista a mente de jovens nascidos em solo francês?”. Ou: “Até onde esses extremistas estão dispostos a ir? Ceder às suas demandas nos tornará mais seguros?”. A resposta para a primeira pergunta é que nada pode ser feito sem que os muçulmanos moderados, que são a maioria, tomem em suas mãos a responsabilidade de combater as maças podres em meio a suas comunidades. E a segunda questão só pode ser respondida com um “não”. Se na última semana a desculpa para matar inocentes eram desenhos de humor, no passado já foram evocadas leis contra o uso de véu em repartições públicas ou motivações geopolíticas. Não importa. O *Charlie Hebdo* foi um bode expiatório para algo muito mais amplo.

O ataque começou por volta das 11h30. Dois homens encapuzados e vestindo roupas militares, com fuzis automáticos AK-47, um lançador de granadas e cintos com munição estacionaram um Citroën C3 preto próximo à sede do jornal *Charlie Hebdo*. Eram os irmãos Chérif Kouachi, de 32 anos, e Saïd Kouachi, de 34, franceses descendentes de argelinos. Eles se aproximaram da porta do edifício e forçaram a cartunista Corinne Rey, que fora pegar a filha no jardim de infância, a digitar o código no interfone para abrir a porta.

Em francês perfeito, eles se apresentaram como sendo da Al Qaeda. “Não vou te matar porque você é uma mulher. Nós não matamos mulheres. Mas você tem de se converter ao Islã, ler o *Corão* e se cobrir”, disse um deles a Corinne. Na recepção, eles atiraram contra um funcionário da empresa Sodeco, responsável pelo serviço de manutenção do prédio. Subindo as escadas, os dois perguntavam por Charb, o apelido do diretor do jornal, Stéphane Charbonnier, de 43 anos. Gritavam “Alá é Grande” e “Vamos vingar o profeta Maomé”. Dentro da redação, encontraram jornalistas e cartunistas reunidos para decidir os assuntos que seriam abordados na próxima edição. Separaram homens de mulheres e cha-

maram os profissionais pelo seu nome. Rajadas de tiros começaram a ser ouvidas, enquanto as pessoas tentavam se esconder embaixo das mesas. O local ficou cheio de corpos, sangue e cascos de vidro. Na fuga de carro, os terroristas trocaram tiros com a polícia, na rua. Um dos guardas caiu no chão, ferido na perna. Da calçada, ele levantou a mão para pedir clemência. Um dos terroristas se aproximou caminhando e deu-lhe um tiro à queima-roupa na cabeça. A vítima era Ahmed Merabet, um muçulmano responsável pela patrulha no 11º Distrito da capital francesa, onde fica a redação do jornal. No total, doze pessoas foram mortas. Foi o pior ato de terrorismo em solo francês nos últimos cinquenta anos.



VELHOS CONHECIDOS

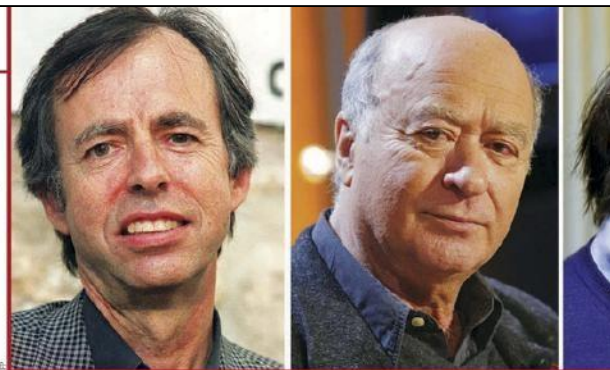
Acima, a redação do *Charlie Hebdo* depois do atentado cometido pelos irmãos Chérif (à esq.) e Saïd Kouachi: encapuzados, eles subiram até o 2º andar procurando por Charb, o diretor de tabloide. Eles sabiam o nome das vítimas. As mulheres foram advertidas do que deveriam se converter, ler o *Corão* e cobrir o corpo

AFP

Especial

HERÓIS DA LIBERDADE

Da esquerda para a direita, cinco dos onze mortos que estavam na redação do jornal *Charlie Hebdo*: Bernard Maris, Georges Wolinski, Jean Cabut, Charb (o diretor) e Tignous



O reitor da Grande Mesquita de Paris, Dalil Boubakeur, indignou-se. "O atentado foi uma fragorosa declaração de guerra", disse. "Estamos horrorizados com a brutalidade e a selvageria". Ao saírem da cena, os dois mascarados gritaram: "Vingamos o profeta", uma referência ao fato de que o *Charlie Hebdo* publicou diversas vezes charges fazendo troça de Maomé, considerado um profeta pelos muçulmanos. Trata-se de uma ingenuidade achar que, ao assassinar doze pessoas a sangue-frio, os terroristas estão apenas pedindo respeito à sua religião. "O *Corão* não diz nada sobre proibição a representações de Maomé. Existem algumas imagens antigas dele que são aceitas pelos muçulmanos", diz a teóloga Lídice Ribeiro, coordenadora do Centro de Teologia da Universidade Mackenzie, em São Paulo. Nos primórdios do islamismo, havia o temor de que fazer isso era perigoso, pois poderia suscitar uma adoração indesejada a Maomé. Mas a preocupação se dispersou e imagens do seu rosto ou sua representação com um círculo branco tornaram-se comuns em obras de arte e peças que adornavam casas e templos de muçulmanos de vários países. "Há vinte ou trinta anos, nenhum muçulmano via a retratação da imagem de Maomé como uma questão de vida ou morte", diz a historiadora americana



Kecia Ali, da Universidade Boston e autora do livro *The Lives of Muhammad* (sem tradução para o português), que mostra as mudanças na interpretação do *Corão* ao longo da história. A patrulha só surgiu recentemente, pelos tuzis dos extremistas radicais.

O atentado ao *Charlie Hebdo* não foi, portanto, uma reação genuína a uma ofensa mortal — e, ainda que fosse, não seria justificado. Seu objetivo foi o mesmo compartilhado por outros grupos terroristas: espalhar o medo entre a população e abrir caminho para instalar uma visão totalitária e utópica da sociedade, em que não há espaço para a divergência. Era por isso que o

PROCURA-SE Cartaz da Al Qaeda traz o nome de onze pessoas que devem ser assassinadas, incluindo Charb: "Uma bala por dia"

Charlie Hebdo, satírico e crítico de tudo e de todos, incomodava tanto os extremistas. O jornal foi fundado em 1992. Uma versão anterior, o *Hara-Kiri*, foi proibida, em 1970, por satirizar a morte do ex-presidente Charles de Gaulle, oito dias após uma tragédia em uma boate que matou 146 pessoas e foi explorada por tabloides sensacionalistas. A manchete satírica que rendeu censura foi: "Baile trágico em Colômbey, um morto". Para manter o pasquim

O jornal atacado fazia sátira do Islã...



Um integrante do Estado Islâmico prepara-se para decapitar Maomé, que diz: "Eu sou o profeta, idiota!". O mascarado responde: "Cala a boca, infiel"

vivo, os jornalistas mudaram o nome para *Charlie Hebdo* (oficialmente baseado no personagem Charlie Brown, na verdade uma piada com o falecido general). Em 1981, fechou as portas por problemas financeiros, até ser reaberto onze anos depois. Semanalmente, o *Charlie Hebdo* trazia charges satirizando a todos: políticos franceses de esquerda, centro e direita. Também não poupava judeus, católicos nem muçulmanos. Em 2006, republicou as charges

...mas também de outras religiões, como o catolicismo...



O papa Bento XVI, em um confessionário, dá um conselho a um bispo. "Faça cinema, como Polanski", diz ele, em referência ao diretor polonês acusado de pedofilia que é apoiado por intelectuais

ges sobre o profeta Maomé do jornal dinamarquês *Jyllands Posten* que provocaram a fúria de fundamentalistas em todo o mundo. Os editores do *Charlie Hebdo* foram processados por grupos islâmicos franceses, mas ganharam a batalha nos tribunais com o apoio do então ministro do Interior Nicolas Sarkozy, posteriormente eleito presidente. Em 2011, a redação do tabloide sofreu um atentado a bomba depois de lançar uma edição cuja capa

...e de políticos de todas as tendências



Marine Le Pen, líder do partido de direita Frente Nacional, presta a quemar um imigrante: "O que querem 25% dos franceses? Uma Joana d'Arc que mande os outros para a fogueira?"

trazia um desenho de Maomé dizendo "Cem chibatadas se você não morrer de rir". Em 2012, uma edição que fazia piada tanto de judeus quanto de muçulmanos levou o Palácio do Eliseu a ordenar o fechamento de escolas, representações diplomáticas e centros culturais franceses em vinte países por medo de represálias de extremistas islâmicos. Charb, diretor do semanário morto na semana passada, era um defensor muito lúcido da liberdade de expres-

Especial



RAUL LOPEZ/GETTY IMAGES

são, especialmente a de criticar a hipocrisia, as ideias absolutistas e os poderosos. "O humor nos humaniza, nos torna vulneráveis, abre um espaço para que possamos rir de nós mesmos", diz o ilustrador chileno Francisco Olea, autor do desenho que se tornou viral na internet e aparece na capa de VEJA, feito em homenagem a Charb e aos outros mortos do *Charlie Hebdo*. "O fundamentalismo, em qualquer de seus formatos, carece disso. É linear e evita a reflexão."

Por não aceitar se dobrar à intimidação, Charb estava na lista de jurados de morte dos principais grupos islamistas. Recentemente, uma edição da revista *Inspira*, publicada na internet pela Al Qaeda da Península Arábica, grupo ao qual os terroristas que atacaram o *Charlie Hebdo* diziam pertencer, trazia um anúncio com o nome de onze pessoas que deviam ser assassinadas. Charb era uma delas. "Sim, nós pode-

mos", dizia o título, ironizando a frase da campanha do presidente americano Barack Obama. "Uma bala por dia mantém o infel longe."

Paralisados por noções como o anti-americanismo (que identifica o combate ao terror como uma agenda exclusiva dos Estados Unidos, o que não é verdade), pelo discurso da vitimização comum nos países árabes e pelo esquerdis-mo acéfalo, não faltaram cidadãos do mundo ocidental dispostos a dar um tiro no próprio pé, legitimando o atentado de alguma forma ou negando que tivesse ligação com religião. A primeira falácia espalhada por esses cidadãos é que os atentados são uma reação às intervenções militares dos Estados Unidos

FIN DRAMÁTICO Policiais franceses escolhem clientes que estavam com Coulibaly em um mercado em Porte de Vincennes. Quatro reféns morreram

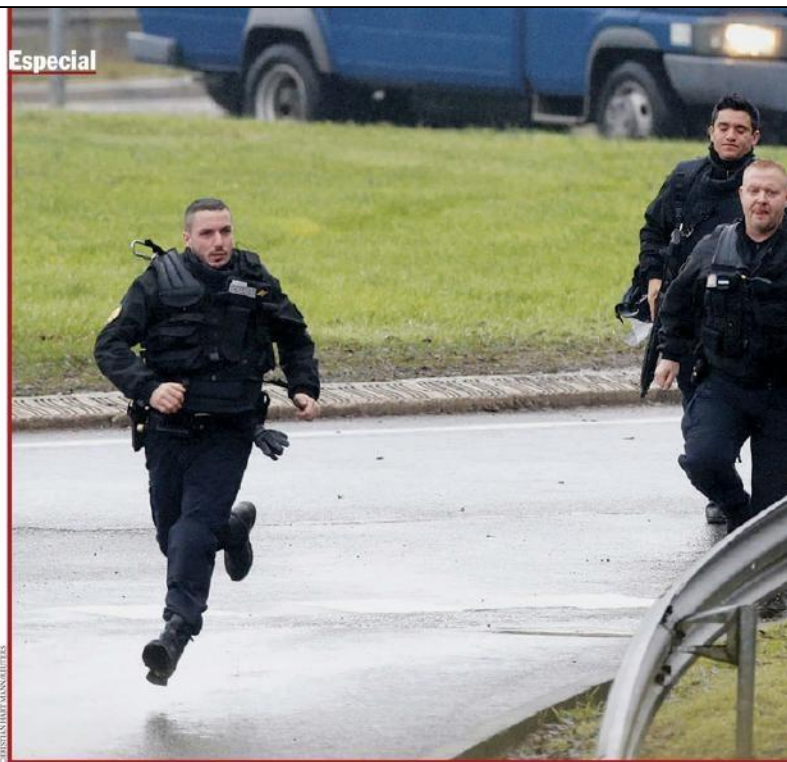


SEGUNDO ATO
Amody Coulibaly (ao alto) faz reféns em uma loja de comida judaica (ao lado) na sexta-feira. Ele foi morto pela polícia, mas sua namorada, Hayat Boumeddiene (acima), que participou da ação terrorista, conseguiu fugir



no Oriente Médio. Ora, a guerra ao terror foi uma reação aos atentados da Al Qaeda que mataram 3000 inocentes em solo americano, em 2001, e não o contrário. A segunda falácia é que os árabes não são os culpados pelos próprios problemas (veja a entrevista na pág. 72). A terceira é que o "problema" do ataque ao *Charlie Hebdo* vai implicar o fortalecimento da extrema direita europeia, um raciocínio que anda de mãos dadas com a ideia de que o radicalismo islâmico é uma reação à xenofobia. Isso é falso, porque a maior parte dos muçulmanos europeus reprovam a violência e porque as principais vítimas dos grupos terroristas vivem em países de maioria islâmica (veja a reportagem na pág. 75). Um combate frontal ao problema, começando por reconhecer que se trata, sim, de uma questão religiosa, seria a melhor forma de proteger não só a população não islâmica, como os próprios muçulmanos do terror. Na Europa, é preciso apoiar os imãs moderados e identificar e encarcerar os que financiam e estimulam os extremistas. "O papel da sociedade é isolar os radicais. A maioria da população muçulmana adotou para si os valores democráticos, e isso precisa ser reforçado", diz o cientista político Erik Bleich, da Universidade de Middlebury, nos Estados Unidos. Chérif e Said Kouachi nasceram em Paris e, embora parte de uma família secular, cresceram em um orfanato e passaram a praticar o islamismo. Na adolescência, começaram a rezar em uma mesquita no distrito de Stalingrado, onde o jovem imã Farid Benyettou, nascido em 1981, recrutava islamistas para a célula terrorista Buttes-Chaumont — nome do parque em que faziam treinamento. Ali, corriam para ficar em forma e tinham aulas teóricas de como operar um fuzil. Alguns membros do grupo foram para a Síria juntar-se aos jihadistas. Chérif também se alistou e em 2005 chegou a comprar uma passagem para Damasco, de onde tentaria voar para o Iraque. Foi preso antes de embarcar e acabou condenado a três anos na prisão. Foi detido outra vez em 2010, por planejar a fuga do terrorista Smain Ali Belkacem, que cumpre prisão perpétua. Por falta de provas, foi solto. Seu irmão Said passou alguns meses treinando com armas e fabricando bombas com a Al Qaeda, no Iêmen, em 2011.

Especial



O homem que matou uma policial um dia depois do atentado ao *Charlie Hebdo* chamava-se Amedy Coulibaly e fez parte da célula terrorista Buttes-Chaumont, a mesma frequentada pelos irmãos Kouachi. Na sexta-feira, Coulibaly fez reféns em um supermercado de comida kosher, judaica, em Porte de Vincennes, em Paris. Na mesma tarde, os irmãos Kouachi entraram em uma gráfica em Dammarville-en-Goele, a 35 quilômetros da capital, e sequestraram uma pessoa. Os oficiais invadiram ambos os locais e mataram os três terroristas. Quatro dos reféns que estavam com Coulibaly morreram.

Ao saírem atirando pelas ruas enquanto eram perseguidos pela polícia,

os três radicais inauguraram uma nova fase do terrorismo islâmico. Nos ataques que prevaleceram nos últimos quinze anos, o mais comum era um extremista explodir-se em algum lugar ou detonar uma bomba a distância. Atualmente, os artefatos explosivos estão sendo substituídos por outros métodos de matança. Execuções, tiros e emboscadas já provocam mais vítimas, em números absolutos, ainda que, isoladamente, os ataques sejam menos letais. A tendência é que os atentados se tornem mais prolongados e envolvam vários momentos de tensão, como se viu na semana passada em Paris. Com o treinamento militar que receberam, os ter-

roristas tiveram condições de escapar do local do crime, atrair as forças de segurança para uma caçada espetacular e, com isso, ganharam mais notoriedade aos olhos de outros jihadistas e conseguiram espalhar o medo entre a população por mais tempo. "O impressionante no caso de Paris é que os terroristas decidiram não acabar com a própria vida depois do ataque. Eles fugiram para tentar fazer ataques adicionais", diz o americano Michael Kugelman, especialista em segurança nacional do Wilson Center, em Washington. "Isso é uma novidade. Eles agora se sentem poderosos, o que é o oposto da cultura do martírio que existia no passado."



O CERCO SE FECHA

Membros das Forças Especiais da polícia francesa chegam à fábrica em Dammarville-en-Goele, onde os irmãos terroristas Kouachi terminaram sua fuga fazendo um refém, em Paris

INOCÊNCIA

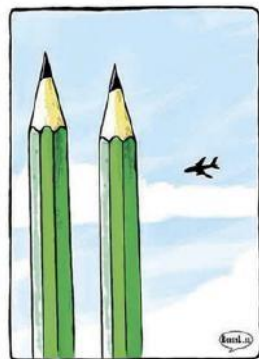
No meio de toda a confusão em Dammarville, crianças foram levadas sob escolta das escolas da região para um local mais afastado, onde os pais as esperavam





PLEASE ENJOY THIS CULTURALLY, ETHNICALLY, RELIGIOUSLY, AND POLITICALLY CORRECT CARTOON RESPONSIBLY. THANK YOU.

HOMENAGEM Entre as charges compartilhadas na internet na semana passada, encontra-se esta acima, que diz: "Por favor, aprecie esta charge cultural, étnica, religiosa e politicamente correta com responsabilidade"



ESTUPEDEZ "Ele desenhou primeiro", justifica o terrorista ao matar um ilustrador

Em meio a uma multidão de cartazes "Eu sou Charlie", "Não temos medo" foi uma frase que apareceu isolada, mas com letras grandes e luminosas, em uma manifestação contra as mortes no atentado de quarta-feira, enquanto os dois terroristas ainda eram caçados pela polícia. A afirmação, mais do que uma constatação sobre a qual ninguém tem dúvida, souo como um chamado à esperança. Se depender dos funcionários do *Charlie Hebdo* que escaparam

do atentado, alguns por estarem viajando no dia, a sociedade francesa não sucumbirá aos desígnios dos fundamentalistas. Com a ajuda de outros jornais franceses, do Google e do inglês *The Guardian*, Patrick Pelloux, um colunista do *Charlie Hebdo*, anunciou que a publicação vai circular na próxima semana com 1 milhão de cópias, muito mais do que os 50 000 exemplares costumeiros. "A estupidez não vai vencer", disse Pelloux. As caricaturas

de Maomé continuarão sendo impressas. "Não se pode permitir que os extremistas imponham sua sacralidade aos que não compartilham sua religião", diz o cientista político iraniano Mehdi Mozaffari, autor do livro *Fatwa, Violence and Discourtesy*. "Exigir que todos obedeçam à lei não é racismo. Não é islamofobia. É democracia." Ser contra a tirania, é isso que faz todos nós sermos Charlie. ■

COM REPORTAGEM DE PAULA PAULI



ULTRAJANTE
O *Ventre Legislativo*, litogravura de Honoré Daumier feita em 1834, retrata gordos e sonolentos deputados

sem a liberdade plena para professar a fé que quisessem. Isso custou à França mais de três séculos de intensas lutas internas e externas, milhares de cabeças cortadas em guilhotinas e incansáveis embates de ideias até o país conseguir absorver, consolidar e propagar valores que hoje compõem o cerne das democracias ocidentais: um sistema político justo, a separação entre Igreja e Estado, as liberdades individuais e os direitos hu-

manos. Tudo o que os extremistas islâmicos mais aborrecem.

As conquistas dos franceses não seguiram uma lógica linear. Sua história é feita de avanços e retrocessos, tanto no campo das ideias quanto na prática. Um exemplo é a noção de igualdade. Durante séculos, a França vacilou em dar mais importância à igualdade perante a lei ou à igualdade de renda. Desafiador, também, foi encontrar um equilíbrio entre os conceitos de igualdade e de liberdade. No seu *Manual Republicano do Homem e do Cidadão*, de 1848, Charles Renouvier propôs uma solução: "É a fraternidade que vai levar os cidadãos (...) a reconciliar seus direitos de tal forma que permanecerão livres e, na medida do possível, se tornarão iguais". Nos últimos anos, a reivindicação dos muçulmanos franceses de ser tratados de maneira diferente, com direitos exclusivos (como o de poder exigir que suas mulheres usem véu), entrou em choque com a noção republicana de que os direitos são dados a indivíduos, não a comunidades. Para os terroristas, essa é uma discussão fútil. Para eles, a escolha é entre a adesão incondicional às leis islâmicas e a morte. ■

DIOGO SCHELF

O LOMBO DURO DOS POETAS

A França enfrentou muitas revoluções e debates de ideias até conquistar o que os islamistas querem destruir

"Seríamos muito infelizes se os poetas não tivessem lombo", disse o bispo de Blois sobre a surra que um aristocrata havia mandado dar no pensador e satirista Voltaire, em 1726. Voltaire não cometera nenhuma ofensa específica. Apanhou apenas por ser o que era, um polemista irrefreadável que usava as palavras como arma contra pessoas e ideias para ele desprezíveis. O franzino poeta quis se vingar em um duelo, mas foi preso antes e se exilou na Inglaterra, onde aprendeu a admirar as vantagens de um sistema político com separação de poderes e de uma imprensa que destrutava uma liberdade ainda inexistente em sua França natal. Cem anos depois, o cartunista Honoré Daumier

enfrentou uma reprimenda semelhante pela audácia de suas litogravuras de poderosos, retratados de maneira nada lisonjeira. Luiz Felipe I, o último rei da França, que governou entre a Revolução Francesa e a proclamação da Segunda República, era relativamente tolerante com piadas na imprensa. Daumier, que o retratou como um gigante gordo e insaciável, foi o único a receber uma punição severa. O ilustrador cumpriu seis meses de prisão, mas saiu de lá com o mesmo espírito mordaz de antes.

Foram necessários muitos Voltaires e Daumiers para que os franceses conquistassem o direito de expor suas opiniões e debochar dos poderosos sem temor. Algumas guerras religiosas tiveram de ser superadas até que os cidadãos adquiris-

Especial

A TIRANIA DO SILÊNCIO



Uma cruel inversão de valores leva muitos a fechar os olhos à dimensão político-religiosa de atentados bárbaros e, imediatamente depois deles, culpar a “islamofobia”

VILMA GRZYNSKI

Em algum lugar entre dois extremos está a razão. Uma das extremidades é bem conhecida: a cada vez que é cometido um atentado sangüinário em consonância com os ensinamentos do fundamentalismo muçulmano, multiplicam-se as reações garantindo que a violência não tem absolutamente nada a ver com a religião revelada há 1400 anos a Maomé, por inspiração divina segundo acreditam seus seguidores. Ao contrário, dizem, o Islã é a religião da paz e quem comete atrocidades em seu nome está desvirtuando seus fundamentos. Ou talvez

seus autores tenham lá no fundo suas razões, pelos motivos de sempre — a exclusão, a perseguição, o domínio imperialista e outras distorções infantis que povoam o universo mental daqueles que querem, no fim de tudo, pôr a culpa nos americanos. Entre estes, incluem-se muitos americanos, fruto da civilização ocidental avançada na qual os enormes benefícios do pensamento livre de controles do Estado e da Igreja redundaram, em sua forma distorcida, no impulso masquista de culpar a si mesmos por todas as atrocidades, contando que cometidas por gente de pele mais escura, cabelos mais encaracolados e roupas mais exóticas.



E do outro lado, quem está? Surpreendentemente, a extrema direita, que deveria estar bradando por sangue, pronta para cravar seus dentes islamofóbicos em vítimas inocentes e tirar proveito dos atos de barbárie, tem demonstrado, pelo menos em público, contenção e argumentos razoáveis. “Por que chegamos a esse ponto? Qual o percurso desses assassinos, as ramificações das fileiras do Islã radical em nosso solo, seus financiamentos? Que países os apoiam? As perguntas são muitas e legítimas. O tempo da negação e da hipocrisia já passou. É preciso proclamar em alto e bom som o repúdio absoluto ao fundamentalismo islâmico”, disse sobre o massacre de quarta-feira Marine Le Pen, herdeira, líder e candidata razoavelmente viável a presidente pela Frente Nacional, um dos partidos europeus classificados ora de populistas, ora de ultradireitistas. É sob o pretexto de não fazer o jogo desses partidos que as esquerdas nem esperam esfriar os corpos das vítimas da mais poderosa ideologia político-religiosa das últimas décadas para invocar os peri-

DUROS E PUROS

Rejeitados por todo o espectro político, alemães se manifestam no escuro contra a islamização, enquanto militantes do Estado Islâmico cumprem a própria lei e deceparam mãos



gos da islamofobia. Aliás, não são as esquerdas. Na Alemanha, o centro e a direita também se uniram à condenação a um movimento que surgiu nos últimos meses, o Pegida — acrônimo de Patriotas Europeus contra a Islamização do Ocidente. Chamados de tudo — de inocentes totalmente manipulados a neoneozistas —, cerca de 17000 alemães manifestaram-se comportadamente em Dresden, em um ato que terminou em frente à histórica catedral, de luzes apagadas como sinal de repulsa a eles.

É claro que todos esses partidos ou movimentos têm esqueletos xenofóbicos no armário, que procuram esconder ou, devidamente, extirpar. E é lamentável que acabem se constituindo quase que na única opção àqueles que não acreditam que não existe problema algum na militância político-religiosa do islamismo radical, mesmo quando os próprios radicais proclamam sua pureza teológica — a cena em que um acusado de roubo tem a mão decepada por integrantes do Estado Islâmico foi divulgada na semana passada como outra atroz demonstração de que seguem ao pé da letra a sharia, o conjunto de leis muçulmanas originais. Entre as duas pontas, sobra pouco espaço para pessoas razoáveis e corajosas como Flemming Rose, editor do jornal dinamarquês que encaminhou charges sobre Maomé que provocaram reação brutal em 2005, não só entre os muçulmanos que cortam alegremente cabeças e mãos, mas entre cidadãos comuns para os quais a liberdade de expressão é um valor desprezível ante suas crenças religiosas e seus cúmplices atordoados pelo medo da islamofobia. “Encaminhei as charges em resposta a vários incidentes de autocensura na Europa provocados por um crescente sentimento de medo e de intimidação no trato de assuntos relacionados ao Islã”, escreveu Rose, que depois fez um livro com o título reproduzido nesta reportagem, *A Tirania do Silêncio*. “É curioso a acreditar que esse é um tópico que nós europeus precisamos enfrentar, desafiando os muçulmanos moderados a se pronunciarem.” Rose está em todas as listas de cabeças a prêmio de grupos fundamentalistas. Quantos moderados estão dispostos a protegê-lo para que o massacre na redação do *Charlie Hebdo* não se repita?

veja | 14 DE JANEIRO, 2015 | 69

O FASCISMO EM NOME DE ALÁ

Há mais de um ano o cientista político egípcio Hamed Abdel-Samad vive protegido pela polícia alemã. Ele é autor do livro *Der islamische Faschismus* ("O Fascismo Islâmico", em alemão), sem previsão de lançamento em português. A obra, que esteve durante mais de vinte semanas entre as mais vendidas na Alemanha, procura provar que há semelhanças entre o nazismo e o fundamentalismo islâmico. Samad, que defende essa ideia também em palestras, recebeu inúmeras ameaças de morte. Filho de um imã de uma tribo próxima ao Rio Nilo, ele foi abusado sexualmente duas vezes na infância, algo que atribui em parte à religião, e militou durante dois anos na Irmandade Muçulmana. Na semana passada, Samad repudiou o ataque à redação da *Charlie Hebdo*, mas criticou também a hipocrisia das pessoas que no passado diziam que a revista estava indo longe demais ao publicar charges de Maomé e que hoje divulgam em suas páginas de Facebook mensagens em defesa da liberdade de expressão. Ele também criticou a ideia de que o atentado não tem nada a ver com o Islã. Ele falou a VEJA por telefone de Berlim, onde mora.

NATHALIA WATKINS

Seu último livro equipara o islamismo político ao nazismo. Quais são os elementos em comum? Existem diversas semelhanças entre os dois. Os nazistas cultivavam a supremacia racial. Consideravam que os arianos eram superiores aos demais seres humanos. Do mesmo modo, os muçulmanos fundamentalistas também se veem como os escolhidos. Achem que são mais elevados moralmente que o restante da humanidade. Assim como os nazistas, eles desumanizam aqueles que consideram diferentes, inimigos ou infiéis, e tornam legítima sua aniquilação. Não é por acaso que o antissemitismo aparece nos dois casos. Assim como os fascistas europeus, o grupo radical egípcio Irmandade Muçulmana, os terroristas do Estado Islâmico (também conhecido como *Isis*) e os palestinos do Hamas não concordam com o fato de que os judeus tenham o direito de viver. Por fim, há semelhanças na estrutura organizacional. Tanto Adolf Hitler quanto os chefes

dos extremistas islâmicos são aceitos entre seus seguidores sem nenhuma negociação, de maneira cega. O conteúdo moral e ético de suas ordens jamais é questionado. Para os islamistas, a lei que rege os homens foi criada por Alá e deve haver alguém encarregado de aplicá-la, o aiatolá iraniano Ali Khamenei ou o líder do Estado Islâmico, Abu Bakr al-Baghdadi. Por isso, fazem o que querem.

O senhor também comparou o Islã a uma droga. Isso não se aplica igualmente a qualquer outra religião, quando levada ao extremo? Sim, todas as religiões podem ser como drogas. Até o budismo. Tudo depende da quantidade em que são consumidas. O limite é ultrapassado quando alguém ou um grupo insiste que as regras de convivência ditadas pela sua religião devem reger todas as situações da vida. O cristianismo enfrentou esse problema na Idade Média, durante a Inquisição. Atualmente, pelo menos na Europa, tanto o judaísmo quanto o cristianismo aceitam uma função diferente na sociedade. Os católicos reconhecem o papa não como um chefe político, mas um líder espiritual. Do Vaticano, ele não determina as políticas mundiais como um chefe de Estado.



“Quando o **Corão** é aplicado sem nenhuma relativização, o resultado é sempre um regime fascista, como o do Irã”



Por que no mundo islâmico é diferente?

No Islã muita gente acredita que o *Corão* é a palavra de Deus, enviada diretamente do céu para os seres humanos. O texto divide o mundo entre bons e maus, fiéis e infiéis, e determina que o islamismo deve prevalecer sobre todas as outras religiões, o que significa controlar o mundo. Se as mensagens são interpretadas à luz do que se sabe hoje, então pode haver uma mensagem que ajude as pessoas a conviver. Do contrário, quando o *Corão* é aplicado sem nenhuma relativização, o resultado é sempre um regime fascista, como o do Irã. O Hamas fez isso na Faixa de Gaza. A mesma coisa também aconteceu na Somália e no Sudão. Não há espaço para a democracia quando se faz uma interpretação literal do *Corão*. O Islã diz que as leis são as leis de Deus e isso não é negociável. Em uma democracia, quem faz as leis são os seres humanos.

Por que o senhor considera Maomé um ditador? Ele dizia ter acesso direto a Deus, recebia as leis e as implementava. Ninguém na sua comunidade poderia negociar com ele sobre isso.

Como o Estado Islâmico consegue recrutar tantos cidadãos ocidentais para lutar no Iraque e na Síria? Em mesquitas ou sites de internet, membros do Estado Islâmico dizem a jovens que em seus países eles são vistos como criminosos e diferentes. E garantem que todos são iguais e prósperos no califado que estão construindo. Além disso, afirmam que lá os jihadistas podem ganhar muito dinheiro. Quando uma cidade é tomada e um banco é roubado, por exemplo, os combatentes recebem uma boa recompensa. Eu já vi o anúncio de um egípcio que convidava outros muçulmanos para ir para o Estado Islâmico dizendo que poderiam ganhar até 5.000 dólares por dia. Com tudo isso, o jovem que se sente um pária na Alemanha ou nos Estados Unidos acha que descobriu uma oportunidade de ganhar dinheiro, de se tornar o prefeito ou o juiz de uma cidade síria ou iraquiana ou

HAMED ABDEL-SAMAD
O egípcio radical na Alemanha foi ameaçado de morte e vive sob proteção policial

de comandar uma tropa. Todos os dias, o Estado Islâmico anuncia que conquistou cidades e dá a impressão de estar vencendo, mesmo que não esteja. O Islã também não recorre à velha retórica da vitimização muçulmana, como faz a Al Qaeda. Seus membros apresentam-se como os fortes que certamente vencerão no final. Isso tudo melhora a auto-estima. Assim, enquanto a Al Qaeda recrutava só suicidas, o Islã diz convocar os novos conquistadores do mundo. Essa é a diferença.

O Islã não pode se enfraquecer por disputas internas? Sim, e é por isso que, assim como os nazistas, o Islã criou milícias para aterrorizar dissidentes. Todos os grupos radicais, do Estado Islâmico ao nigeriano Boko Haram ou ao libanês Hezbollah, formam milicianos para impor sua ideologia na sociedade à base da violência. Não há espaço para a diversidade. Qualquer demonstração de individualismo é considerada uma ameaça, uma traição.

Em 2010, o senhor previu o declínio do Islã. O avanço do Estado Islâmico no Oriente Médio não prova o contrário?

Pode parecer que o grupo está em ascensão, mas, do meu ponto de vista, este é o começo da queda. A sociedade tribal e patriarcal do mundo islâmico não tem respostas às questões da modernidade, pois não permite a liberdade; uma condição básica para a democracia. Mesmo depois de ditadores como Hosni Mubarak, do Egito, ou Muamar Kadafi, da Líbia, terem sido depostos, seus países não se tornaram democráticos. A ascensão de grupos radicais como o Estado Islâmico levará mais adiante a queda do mundo árabe.

Por quê? No tempo de Maomé, para um ditador sobreviver bastava ter um exército forte, roubar e fazer escravos. Hoje a economia funciona de maneira diferente. Os países precisam de um sistema bancário que funcione, de uma diplomacia capaz de cultivar boas relações com outros países. Ter soldados prontos para morrer não será suficiente para muitos governos do mundo islâmico. Esse declínio será ainda mais vertiginoso daqui a vinte anos, quando o petróleo secar. As reservas são hoje a

fonte do terror, mas um dia elas não estarão mais lá. Pelo que vejo, os governantes não estão criando alternativas econômicas viáveis ao petróleo.

O senhor já foi acusado de ser tão beligerante quanto os muçulmanos radicais ao dizer que o Islã político deve ser exterminado militarmente. A crítica faz sentido? Só um ingênuo pode achar que um grupo como o Estado Islâmico pode ser derrotado com diálogo, ainda que de um lado esteja o papa e do outro os representantes dos extremistas. Não há conversa possível, porque eles não acreditam que a outra parte tem o direito de existir. Querem o poder total para controlar o mundo. A única opção é bombardeá-los e combater os soldados. Apenas isso não solucionaria o problema, claro. Subjugá-los exige enfrentá-los pelo ar e por terra e, ao mesmo tempo, ter uma estratégia para lidar com o mundo árabe, como um novo Plano Marshall (feito para levantar a Europa arrasada após a II Guerra). Os pacifistas, que acreditam que a guerra não é a solução, precisam ver a situação concreta. Se os Estados Unidos não tivessem bombardeado os terroristas que se aproximavam da minoria religiosa dos yazidis em agosto, no Iraque, haveria um genocídio. Os soldados curdos não teriam conseguido impedir o avanço deles sem ajuda. Se esses pacifistas lessem história, aprenderiam que muita gente tentou negociar com Hitler, mas de nada adiantou. Apesar da diplomacia, o nazista tomou a Checoslováquia, a Polónia e outros países. Muitos dos alemães que me criticam hoje não existiriam se os americanos não tivessem desembarcado na Normandia e libertado a Alemanha dos nazistas. Obviamente, eu prefiro não ver uma gota de sangue sendo derramada. No mundo atual, contudo, há grupos como o Estado Islâmico, que degola inocentes, estupra meninas e dizima minorias. Não podemos só ficar fazendo correntes humanas e acendendo velas, achando que isso trará paz.

O senhor já foi da Irmandade Muçulmana. Por que abandonou o grupo? Meu pai é um imã, e eu aprendi a declamar o *Corão* de memória. Na universidade, entrei para a Irmandade, atraído pelo mesmo sonho que o Estado Islâmico vende hoje, o de ser parte de uma revolução. Queríamos derrubar o ditador egípcio Hosni Mubarek e participar de uma mudança social. É uma ideia muito sedutora. Durante dois anos, presenciei a lavagem cerebral que eles fazem. Em um dia muito quente, levaram-nos para um treinamento no deserto. Deram uma laranja a cada um de nós e pediram que andássemos até cair de cansaço e sede. Então nos mandaram sentar, ajoelhar e desascar a laranja. Foi um momento de êxtase. O chefe, porém, nos disse que devíamos

em parte na religião. Por quê? Não culpo a religião, mas é um fato que vivi em uma sociedade em que a violência ocupa um papel bem forte na família e na educação. Uma criança não pode falar certas coisas. A religião tem muito disso, pois força a uma hipocrisia moral. Espera-se que os indivíduos se comportem como anjos, mas na realidade eles são pessoas normais, e isso não dá certo. Em boa parte do mundo islâmico, os homens, quando jovens, não podem se relacionar com mulheres antes de casar, mas têm desejos sexuais. Muitos acabam pegando um menino menor para se satisfazer. Gria-se assim uma atmosfera propícia para diversos crimes, e ninguém pode expô-los. Eu tinha 4 anos e meio quando fui abusado, e isso foi extremamente doloroso. Na segunda vez, eu tinha 11 anos. Ficou absolutamente claro que alguma coisa estava muito errada. Meus pais nunca souberam, até a publicação do meu primeiro livro. Eles evitaram falar comigo sobre isso.

Em Berlim, o senhor ainda recebe ameaças de morte? Sim. Elas começaram em junho de 2013, quando fui dar uma palestra no Cairo, depois das eleições em que Mohamed Mursi, da Irmandade Muçulmana, se saiu vitorioso. Um acadêmico, um político e um influente líder religioso disseram em um canal de televisão da Irmandade que eu deveria ser morto. Nem sequer seria

“Só um ingênuo pode achar que um grupo como o Estado Islâmico pode ser derrotado com diálogo, ainda que de um lado esteja o papa e do outro os representantes dos extremistas. Não há conversa possível”

preciso esperar que o Estado fizesse isso. Qualquer muçulmano poderia tomar a iniciativa porque eu teria atacado Maomé e o Islã. O político que disse isso tinha sido ninguém menos que o líder da campanha de Mursi. Na época, o ministro de Relações Internacionais da Alemanha pediu que os homens que tinham incitado esse crime fossem presos. Nada aconteceu, e Mursi apareceu abraçando esse político na televisão. Eu saí de lá e pedi à minha família que não me defendesse publicamente, pois isso seria perigoso. Mesmo assim, meus parentes receberam ameaças.

O senhor afirma que foi abusado sexualmente em sua infância e põe a culpa

mos enterrá-la e comer só a casca. Eu pensei: “Como assim? Ele só pode estar querendo me quebrar, tirar minha dignidade”. O objetivo é ensinar todos a obedecer cegamente. Fazem essas coisas para que os homens não possam dizer “não”. Isso é perigoso. Até hoje, quando descasco uma laranja, sinto um sabor amargo na boca. O meu próximo passo foi ir para a Europa, onde comecei a estudar o Islã do ponto de vista científico. Foi então que comecei a ver todas as contradições e a escrever sobre isso.

A GUERRA INTERNA

A retórica e os atentados contra o Ocidente servem para propagar a ideologia dos terroristas islâmicos, mas suas principais vítimas são outros muçulmanos

Os terroristas islâmicos planejam e fazem atentados nos Estados Unidos e na Europa também como propaganda para atrair novos recrutas. O terrorismo no próprio mundo islâmico tem como objetivo atemorizar e calar os moderados ou desestabilizar com bombas os poucos



DESESTABILIZAÇÃO Um policial foi pelos ares quando tentava, na semana passada, desarmar uma bomba terrorista no Cairo

países, como o Egito, que se recusam a deixar a vida de seus cidadãos ser dominada por religiosos — e, claro, aniquilar facções rivais. Os terroristas sunitas do Estado Islâmico têm como objetivo mais imediato derrotar os alauitas que formam o governo sírio. Eles dirigem sua violência contra os xiitas do Iraque e os curdos na região. O objetivo de longo prazo do Estado Islâmico é a formação de um “califado”, uma região sob o domínio do clero islâmico, ocupando largas porções dos territórios da Síria e do Iraque. De forma geral, o que se observa é uma crescente radicalização desses grupos, com a formação de milícias de controle interno cruéis o suficiente para dissuadir qualquer tentativa de resistência ou sedição.

Segundo levantamento do Centro Internacional para o Estudo da Radicalização, de Londres, e da rede inglesa BBC, só em novembro do ano passado 5 042 pessoas foram mortas pelo terrorismo islâmico em catorze países, dos quais nove são de maioria muçulmana. Uma pesquisa de 2011, feita pelo Centro Americano de Contraterrorismo,

mostrou que, das vítimas do terror cuja religião se podia identificar, 82% eram muçulmanas. Basta ter interesses conflitantes com os dos líderes desses grupos para que um muçulmano, por mais obediente que seja à sua religião, seja considerado “infiel”, podendo, então, ser morto ou escravizado. A exemplo do que ocorria na Alemanha nazista, onde judeu era quem o regime quisesse que fosse judeu, nas regiões dominadas pelo terror islâmico infiel é quem desafia o poder dos extremistas. Em uma das charges publicadas pelo *Charlie*

Hebdo, um terrorista se prepara para degolar Maomé, que voltou à Terra e diz: “Eu sou o profeta, idiota!”, enquanto o assassino berra: “Cala a boca, infiel!”. É difícil encontrar uma crítica mais demolidora dos assassinos que dizem lutar uma guerra santa. Nas mãos desses facinorosos, até Maomé seria martirizado.

COM REPORTAGEM DE PAULA PAULI

